

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: DOUTORADO**

ROBERTO MALUF DE MESQUITA

**EDUCAÇÃO POR MEIO DO ESPORTE:
INVESTIGANDO O CASO DO BASQUETEBOL NO BRASIL**

**Porto Alegre
2008**

ROBERTO MALUF DE MESQUITA

**EDUCAÇÃO POR MEIO DO ESPORTE: INVESTIGANDO O CASO DO
BASQUETEBOL NO BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus

Co-Orientador: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera

Porto Alegre
2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M582e Mesquita, Roberto Maluf de
Educação por meio do esporte: investigando o
caso do basquetebol no Brasil. / Roberto Maluf de
Mesquita. – Porto Alegre, 2008.
125 f.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de
Educação, PUCRS.

Orientação: Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus
Co-Orientação: Prof. Dr. Juan José Mouriño
Mosquera.

1. Educação. 2. Educação - Esporte.
3. Basquetebol Brasileiro. I. Título.

CDD 372.86

ROBERTO MALUF DE MESQUITA

**EDUCAÇÃO POR MEIO DO ESPORTE: INVESTIGANDO O CASO DO
BASQUETEBOL NO BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada como requisito
para obtenção do grau de Doutor pelo
Programa de Pós-Graduação da Faculdade de
Educação da Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul.

Aprovada em:.....de.....de 2008

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus
PUCRS

Co-Orientador: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera
PUCRS

Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho
UFRGS

Profa. Dra. Katia Rubio
USP

Prof. Dr. Marcelo Olivera Cavalli
PUCRS

Dedico esta tese a minha maior Professora,
Laila Maluf de Mesquita,
minha mãe.

AGRADECIMENTOS

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, representada pelo Reitor, Prof. Joaquim Clotet, pelo investimento na qualificação docente que concedeu uma bolsa integral para a realização desta tese.

À Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, representada pela Profa. Sônia Beatriz da Silva Gomes, Diretora; Prof. Francisco Camargo Netto, ex-Diretor; Prof. Luciano Castro e Profa. Jane da Silva Gonzalez, ex-Vice-Diretores, pela confiança e apoio.

Ao Prof. Claus Dieter Stobäus, meu orientador, pelas horas dedicadas à orientação desta pesquisa e também pela pessoa que representa. Ao Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação e co-orientador, Prof. Juan José Mouriño Mosquera.

Aos membros da Banca Examinadora, Prof. Alberto Reinaldo Reppold Filho, Profa. Katia Rubio e Prof. Marcelo Olivera Cavalli, por serem responsáveis pela qualificação desta tese e muito contribuírem na minha formação pessoal e profissional.

Representando a competência e dedicação dos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o meu reconhecimento ao Prof. Roque Moraes.

Aos meus colegas e funcionários da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, pelo apoio e compreensão durante esse período.

Aos colegas do Curso de Doutorado: Adriana Oliveira, Berenice Hackmann, Edgar Timm, Jorge Johann, Júlio Machado, Luciana Dolci, Luiza Gerhardt, Marcos Sandrini, Maria Maira Picawy, Regina Ungaretti, Sani Cardon, Simoni Algeri, Susana Pérez e Vanise Gomes, pela parceria, confiança e contribuição com este estudo.

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Educação, Anahi Azevedo e Patricia Botelho, pelo trabalho competente e dedicação.

A minha família: Laila (mãe), Lelli (avó, *in memoriam*), Jose Antonio (pai), Maria José (irmã), Renato (irmão), Daniel (irmão), Gabriela (filha), Gabriel (sobrinho) e Luciano (sobrinho), que representou o alicerce desta construção. O reconhecimento é extensivo aos Graduados, Mestres e Doutores do meio acadêmico ou da Escola da Vida de minha família Maluf, representados pela avó Wally e avô Rage (*in memoriam*).

À Denise Kriedte da Costa, extensivo ao Hélio, Edith, Nivia e José Alfredo, pelos anos de convívio, dedicação e espírito de superação.

A minha família americana: Terence O'Connor (*in memoriam*), Susan, Katie, Cullen, Carrie e Mick, pela confiança, convívio harmonioso e a celebração de um intercâmbio bem sucedido.

À Academia Olímpica Internacional, representada pelo Reitor Prof. Kostantinos Georgiadis; à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS), representada pelo Diretor Prof. Ricardo Peterssen; à Faculdade Cenecista de Osório (FACOS), representada pela ex-Diretora Profa. Dione Maria Ramos; à Associação Brasileira de Profissionais do Basquete (APROBAS), representada pelo Presidente Prof. Tácito Pinto Filho, e à Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer do Ministério do Esporte, representada pela Secretária Nacional, Profa. Rejane Penna Rodrigues e pela Coordenadora desta mesma Secretaria, Profa. Maria Leonor Ramos, pela relevância dos esforços que contribuíram significativamente para a promoção da proposta desta tese.

Ao *Sport Director* da Federação Internacional de Basketball (FIBA), Lubomir Kotleba, pela relevância que o apoio dessa Federação simbolizou e também pela excelência do trabalho dedicado à comunidade do basquetebol mundial.

À Federação Paulista de Basketball e à Federação Gaúcha de Basketball, representadas por Alberto Lapoian e Carlos Nunes, respectivamente, que não mediram esforços para viabilizarem as entrevistas concedidas.

Um agradecimento especial aos 29 entrevistados (18 técnicos e 11 jogadores), representantes da elite do basquetebol brasileiro e que contribuíram, por meio dos seus relatos, de modo significativo na elaboração desta tese.

Ao Prof. Mario Brauner e ao Técnico de Basquetebol Sérgio Einloft, que simbolizam todos os meus professores e técnicos que, por meio do exemplo, abnegação e competência, iluminaram a minha caminhada.

Aos amigos do coração que o destino presenteou ao possibilitar encontros e muita carga de carinho ao longo da minha trajetória: Álvaro Severo, Andréa Isaias, Anna Duarte, Beatriz Juchem, Celso Folberg, Eleonora Martins e Eduardo, Fernanda Duarte, Fernando Ribeiro, Flávia Dias, Francisco Bello Júnior, Geraldo Almeida, Ladi Lemos, Leonardo Quadros, Luís e Sérgio Cavalcanti, Madeleine Müller, Magda Ferreira, Martha Taboada e Luciano, Rosângela Guajardo, Sayonara e Otávio Pereira, representantes dos alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha, onde estudei o ensino fundamental. Ao Técnico da equipe de basquetebol Paulo Eleutério Favieiro, *in memoriam*, representante do Colégio Júlio de Castilhos, onde cursei o ensino médio. Ao Álvaro Reischak de Oliveira, representante dos alunos do Curso de Educação Física (ingresso em 1985) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. À Ana Valesca Hoerlle, representante dos alunos do Curso de Especialização em Ciências do Esporte (1994) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao Luiz Crescente, representante dos alunos do Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano (ingresso em 1996) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A Eduardo Ramos da Silva, Fabiano Bossle, Ivan Basegio, Júlio Perciúncula, Marcelo Sant'anna, Ricardo Castillo, Ricardo Saldanha, Sérgio Alves e Varlei Novaes, representantes do Vespeiro. Ao João Batista da Silva, Karla e Athos, e Aldo Machado, representantes do Colégio Marista Champagnat. Ao Nei Breitman, representante da Associação do Basquete de Porto Alegre. A Adriana Cavalli, Alejandro Pepiche, Alexandre Nunes e Helena Alves D'Azevedo, Ana Clori, Bruno Scheidemandel Neto, Carlos Balbinotti e Janice Mazo, Carlos Eduardo Berwanger, Carlos Machado e Mila, Cleber Bueno, Eleno Hausmann, Everson Carvalho de Bello, Francisco Vargas Neto, Gilmar Müller, Gustavo de Benedetti, Helena Santos, Jayme Werner dos Reis, João Niederauer de Souza, Jobert Teixeira Júnior, Julio Lamas, Irapuan Santos, Jonas Gurgel e Flávia Porto, Luciana Peil, Luiz Fernando Bilibio, Marcelo Cardoso, Patrícia Fontana, Pedro Fossati, Ricardo Brasilio, Sadi Pipet, Simone Iglesias, Tiago Stein, Ulf Klemm e Walter Roesse.

Aos Professores Eduardo De Rose e Lamartine DaCosta e aos amigos, colegas e Professores: Alexandra Thumm, Ana Flávia Almeida, Ana Guginski, Ana Miragaya, Angella Anastassaki, Arianne Reis, Barbara Rieger, Bernardo Villano, Berta Cerezuela, Christian Wacker, Christopher Kennett, Cris de Souza Costa, David-Claude Kemo Keimbou, Décio Calegari, Denis Kroujkov, Diana Minaříková, Douglas Castellanos, Eckhard Meinberg, Émerson Franchini, Flávio Lico, Georgios Hatzidakis, Gustavo Pires, Hans Bolling, Héctor Argüelles, Holger Preuss, Ingomar Weiler, Jan Paterson, Kathya Lopes, Laurel Iversen, Leonardo Mataruna, Letícia Godoy, Lorella Vittozzi, Márcia de Franschetti Neto, Márcio Turini, Marta Gomes, Maurício Bara Filho, Michelle Brownrigg, Neíse Abreu, Nils-Olof Zethrin, Nuria Puig, Otávio Tavares, Penelope Amelidou, Raoni Machado, Reelee Remmelkoor, Rodrigo Mulatinho e Daniela, Rosa D'Amico, Renan Wagner, Sílvia Dalotto, Stella Skaliaraki, Tansin Benn e Teresa Müller, uma Saudação Olímpica resultante da convivência harmoniosa e desafiadora na arena dos Estudos Olímpicos.

Aos alunos e atletas com quem recebi a oportunidade de conviver, ensinar, aprender e que foram representados no ato da defesa desta tese por: Camila Rodenbusch, Gabriel Espinosa da Silva, Luis Henrique Silva, Marcus Piccoli, Maurício Lemieszek Schames e Renata Vivian.

As mudanças nunca ocorrem sem
inconvenientes, até mesmo do
pior para o melhor.

Hooker

RESUMO

Nos últimos anos, a Educação por meio do esporte vem conquistando reconhecimento de vários setores da sociedade, uma vez que apresenta efetivas possibilidades para o desenvolvimento de atitudes e valores em crianças e jovens. Esse tópico foi abordado por Pierre de Coubertin e consta na Carta Olímpica. Entretanto, existem indícios que sugerem certa distância entre os princípios e objetivos que regem a organização e funcionamento do Movimento Olímpico e a realidade do esporte praticado por crianças e jovens no Brasil. A comunidade científica tem questionado essa prática, remetendo à reflexão sobre tópicos importantes relacionados com aspectos pedagógicos, integridade física e psicológica dos praticantes. Face ao exposto, os objetivos do presente estudo foram: a) investigar discursos e práticas emergentes das falas de jogadores e técnicos de equipes de basquetebol de alto rendimento, referentes à Educação por meio do esporte no Brasil no sentido mais amplo e especificamente o basquetebol; b) confrontar os discursos e práticas emergentes com os pressupostos teóricos atuais; c) sugerir princípios orientadores para a Educação por meio do esporte de crianças e jovens, direcionados para o basquetebol. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e compreensiva, realizado a partir de entrevistas com jogadores e técnicos de equipes brasileiras de basquetebol de alto rendimento. As informações coletadas foram trabalhadas a partir de Análise Textual Discursiva, numa integração de categorias *a priori* e emergentes. Na maioria dos casos, a importância da atividade física regular e bem orientada na formação de crianças e jovens foi enfatizada, porém os resultados apontaram que a prática atual da iniciação esportiva, organizada pelas Federações que regem o basquetebol no país, exige a superação de modelos que propõem uma especialização precoce e conseqüente desrespeito às fases de crescimento e desenvolvimento, para atingirem-se modelos que estão em sintonia com as teorias da Educação esportiva. Entre as alternativas que podem ser recomendadas a partir de princípios orientadores derivados do estudo, estão os jogos cooperativos, festivais e *jamborees* com adaptações para o basquetebol.

Palavras-chave: Educação. Educação por meio do Esporte. Basquetebol Brasileiro.

ABSTRACT

In the last years, Education through Sports is being recognized by different types of leadership in society, since it represents a possibility to develop attitudes and values in children and young people. Pierre de Coubertin touched this point and it is part of the Olympic Charter. However, there are indications that suggest some distance between the principles and objectives that rule the organization and operation of the Olympic Movement and the children and young people sports education reality in Brazil. The Brazilian scientific community has been questioning this practice, emphasizing the need to consider some important topics related with pedagogic, physical integrity and psychological aspects of the practitioners. Departing from this context a research was conducted with the following objectives: a) to investigate players' and coaches' discourses and practices on high performance basketball teams, referring to Education through sports in Brazil and specifically basketball; b) to confront practices and discourses with alleged current theoretic; c) to suggest guiding principles for Education through sports to children and youth, directed to basketball. It is a study of qualitative and comprehensive nature, achieved through interviews with coaches and players of high performance basketball teams. Information's collected were submitted to Discursive Textual Analysis, in an integration of "a priori" and emergent categories. In most cases, regular, as well as guided physical activity for kids and youth were emphasized, however the results showed that actual sports initiation, organized by basketball Federations across the country, claim to overcome the models which suggest precocious specialization and consequent kids and youth growth and development stages disrespect, to reach models in accordance with sport Education theories. Amongst recommended activities in accordance with guiding principles deviated from the study are cooperative games, festivals and jamborees adapted for basketball.

Key-words: Education. Education through Sport. Brazilian Basketball.

RESUMEN

En los últimos años, la Educación por medio del deporte viene conquistando el reconocimiento de diversos sectores de la sociedad, una vez que presenta efectivas posibilidades para el desarrollo de actitudes y valores en niños y jóvenes. Este tópico fue abordado por Pierre de Coubertin y consta en la Carta Olímpica. Entretanto, existen indicios que sugiere cierta distancia entre los principios y objetivos que rigen la organización y el funcionamiento del Movimiento Olímpico y la realidad del deporte practicado por niños y jóvenes en Brasil. La comunidad científica ha cuestionado esa práctica, remitiendo a la reflexión sobre tópicos importantes relacionados con aspectos pedagógicos, integridad física y psicológica de los practicantes. Frente a lo expuesto, los objetivos del presente estudio fueron: a) investigar discursos y prácticas emergentes de los diálogos de los jugadores y técnicos de equipos de básquetbol de alto rendimiento, referentes a la Educación por medio del deporte en Brasil, en el sentido más amplio y específicamente el básquetbol; b) confrontar los discursos y prácticas de emergentes con los presumidos teóricos actuales; c) sugerir principios orientadores para la Educación por medio del deporte de niños y jóvenes, direccionados para el básquetbol. Se trata de un estudio de naturaleza de calidad y comprensiva, realizada a partir de entrevistas con jugadores y técnicos de equipos de Brasil de básquetbol de alto rendimiento. Las informaciones colectadas fueron trabajadas a partir de Análisis Textual Discursiva, en una integración de categorías *a priori* y emergentes. En la mayoría de los casos, la importancia de la actividad física regular y bien orientada en la formación de niños y jóvenes fue enfatizada, pero los resultados apuntaron que la práctica actual de la iniciación deportiva, organizada por las Federaciones que rigen el básquetbol en el país, exige la superación de modelos que propone una especialización precoz y consecuente desacato a las fases del crecimiento y desarrollo, para alcanzar modelos que están en sintonía con las teorías de la Educación deportiva. Entre las alternativas que pueden ser recomendadas a partir de principios orientadores derivados del estudio están los juegos cooperativos, festivos y *jamborees* con adaptaciones para el básquetbol.

Palabras claves: Educación. Educación por medio del Deporte. Básquetbol Brasileño.

RÉSUMÉ

Ces dernières années, l'Education par le sport gagne la reconnaissance de plusieurs secteurs de la société, vu qu'elle présente des possibilités réelles pour le développement d'attitudes et de valeurs chez les enfants et les jeunes. Cet aspect a été traité par Pierre de Coubertin et est présent dans la Charte Olympique. Toutefois, il y a des indices d'un certain écart entre les principes et objectifs qui régissent l'organisation et le fonctionnement du Mouvement Olympique et la réalité du sport pratiqué par les enfants et les jeunes au Brésil. La communauté scientifique remet en question cette pratique et renvoie à une réflexion sur des questions importantes ayant trait aux aspects pédagogiques, à l'intégrité physique et psychologique des pratiquants. Face à cela, les objectifs de cette étude ont été: a) analyser les discours et les pratiques émergents des propos de joueurs et d'entraîneurs d'équipes de basket-ball de haute performance, en rapport avec l'Education par le sport au Brésil en général et plus particulièrement par le basket-ball; b) confronter les discours et les pratiques qui surgissent de nos jours aux présupposés théoriques actuels; c) suggérer des principes pour l'Education par le sport d'enfants et de jeunes, orientés vers le basket-ball. Il s'agit d'une étude qualitative et compréhensive, menée à partir d'interviews avec des joueurs et entraîneurs d'équipes brésiliennes de basket-ball de haute performance. Les informations collectées ont été traitées par la méthode d'Analyse Textuelle Discursive, dans une intégration entre catégories *à priori* et catégories surgissant de nos jours. Dans la plupart des cas, l'importance de l'activité physique régulière et bien orientée dans la formation des enfants et des jeunes a été soulignée, mais les résultats montrent que la pratique actuelle d'initiation sportive, organisée par les Fédérations qui dirigent le basket-ball dans le pays, exige le dépassement des modèles qui proposent une spécialisation précoce tout en ignorant les étapes de croissance et de développement, pour en arriver aux modèles qui s'accordent avec les théories actuelles de l'Education sportive. Parmi les différentes alternatives qui peuvent être conseillées à partir des principes orienteurs déduits de cette étude, on peut citer les jeux coopératifs, les festivals et les *jamborees* avec des adaptations pour le basket-ball.

Mots-clés: Education. Education par le Sport. Basket-ball Brésilien.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Quadro 1** – Federações que apresentaram informações referentes aos Campeonatos Estaduais de categorias de base, disponíveis nos seus respectivos sites.....33
- Quadro 2** – Categorias de análise, respectivas subcategorias e argumento central.....74

LISTA DE SIGLAS

APROBAS - Associação Brasileira de Profissionais do Basquete

CBB - Confederação Brasileira de Basketball

COI - Comitê Olímpico Internacional

CIM - Comitê Internacional de Minibasquetebol

EEP - Especialização Esportiva Precoce

FIBA - Federação Internacional de Basquetebol

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 AS MOTIVAÇÕES DO ESTUDO	19
1.2 O CENÁRIO ATUAL DOS EVENTOS DE BASQUETEBOL ORGANIZADOS PARA CRIANÇAS E JOVENS NO BRASIL	29
1.3 CONFIGURAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	40
1.4 OS CAPÍTULOS E A TESE	40
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	41
2.1 AS COMPETIÇÕES DOS ADULTOS X AS COMPETIÇÕES DE CRIANÇAS E JOVENS	41
2.1.1 A seleção dos melhores	48
2.1.2 A maturação biológica	52
2.1.3 Quando os objetivos da competição são questionados	55
2.2 A IMPORTÂNCIA DO PROGRESSO DA CIÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE: O PAPEL DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM DESTAQUE	59
2.3 O <i>FAIR PLAY</i> E A EDUCAÇÃO POR MEIO DO ESPORTE	62
3 INVESTIGAÇÃO	68
3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA	68
3.2 SUJEITOS	69
3.3 INSTRUMENTOS	70
3.4 PROCEDIMENTOS	71
3.5 METODOLOGIA DE ANÁLISE	71
3.6 ESTRUTURA DE CATEGORIAS PRODUZIDA	72
4 RESULTADOS	75
4.1 A IDADE DE COMPETIR NO MESMO MODELO DOS ADULTOS	75
4.2 A RELEVÂNCIA PROFISSIONAL DO EDUCADOR FÍSICO	86
4.3 EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS POR MEIO DO ESPORTE	96
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	105
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	123
ANEXO B - ENTREVISTA COM OS TÉCNICOS	124
ANEXO C - ENTREVISTA COM OS JOGADORES	125

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a Educação por meio do esporte vem conquistando reconhecimento de vários setores da sociedade, uma vez que apresenta efetivas possibilidades para o desenvolvimento de atitudes e valores em crianças e jovens.

Os cursos de formação de profissionais de Educação Física passaram a enfatizar a idéia de que os exemplos de *fair play*, como ganhar e perder com dignidade, respeitar as regras e os adversários, podem servir para futuros empreendimentos na vida de cada cidadão.

Esse tópico foi abordado pelo Barão Pierre de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Entretanto, há indícios de que a realidade do esporte praticado por crianças e jovens no Brasil está distante dos objetivos que regem a organização e funcionamento do Movimento Olímpico. Em muitos casos, os modelos esportivos para os adultos são introduzidos com pequenas adaptações nas categorias de base.

Atualmente visualizo, em inúmeras oportunidades, a situação de crianças e jovens competindo no modelo cujo formato está baseado nos campeonatos de atletas profissionais. Há décadas essa proposta parece sobrepor-se a qualquer outra em nosso país. A comunidade científica tem questionado essa prática, remetendo à reflexão sobre tópicos importantes que serão abordados a seguir.

Levando em consideração a integridade física dos seres em formação, é importante enfatizar que o esporte de rendimento visa, prioritariamente, o resultado, comprometendo, em determinadas ocasiões, a saúde dos participantes. Qualquer programa de atividade física voltado para a infância e juventude que não prevê a promoção da saúde física e psicológica como um dos principais objetivos deve ser questionado.

Outro aspecto contestado é a exclusão de crianças e jovens considerados menos habilidosos que, ao competirem em eventos que seguem as regras oficiais do basquetebol, onde o número de participantes é limitado, são privados, em alguns casos, de participarem de determinadas competições. Essas ações parecem evidenciar antagonismo aos atos pedagógicos.

Ciente da relevância do tema acima mencionado, a Associação Brasileira de Profissionais do Basquete (APROBAS) organizou, no seu primeiro ano de fundação, em 2003, o Congresso intitulado Categorias de Base: o futuro começa aqui. Nesse evento, os técnicos responsáveis pelas 6 equipes melhor classificadas no Campeonato Brasileiro de

Basquetebol Adulto Masculino, proferiram palestras que mencionavam suas experiências profissionais, destacando a importância da relação de um trabalho competente no que se refere à Educação por meio do esporte e à possibilidade de formação contínua de atletas com potencial de representar a seleção brasileira. Várias críticas foram direcionadas às competições organizadas para crianças e jovens no Brasil. A exemplo de outras oportunidades, foi enfatizada a necessidade urgente da criação de um curso de capacitação para os professores/técnicos que atuam nas diferentes faixas etárias do basquetebol brasileiro.

Cumprindo um dos objetivos estabelecidos na primeira edição do Congresso da APROBAS, especificando, seguir debatendo as questões relacionadas com a Educação por meio do esporte, foi realizada, em 2004, a segunda edição do referido evento. Nessa ocasião, inúmeros profissionais que atuam com a iniciação esportiva apresentaram relatos de experiências ou no caso de professores universitários, sugestões de projetos que visam qualificar as diferentes realidades que englobam o tema. Assim como na primeira edição do Congresso, inúmeras críticas foram apresentadas, seguidas de debates acirrados entre os participantes. A polêmica envolvendo o modelo de esporte para crianças e jovens seguido no Brasil, que copia, com pequenas alterações, as competições de alto rendimento, foi e entende que ainda é o objeto de maior contestação e reflexão. Novamente a necessidade de formação de um curso de capacitação para os professores/técnicos que trabalham nas diferentes faixas etárias do basquetebol brasileiro recebeu reconhecimento unânime dos participantes.

A terceira edição do Congresso foi organizada em 2007, e os pontos polêmicos dos 2 eventos anteriores foram enfatizados, uma vez que nenhuma mudança significativa de caráter prático foi constatada. Isto é, os resultados dos estudos científicos continuam distantes da realidade prática da Educação esportiva de crianças e jovens no Brasil. O Professor Tácito Pinto Filho, Presidente da APROBAS, afirmou que esses foram os primeiros de muitos encontros que centrarão o foco de estudo na formação esportiva de crianças e jovens, já que cada vez com mais intensidade, as vitórias e conseqüentes títulos são supervalorizados.

O Encontro Anual de Basquetebol organizado para crianças e jovens de âmbito Sul-Americano, que ocorre há mais de uma década no estado do Rio Grande do Sul (SOCIEDADE GINÁSTICA DE NOVO HAMBURGO, [on-line]) ilustra com clareza a afirmação acima mencionada. Ao longo das inúmeras edições do referido evento, é nítida a proposta de competição baseada no modelo do alto rendimento. Esse é um ponto que, no decorrer das últimas décadas, tornou-se gerador de polêmica.

Um dos fatos que chama atenção são os repetidos sucessos das equipes de diferentes faixas etárias que representam o Paraguai na competição. Normalmente essas equipes classificam-se entre as 3 melhores do campeonato de cada categoria que disputa. Para entender melhor o processo de formação de atletas no Paraguai, é necessário referir o modo com que são organizadas as equipes que participam do Encontro, de acordo com um dos professores que integraram a Comissão Técnica da delegação daquele país em 2006. Cinco clubes daquele país elegem, por intermédio dos seus professores/técnicos, os melhores jogadores de basquetebol, entre as idades de 11 e 14 anos. A Confederação Paraguaia de Basquetebol permite que as equipes representem aquele país.

Há exemplos de inúmeros casos de precocidade no esporte, e a quantidade de títulos conquistados pelas referidas equipes é muito elevada. Há alguns anos, diferentes clubes de São Paulo discutiram a possibilidade de fazerem uma seleção daquele estado, com o intuito de competir de modo mais igualitário com os quase imbatíveis vizinhos brasileiros. Porém a proposta não foi aprovada.

A reflexão que segue transfere o foco das atenções para os resultados internacionais das seleções adultas paraguaias nas últimas décadas. Nesse sentido percebo que as equipes dessa nação são, invariavelmente, as mais fracas das competições de que participam.

Desse modo, a proposta de formar futuros atletas de alto rendimento, por meio da conquista de títulos no transcorrer da iniciação esportiva, não pode ser sustentada nesse caso, uma vez que as crianças e jovens que se sagraram inúmeras vezes campeões Sul-Americanos não estão conseguindo reverter os repetidos fracassos da categoria principal do basquetebol paraguaio. Afinal de contas, será esse um modelo interessante de ser seguido em nosso país? Ao contrário de inúmeras generalizações que devem ser evitadas, o caso acima relatado apresenta muitas semelhanças com o elevado número de processos de iniciação de crianças e jovens por meio do esporte que não apresentam embasamento científico e, conseqüentemente, expressam por meio de resultados fracassados o insucesso dos projetos, demonstrado neste caso, por meio do exemplo das Seleções principais de basquetebol do Paraguai.

Julgo importante debater o motivo que leva as federações regionais do basquetebol brasileiro, inclusive a própria Confederação Brasileira de Basketball (CBB), a apoiarem a organização de eventos que seguem os modelos do Encontro Sul-Americano. Nesse caso, entenda-se que o modelo de competição seguido no Encontro Sul-Americano, via de regra, reproduz, com pequenas adaptações, os campeonatos disputados por jogadores adultos. Em nível escolar, os Jogos Bom de Bola (BOM DE BOLA PARATI, [on-line]) organizados no

Rio Grande do Sul e as Olimpíadas Escolares (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, [online]) organizadas em âmbito nacional podem, em alguns aspectos essenciais, representar o mesmo modelo em questão. É importante frisar que o foco principal desta investigação será o modelo de esporte organizado para crianças e jovens no Brasil.

O fato de questionar o modo com o qual esse processo vem sendo conduzido no Brasil não significa defender a ausência da prática esportiva regular e orientada para crianças e jovens. Não há dúvida de que essa prática é de suma importância para o desenvolvimento do ser humano, independente da faixa etária. Contudo, devemos ficar atentos para priorizarmos o prazer (e não a imposição) na prática esportiva direcionada nesta fase de desenvolvimento humano, do contrário o efeito pode ser nefasto.

Este estudo está baseado no basquetebol, mas, de qualquer modo, os outros esportes coletivos como futebol de campo, futsal, voleibol e handebol poderão aproveitar, em certa medida, os resultados desta pesquisa.

1.1 AS MOTIVAÇÕES DO ESTUDO

Visando apresentar as motivações deste estudo, procuro refletir sobre o esporte para crianças e jovens a partir de 6 olhares que julgo marcantes na minha trajetória esportiva e acadêmica: atleta, técnico, estudante universitário, gestor, professor do ensino médio e professor universitário. O objetivo é relatar em ordem cronológica, alguns episódios da minha história esportiva que considero relevantes para a compreensão desta pesquisa.

Mesmo entendendo que o esporte suscita nas pessoas sentimentos diferenciados e que as vivências são únicas, acredito que de algum modo, os conhecimentos adquiridos por meio da vivência prática podem ser generalizados dentro de um determinado contexto esportivo. O histórico dessas vivências faz com que as experiências individuais adquiram uma conotação passível de compartilhamento com seus pares. Percebo então, que esses aprendizados, além de apresentarem características individuais, também podem ser considerados coletivos.

Motivado pelo convite de colegas e por ausência de opções, em 1977, aos 12 anos passei a integrar a equipe de basquetebol do Colégio em que estudava. Esta prática ocorria 3 vezes por semana sob a orientação de um professor de Educação Física, no horário inverso ao

das aulas de Educação Física. Esta nova rotina interferiu positivamente na minha vida. Sentia prazer quando estava na presença do grupo, independente de estar no horário do treinamento. Costumava contar as horas que faltavam para o início dos treinos. O ingresso na equipe de basquetebol provocou alterações no meu comportamento. Meus pais perceberam responsabilidade e disciplina em determinadas situações de convívio familiar.

Por outro lado, lembro com muita clareza as repreensões e cobranças do técnico durante as práticas e principalmente nas partidas. Confesso que esse procedimento do técnico provocava insegurança e nervosismo. Além da ansiedade que sentia antes dos jogos, não somente pelo fato da competição em si, mas também por não saber se seria relacionado entre os 12 jogadores representantes da equipe permitidos pela regra. Esta ansiedade foi passando com o tempo, na medida em que aumentava meu desempenho. Percebia sentimentos semelhantes em alguns companheiros da equipe. Para outros, a superação da dificuldade parecia ser mais demorada, ou, quem sabe, ficou presente enquanto estiveram envolvidos naquele modelo de competição. Posteriormente, minha preocupação era saber se seria relacionado entre os 5 jogadores titulares que atuavam desde o início do jogo. Ser titular representava permanecer por mais tempo na quadra, uma vez que vencer as disputas sempre prevaleceu como referência nos critérios de escalação do técnico.

Levando em consideração o ato de educar por meio do esporte inserido na perspectiva atual, questiono: qual a relevância das atitudes dos técnicos baseadas em repreensões e cobranças? Será que em uma proposta considerada eficiente no que diz respeito à iniciação esportiva, uma criança ou jovem precisa sentir a incerteza de não saber se será selecionado para jogar com os seus amigos? Como explicar para aqueles que não foram selecionados pelos seus respectivos técnicos? Quanto ao tempo de jogo: um educador precisa ter claro qual criança vai jogar mais tempo? Ou seria melhor permitir que todos participassem em tempos praticamente iguais?

Paralelamente ao basquetebol, praticava futebol de modo recreativo. Para os meus pais eu apresentava aptidão para a modalidade. Este fato os motivou a inscrever o meu nome em uma competição individual de habilidades no futebol em âmbito municipal. No dia do evento, senti uma sensação que descreveria atualmente como tensão pré-competitiva. Chorei por muitas horas e não consegui ingerir nenhum alimento no horário do almoço. Treinei o roteiro previsto para a competição algumas horas antes do evento. Ao final da estressante jornada percebi que além da aptidão para este esporte, apresentei muita tranquilidade durante a disputa. Fato que considerei preponderante para conquistar a primeira colocação.

O feito foi amplamente divulgado entre os familiares e fez com que minha mãe profetizasse que eu participaria da Copa de Mundo de 1982, quando completasse 17 anos. O fato seria duplamente histórico. Além de participar de uma Copa do Mundo de Futebol precocemente, seria comparado ao recorde do Pelé que conseguiu tal proeza ainda adolescente. Tal possibilidade me deixava satisfeito. Porém, ao mesmo tempo em que me sentia prestigiado, percebia a responsabilidade de alcançar um objetivo muito distante da minha realidade. Estes elogios desmedidos podem causar, muitas vezes, conseqüências mais negativas do que positivas nas crianças e jovens. Ainda não saberia avaliar o impacto de tal fato vivenciado na época.

É importante destacar que após o título individual conquistado no evento acima referido, minha expectativa de participar de uma grande equipe de futebol era enorme. Entretanto, a frustração poderia ser medida na mesma proporção da expectativa mencionada, uma vez que a competição em que havia me destacado não previu um jogo propriamente dito de futebol. Os quesitos elaborados pela organização do evento incluíram basicamente habilidades com a bola de futebol. Como no momento apresentava desvantagem física em relação aos meus pares, a dificuldade de jogar em uma equipe competitiva era enorme. Após inúmeras tentativas frustradas de continuar treinando em ambos os clubes profissionais famosos de futebol de Porto Alegre, desisti com muito pesar.

Face ao exposto, apresento os seguintes questionamentos: qual o mérito educacional do estresse pré-competitivo que faz parte da realidade das competições de crianças e jovens? Será que os educadores e/ou responsáveis pela organização de eventos voltados para crianças e jovens poderiam adiar esse sentimento preservando os iniciantes? Quais os benefícios causados pelas expectativas geradas por parte dos pais e técnicos no que diz respeito à projeção de campeões em idade precoce?

Recordo que a possibilidade de parar de treinar regularmente em uma equipe organizada, fosse de futebol ou de basquetebol, era motivo de incômodo constante. O gosto pela prática regular de um esporte era maior do que qualquer obstáculo. Em 1980, aos 15 anos, tive a oportunidade de praticar basquetebol em um clube de pequeno porte. A partir desse fato, passei a treinar basquetebol tanto no Colégio como no clube, em dias alternados. Desde o início eu era considerado de baixa estatura para a prática do basquetebol e sentia a desvantagem da diferença física em relação aos meus pares. Estar relacionado entre os 20 jogadores do clube era uma tarefa muito difícil. No período de alguns meses, cresci

aproximadamente 20 centímetros e após transpor uma fase de adaptação, passei a integrar regularmente o grupo dos 12 jogadores relacionados para os jogos.

O ápice do desenvolvimento na modalidade foi registrado aos 17 anos, quando fui designado capitão da equipe de basquetebol do Colégio em que freqüentava o ensino médio e passei a compor a equipe titular do clube onde jogava, posteriormente nomeado capitão pelo técnico. Seis meses depois fui convocado para a Seleção Gaúcha e após uma concorrida fase de treinamento, recebi a notícia que meu nome constava entre os 12 jogadores que participariam dos Jogos Escolares Brasileiros.

Acredito que o período de 2 anos que se passaram entre o estágio de não ter oportunidade de jogar em uma equipe competitiva até a fase de integrar a Seleção Gaúcha de basquetebol e participar de um Campeonato Brasileiro, pode exemplificar o fenômeno do crescimento que ocorre, normalmente na puberdade. Quantos casos iguais a este poderiam ser computados ao longo das últimas décadas? E aqueles que por qualquer motivo, desistiram do esporte competitivo?

Após alguns anos de vivência na condição de atleta de basquetebol, percebi que não seria jogador profissional. Decidi então, iniciar uma nova carreira. Já havia ingressado no Curso de Licenciatura em Educação Física e atuava como estagiário de basquetebol em um clube. A possibilidade de trabalhar em outra área que não fosse a Educação Física era inexistente.

Ao fazer esse retrospecto da minha vivência como atleta entendo que não ocorreram fatos isolados. Os fatos relatados podem ser, pelo menos em parte, comparados ao modelo esportivo de iniciação, desenvolvimento e organização vigente no país.

O trecho que segue marca o encerramento da narrativa da minha experiência esportiva na condição de atleta e passa a abordar minha experiência como técnico de basquetebol.

Em 1986, aos 21 anos de idade, quando cursava o segundo ano da faculdade, fui efetivado técnico de basquetebol no mesmo clube esportivo em que havia estagiado. Além de ensinar iniciantes, de 7 a 10 anos de idade, desempenhei a função de técnico da categoria mirim (jogadores até 13 anos) e assistente técnico da categoria pré-infantil (jogadores até 14 anos).

O modo com que preparava os treinamentos e participava das competições era idêntico ao 'formato' que havia vivenciado na minha carreira de jogador. Ao final da primeira temporada de trabalho tinha a convicção de que o modelo seguido nos treinamentos e jogos era o 'ideal'. O título de Campeão Estadual conquistado pelas duas equipes, em cuja

Comissão Técnica participei, ratificava a euforia do momento. O fato de receber grande apoio do grupo de técnicos de basquetebol do clube corroborava com minhas convicções. Acreditava tanto na proposta “os campeões nas categorias de base um dia serão adultos campeões”, que nos dias 25 de dezembro e 31 de janeiro de 1986, datas que antecederam os jogos finais dos 2 títulos estaduais mencionados, eu convoquei os jogadores das duas categorias que trabalhava para treinar. E destaco que nenhum jogador faltou aos treinos.

Nos 2 anos seguintes, aceitei o convite para trabalhar desempenhando a função de técnico de basquetebol em um clube paulista de expressão e em outro clube da capital gaúcha, respectivamente. As experiências adquiridas limitaram-se à faixa etária em torno dos 14 e 15 anos. Ao comparar as metodologias de trabalho, percebi várias semelhanças nas propostas das 3 experiências (clubes) que havia vivenciado. Nesse período cursava o terceiro ano da faculdade e julgo importante salientar que até então não percebia com maturidade acadêmica a possibilidade de existência de outro modelo de iniciação esportiva diferente do que havia vivenciado na condição de atleta e até então de técnico.

Em 1989 decidi aproveitar a oportunidade de morar em Indiana, nos Estados Unidos, por meio de um Programa de Intercâmbio Estudantil. Um dos principais objetivos da viagem, além de aprender inglês, foi estudar o basquetebol americano, que é reconhecido mundialmente como um dos maiores formadores de jogadores de basquetebol de alto rendimento. Cursei 1 semestre do último ano do Curso de Educação Física em uma universidade americana. Foi nesse período que modifiquei significativamente minha visão educacional no que diz respeito à iniciação esportiva. Ao investigar o padrão de treinamento, bem como o de competições de crianças e jovens praticantes do basquetebol daquele país, fui surpreendido ao verificar que o modelo adotado, pelo menos na região americana em que vivi, difere expressivamente da proposta que naquela época, e ainda na atualidade, é referência no Brasil.

No estado de Indiana, entre outros esportes, a formação do basquetebol é baseada na escola. Não existe previsão de organização de competições nos âmbitos estadual e nacional até o ano em que os alunos completam 14 anos, normalmente coincidindo com o término do ensino fundamental. A prioridade das aulas de Educação Física está centrada no desenvolvimento do repertório motor (aquisição de habilidades gerais), isto é, quanto maior a vivência física dos iniciantes, melhor. Logicamente com acompanhamento de profissionais especializados na área.

Entre os 15 e 16 anos ocorre uma fase de transição. Os adolescentes selecionados passam a integrar a segunda equipe de basquetebol da escola de ensino médio. Aquelas competições de basquetebol direcionadas para crianças de 12 anos ou idade inferior em outras modalidades de esporte coletivo, como por exemplo, o futsal, que estamos acostumados a vivenciar no Brasil, são organizadas nos Estados Unidos. De acordo com a minha percepção, a partir dos 17 anos, período em que os jogos são disputados com muita intensidade até os 18 anos, idade em que usualmente os jovens concluem o ensino médio e os principais destaques recebem bolsas de estudo para seguirem competindo representando uma universidade americana.

A possibilidade de conhecer na prática uma proposta completamente diferente da única norteadora não somente do meu trabalho, como também o do Brasil, modificou em muito meu entendimento a respeito da formação esportiva de crianças e jovens. Ao retornar dos Estados Unidos, minhas reflexões seguiam focadas nas diferenças da Educação por meio do esporte, especificamente no basquetebol, vivenciadas no Rio Grande do sul e no estado de Indiana.

Em 1990 fui convidado para ministrar um curso para professores que trabalhavam com a iniciação no basquetebol. Apresentei minhas recentes experiências e anunciei o interesse de trabalhar com uma possibilidade de mudança na iniciação esportiva de crianças e jovens. Um professor de Educação Física que participou na condição de acadêmico deste curso demonstrou interesse na proposta apresentada, ou seja, fui convidado a tentar implementar na prática, respeitando a realidade gaúcha, o que havia aprendido no estado de Indiana. Prontamente aceitei o desafio.

Durante 6 anos trabalhamos tentando evitar treinamentos orientados para resultados em curto prazo, sobretudo impedindo qualquer exclusão das crianças que não apresentassem desempenhos esportivos entendidos como ideais nas suas respectivas faixas etárias. A proposta de estudar e desenvolver o repertório motor dos praticantes por um período de médio e longo prazo foi desafiadora. Foi uma oportunidade para desenvolver um projeto que há alguns meses havia elaborado, porém nunca havia vivenciado na prática. Se por um lado pesava negativamente a inexperiência, por outro contava com apoio dos diretores da escola. Este fato resultou em autonomia de trabalho. Importante destacar o apoio recebido dos pais das crianças e jovens envolvidos no projeto.

Senti nos primeiros meses a complexidade de implementar uma proposta muito diferente da realidade em que estava inserido, mas o desafio da construção de um novo caminho em que passei a acreditar se transformou em uma motivação muito importante

naquele período. Os 6 anos de trabalho renderam apresentações em diferentes instituições como escolas, clubes, universidades, congressos científicos, inclusive contando com uma participação no grupo de palestrantes da I Clínica Nacional de Minibasquete, promovida pela CBB e Federação de Basketball de Alagoas.

As apresentações acadêmicas mencionadas significaram, em um primeiro momento, um grande desafio. Entretanto, após um trabalho de pesquisa, contando com a orientação de professores universitários, o amadurecimento pessoal e profissional foi visível.

Igualmente difícil foi a elaboração de um novo modelo, que posteriormente foi apresentado para os demais professores da escola esportiva e por fim, a fase de implementação prática do projeto que durou aproximadamente 1 ano. Após esse período, todas as sedes da escola esportiva que funcionavam basicamente nos ginásios de colégios passaram a utilizar as propostas do novo projeto que foi construído contando com a participação direta dos professores colegas.

Praticamente no mesmo momento em que fui convidado a ministrar o curso acima mencionado, iniciaram as aulas onde cursei o último semestre da faculdade de Educação Física. Passei a buscar a opinião tanto de professores que ministravam aulas naquele semestre, bem como de ex-professores. A partir desse contato, pesquisei inúmeras referências bibliográficas apontadas por tais profissionais. Encontrei diversos estudos que abordavam de diferentes perspectivas as competições organizadas para crianças e jovens no Brasil, realidade com a qual estava familiarizado, de acordo com a experiência já relatada. O que mais chamava atenção nos estudos consultados era o modo constante com que apareciam críticas à realidade que testemunhara ao longo de minha infância, juventude e também quando adulto jovem. As propostas alternativas apresentadas por diferentes autores brasileiros e estrangeiros, naturalmente conduziam meu pensamento à proposta de Educação por meio do esporte que havia acompanhado por alguns meses nos Estados Unidos. Porém, não consegui visualizar naquele momento, nenhuma proposta que pudesse ser considerada semelhante às sugeridas pelos autores pesquisados e tampouco a proposta americana que conheci.

Ainda no mesmo período em que cursava o último semestre da faculdade, após questionar com veemência o modelo vigente de competição organizada para crianças e jovens, fui convidado a presidir o Comitê Gaúcho de Basquetebol Mini e Mirim que funcionava sob a supervisão da Federação Gaúcha de Basketball. Naquela época aceitava praticantes de até 12 e 13 anos, respectivamente. A principal função desempenhada consistia em trabalhar em parceria na organização dos eventos realizados no Rio Grande do Sul. Tais eventos eram

denominados *Jamborees* (termo que se originou no Escotismo). O que ocorreu na prática foi a organização de eventos paralelos aos tradicionais Campeonatos Estaduais, que passei a criticar.

A meta dos *Jamborees* era, ao contrário do que tradicionalmente acontecia, não supervalorizar os resultados, levando em consideração uma estrutura organizacional que tinha como objetivo que as crianças e jovens participassem dos jogos em tempos quase igualitários; os jogos dos iniciantes não apresentassem contagem oficial (placar), a menos que este procedimento não atrapalhasse o processo pedagógico em questão; todos os iniciantes deveriam tocar na bola antes de ultrapassarem a metade da quadra sem a interferência de nenhum adversário; todos os participantes recebiam a mesma premiação; em determinados eventos, paralelamente aos jogos, foram organizadas atividades recreativas e sócio-culturais com o objetivo de desenvolver o repertório motor e integração dos participantes, respectivamente.

Além de já ter vislumbrado resultados animadores na escola esportiva em que trabalhava, passei a perceber a possibilidade de transformação em pequenos núcleos. Porém, os técnicos dos maiores e mais tradicionais centros de basquetebol do estado relutavam em aceitar o novo modelo. Acredito que nenhum deles abandonou o 'padrão habitual'. Essas equipes participavam então, dos campeonatos tradicionais como os Campeonatos Estaduais e também dos *Jamborees*.

Ao mesmo tempo em que trabalhava em uma instituição, liderava a organização de alguns eventos que contavam com a participação de inúmeras agremiações esportivas, inclusive aquela em que trabalhava. Este fato seria inconcebível se ocorresse no modelo de competição até então vigente, uma vez que poderia provocar acusações por parte dos participantes. Acredito que o modo natural com que encarava a situação, não provocou desconfiança por parte dos demais técnicos, uma vez que os eventos não visavam reconhecer os melhores participantes do momento.

Ainda neste ciclo de tempo inspirador que englobava muitas possibilidades de propostas alternativas em relação a nossa realidade, fui assistir ao Campeonato Mundial Masculino Adulto de Basquetebol em Buenos Aires e a exemplo de 1986, quando participei de um Programa de Intercâmbio representando o clube em que trabalhava na época, convivi com um técnico de basquetebol argentino. Fiquei surpreso ao constatar que o colega argentino também passava por um momento de questionamentos e incertezas no que se referia à Educação por meio do esporte. O período de 15 dias que permaneci em que Buenos Aires foi

muito importante para o amadurecimento e reflexão a respeito do projeto. A conclusão do curso de graduação em Educação Física também colaborou no processo da nova etapa.

Percebi que a possibilidade de mudança da proposta esportiva da qual havia participado na condição de jogador e nos primeiros anos como técnico, apresentava uma enorme resistência por parte dos profissionais que atuavam tanto na realidade do Estado do Rio Grande do Sul, como em Buenos Aires. Aliás, os obstáculos que enxergava na época apontam inúmeras semelhanças se comparados com a realidade atual.

A falta de continuidade dos *jamborees* deve ser registrada. Considero esse fato proporcional à falta de convicção dos técnicos envolvidos nos mencionados eventos no que se refere a uma possível mudança em um modelo tradicionalmente estruturado. Detectei esta oposição à tentativa de iniciar gradualmente uma mudança no que se refere à iniciação esportiva de crianças e jovens, quando voltei, em 1991, a trabalhar no clube esportivo onde havia iniciado minha carreira profissional. Como naquele momento estava no quadro dos principais técnicos do departamento de basquetebol, entendia que poderia sugerir com sucesso a proposta em que acreditava. Porém, a iniciativa foi rejeitada pelos demais técnicos do departamento, bem como pelo gerente de esportes do clube.

Após 3 anos à frente do comando técnico de equipes competitivas (entre 15 e 21 anos) em um clube passei a trabalhar com alunos do ensino médio de um colégio particular de Porto Alegre. No primeiro ano de trabalho fiquei chocado com a indisciplina dos alunos, bem como a falta de respeito entre eles. Ainda que acreditando nos inúmeros benefícios que a atividade física poderia representar na formação de crianças e jovens, entendia que um longo caminho precisaria ser percorrido. Novamente minha reflexão a respeito da temática que envolvia a Educação por meio do esporte, e no caso da atividade física de modo amplo, estava presente. Ao longo daquele ano os professores do ensino médio do Colégio passaram a pensar, juntamente com a direção, em alternativas para o ano seguinte. No final do mesmo ano, um novo coordenador foi contratado e apresentou uma proposta para a Educação Física do ensino médio muito parecida com a que os professores da mesma área vinham amadurecendo. A idéia, que foi aprovada pela direção, consistia em ‘transformar’ as aulas de Educação Física em ‘clube-escola’. Os alunos passaram a escolher uma atividade física oferecida pelo colégio no turno inverso das aulas. As alternativas foram as mais variadas possíveis, como por exemplo futebol, basquetebol, dança, musculação, natação, tênis e capoeira (no caso das quatro últimas alternativas, o colégio estabeleceu convênios com clubes do bairro). Percebi uma diferença significativa na qualidade das aulas de Educação Física, opinião ratificada

pelos alunos, professores e direção. A lição aprendida consistia na possibilidade de mudança de um sistema tradicional, porém ultrapassado.

O meu retorno ao ambiente universitário ocorreu em 1994 quando fui convidado a lecionar em uma instituição de ensino superior privada. Acredito que na época a motivação poderia ser considerada ‘maior’ do que a experiência. Como a temática que envolvia a Educação por meio do esporte representava um desafio naquele momento, decidi debater com os alunos tal assunto, centrando o foco no basquetebol.

Em inúmeras oportunidades ao longo desses anos, os alunos assistiram a eventos de basquetebol organizados para crianças e jovens. Acredito que ao debaterem o tema focado na perspectiva de treinarem os olhos na visão de um professor, normalmente é muito instigante. Por outro lado (no meu caso), criticar a realidade das competições para crianças e jovens, que aponta para uma predominância no Brasil, com poucas sugestões práticas para apresentar, não é uma tarefa fácil. Comecei, a partir de então, a resgatar a proposta do *Jamboree* e motivar os alunos a buscarem alternativas para certas incoerências apontadas no que se refere às competições oficiais organizadas por Federações Estaduais Brasileiras para crianças e jovens. Considero importante registrar a resistência demonstrada por alguns professores de Educação Física que trabalham com essa faixa etária nas inúmeras oportunidades de observações de campo.

Muitos alunos têm a tendência de concordar ou de, em certas ocasiões, entender como único o modelo ‘tradicional’ de Educação por meio do esporte no qual receberam a oportunidade de participar na infância e juventude, embora relatando inúmeras experiências negativas. Com relação a este particular, cabe lembrar que no início da minha carreira de técnico, meu comportamento foi idêntico. A lembrança que tenho dos primeiros anos em que atuei como técnico é que o modelo de Educação por meio do esporte que recebera oportunidade de vivenciar não poderia nem deveria ser modificado na sua essência. Atualmente meu olhar diante da temática apresenta poucas semelhanças com a visão daquela época, uma vez que **a Educação de crianças e jovens por meio do esporte exige a superação de modelos que propõem uma especialização precoce e conseqüente desrespeito às fases de crescimento e desenvolvimento para atingirem modelos que estão em sintonia com as teorias da Educação esportiva.**

O estudo de Bompa (2002: 31) sustenta a declaração anterior ao afirmar que “jovens atletas gostam de competir; porém, é importante não enfatizar a vitória”. O autor conclui sua consideração sugerindo “estruturar as competições para reforçar o desenvolvimento de

habilidades”. Apesar de criticada por um número significativo de estudiosos e de profissionais envolvidos nesse contexto, tudo indica que as raízes de uma proposta com décadas de existência que é legitimada pelas Federações Estaduais Brasileiras, bem como pela CBB, não será modificada na sua essência em curto prazo.

1.2 O CENÁRIO ATUAL DOS EVENTOS DE BASQUETEBOL ORGANIZADOS PARA CRIANÇAS E JOVENS NO BRASIL

Percebo que o contexto atual das competições de basquetebol organizadas para crianças e jovens no Brasil não mudou significativamente se comparado com o período em que iniciei minha história esportiva na condição de atleta em 1977. A sistematização dos campeonatos segue organizada pelas Federações regionais que regem o basquetebol no país. Ferreira (1984) enfatizou a importância do papel dos clubes privados na organização esportiva brasileira, mencionando as estruturas privilegiadas e poder econômico elevado se comparados às escolas. Em contrapartida, a autora abordou as dificuldades consideradas significativas por estarem suas atividades sujeitas às políticas internas características de cada clube. E acrescenta: em geral, os conselhos responsáveis pelas modalidades esportivas dos clubes não estão interessados em Educação, mas sim em competição. A competição é importante para os clubes porque o sucesso nesses eventos promove a visibilidade da instituição, possibilita o crescimento do número de sócios e aumenta o potencial de apoio financeiro.

Provavelmente esses argumentos podem justificar a organização, sob a responsabilidade dos clubes esportivos, de competições prematuras para crianças e jovens, ao invés de programas voltados para a Educação por meio do esporte.

O estudo de Arena e Böhme (2000: 184) visou “verificar e analisar as formas de iniciação e especialização esportiva, adotados por clubes e secretarias de esportes da região da grande São Paulo, de modalidades individuais (atletismo, ginástica, natação, judô e tênis) e coletivas (basquetebol, futsal, handebol e voleibol)”. O objetivo de mencionar o estudo é estabelecer uma terminologia referente às competições organizadas para crianças e jovens no Brasil que copiam, com algumas adaptações, o modelo correspondente dos adultos. De acordo com as conclusões e sugestões do referido estudo,

a) [...].

b) no esporte de competição para menores, não existe um controle exato, por parte dos coordenadores, da carga horária de treinamento, assim como dos métodos utilizados por professores e técnicos, dificultando, tomadas claras de decisão quanto às reais diretrizes de cada instituição;

c) na maioria das entidades esportivas pesquisadas e em todas as modalidades consideradas, verificaram-se idades precoces de especialização esportiva [...];

d) as entidades esportivas, apesar de desenvolverem sistemas de iniciação poliesportiva com conteúdos programáticos adequados, promovem simultaneamente idades de especialização e competição regular abaixo daquelas recomendadas pela literatura da área;

Verificou-se que os entrevistados (coordenadores e supervisores) das entidades esportivas concordam que podem existir implicações negativas no desenvolvimento biopsicossocial e esportivo do jovem atleta, mas as instituições promovem o treinamento específico um ou dois anos antes das idades de participação em competições regulares, por questões de tradição.

De acordo com o próprio estudo (ARENA e BÖHME, 2000: 193), “os resultados, apesar de apresentarem, em alguns aspectos, uma amostra pouco representativa, conseguiram abranger as possíveis interações entre faixa etária de competição [...]”. Levando em consideração que o nível do basquetebol praticado na região da grande São Paulo, independente da faixa etária, pode ser considerado um dos mais elevados no Brasil, a pesquisa de Arena e Böhme pode ser considerada relevante e passível de generalização.

Ao investigarem a mesma temática, Rebusini, Machado e Brandão (2008: 72) concluíram o estudo sugerindo:

Devemos nos ater primeiramente ao modelo esportivo empregado no Brasil, que tem nos clubes o grande responsável pela formação dos atletas. O modelo empregado acaba contaminando o ambiente da atividade física e do esporte escolar, já que os sistemas dos clubes de competição têm sido passados para as escolas, por meio de sistemas de competição e preparação muito próximos aos existentes na competição de alto nível - quando falamos de competição de alto nível, abordamos não apenas o adulto ou a seleção, o sentido que traçamos é do modelo que visa estritamente o resultado [...].

Nesse caso, a crítica está direcionada à estrutura do esporte organizado para crianças e jovens. Rebusini, Machado e Brandão (2008: 68) afirmam que a formação esportiva no Brasil não ocorre nas escolas, mas sim nos clubes. Com relação a essa realidade os autores questionam:

Os clubes têm uma linha de conduta e trabalho que sustentem a formação dos atletas jovens? Qual a relação entre formação esportiva e as exigências de performance e resultado? Há algum trabalho dos clubes que vise acompanhar de forma sistemática as fases de formação do jovem? Será que existe a consciência e a atenção por parte dos dirigentes e do 'staff' que gerenciam e controlam os sistemas de organização e preparação dos clubes? Será que dão importância à necessidade de preparar o jovem no processo de transição para o esporte de alto rendimento?

Acredito que os questionamentos mencionados foram elaborados levando-se em consideração a inexistência de estudos consistentes que proponham uma cópia das competições dos adultos na formação de crianças e jovens. A constatação mencionada ratifica os argumentos de Rebutini, Machado e Brandão (2008: 68) que comentam a citação acima do seguinte modo:

Talvez sejam apontamentos e questionamentos que parecem não nortear e fundamentar o direcionamento dos clubes quanto à formação do jovem atleta. Tanto que, defrontamo-nos no dia-a-dia com um regime baseado essencialmente na especialização esportiva precoce, que visa única e exclusivamente o resultado esportivo, a posição final no campeonato, e que seja na pior hipótese a conquista do campeonato.

Mantendo a abrangência das competições organizadas para crianças e jovens na realidade brasileira, mencionarei a dissertação de mestrado de Todt (2002: 75), que observou o quadrangular final do Campeonato Estadual Gaúcho de minibasquetebol (jogadores até 12 anos) e afirmou:

O sistema competitivo tradicional, por se assemelhar muito ao do esporte de alto nível, não é o mais indicado no esporte para crianças. A preocupação, em alterar a estrutura e os regulamentos das competições é antiga. Apesar disso, até hoje há muita resistência por parte de treinadores, dirigentes e até pais, pois muitas vezes eles consideram que estas alterações, mesmo concretizadas, nada acrescentam à experiência dos jovens esportistas, na formação e na seleção para o desporto de alto nível.

A conclusão acima mencionada corrobora com as críticas direcionadas aos programas organizados para crianças e jovens considerados quase idênticos aos direcionados aos adultos.

Ao analisar os modelos vigentes nas organizações esportivas em Portugal, Cardoso (2007: 14 e 15), ao abordar a temática em questão, afirma:

[...] Podemos dizer que os estudos apresentados evidenciam que há uma necessidade de se ampliar o quadro de investigações sobre a organização competitiva para crianças e jovens. Em primeiro, pela importância de uma reflexão maior sobre o quadro de organização competitiva vigente, que ainda é realizado nos moldes do desporto de alto rendimento. Em segundo, para que possamos, efectivamente, promover mudanças na estruturação e enquadramento competitivo, atendendo aos princípios e objectivos da formação desportiva a longo prazo.

É possível perceber críticas aos modelos vigentes nas organizações esportivas em Portugal semelhantes às dos modelos brasileiros que podem ser consideradas precoces.

Baseado nos pressupostos teóricos anteriormente apresentados, para me referir às competições organizadas para crianças e jovens no Brasil, utilizarei a expressão “o modelo hegemônico de iniciação esportiva”, também baseado nos eventos que representam um padrão seguido por clubes (SOCIEDADE GINÁSTICA DE NOVO HAMBURGO, [on-line]); escolas (BOM DE BOLA PARATI, [on-line]); (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, [on-line]); e televisão (FOLHAONLINE, [on-line]a; FOLHAONLINE, [on-line]b).

A seguir serão informadas as respectivas idades que alguns estados brasileiros adotam como referência ao início das competições que seguem o modelo das disputas dos adultos, com algumas adaptações. A pesquisa foi elaborada via internet. Somente 9 sites entre as 27 Federações Estaduais estavam disponíveis para consulta, de acordo com o quadro 1.

<p>Federação Acreana de Basketball: Sub 14 Masculino e Feminino (organizado para jogadores com até 13 anos de idade, completos no ano da competição);</p> <p>Fonte: Federação Acreana de Basketball, ([on-line]).</p>
<p>Federação Capixaba de Basquetebol: Mini Masculino e Feminino (organizado para jogadores com até 12 anos de idade, completos no ano da competição);</p> <p>Fonte: Federação Capixaba de Basquetebol, ([on-line]).</p>
<p>Federação de Basketball do Estado do Rio de Janeiro: Mirim Masculino e Feminino (organizado para jogadores com até 13 anos de idade, completos no ano da competição). Obs.: Festival de Mini Basquete Masculino. Embora com denominação diferente, as informações dos resultados fornecidos pela mencionada Federação sugerem uma preparação dos participantes para competirem no ano seguinte no Campeonato Estadual Mirim.</p> <p>Fonte: Federação de Basketball do Rio de Janeiro, ([on-line]a).</p>
<p>Federação Gaúcha de Basketball: Mini Masculino - (organizado para jogadores com até 12 anos de idade); Infantil Feminino - (organizado para jogadoras com até 14 anos de idade). Obs.: não foi organizado o Campeonato Estadual.</p> <p>Fonte: Federação Gaúcha de Basketball, ([on-line]a).</p>
<p>Federação Mineira de Basketball: Petiz Masculino e Feminino (organizado para jogadores com até 13 anos de idade, completos no ano da competição);</p> <p>Fonte: Federação Mineira de Basketball, ([on-line]).</p>
<p>Federação Northeriograndense de Basquete: Mini Masculino e Feminino (organizado para jogadores com até 12 anos de idade, completos no ano da competição);</p> <p>Fonte: Federação Northeriograndense de Basquete, ([on-line]).</p>
<p>Federação Paraibana de Basketball: Pré-Mirim Masculino e Feminino (organizado para jogadores com até 13 anos de idade, completos no ano da competição);</p> <p>Fonte: Federação Paraibana de Basketball, ([on-line]).</p>
<p>Federação Paranaense de Basketball: Mirim Masculino e Feminino (organizado para jogadores com até 13 anos de idade, completos no ano da competição);</p> <p>Fonte: Federação Paranaense de Basketball, ([on-line]).</p>
<p>Federação Paulista de Basketball: Pré-Mirim Masculino e Feminino (organizado para jogadores com até 13 anos de idade, completos no ano da competição).</p> <p>Fonte: Federação Paulista de Basketball, ([on-line]).</p>

Quadro 1: Federações que apresentaram informações referentes aos Campeonatos Estaduais de categorias de base, disponíveis nos seus respectivos sites.

Por entender que o modelo hegemônico de iniciação esportiva vigente no Brasil, especificamente no basquetebol, apresenta um número significativo de aspectos inadequados na formação de crianças e jovens e referenciar estudos que criticam esse modelo, entendo ser prioritária a necessidade de apresentar uma proposta que permita uma aproximação da teoria com a prática. Desse modo, tento tornar válidos e aplicáveis os resultados das pesquisas apresentadas pelos autores mencionados anteriormente e que também serão mencionados na fundamentação teórica.

O fato de propor uma competição para crianças e jovens considerada “mais adequada” não representa negar a competição, muito menos a prática de atividades físicas nessa faixa etária. A reflexão está baseada no modo como os educadores devem atuar nessa etapa que julgo fundamental na vida de um ser em formação, principalmente na área do desenvolvimento motor. Portanto, o esporte não é bom nem ruim para a criança, tudo depende de como ele é praticado (SANT, 1992). O importante é evidenciar uma diferenciação clara do esporte praticado por crianças e jovens, daquele desempenhado por adultos, seja no alto rendimento ou não. Marques (1997) enfatiza que a competição no desporto de alto rendimento é o quadro de referência para a organização do treinamento, já a competição no desporto de crianças e jovens deve constituir uma extensão e complemento do treino. Entendo que a profundidade da diferenciação anteriormente apresentada deve ser levada em consideração e, principalmente, tornar-se referência.

Face ao exposto, não considero que a seguinte crítica apresentada por Bento (2006b: 58) venha contradizer esta tese: “em vários ensaios permitem-se formulações e condenações absurdas e infundadas, em nome de noções míticas de criança, de infância, de desenvolvimento, de alienação, de sujeito e objeto”. Considero válido o comentário e reconheço a contribuição do autor para os estudos da Educação por meio do esporte, fato explicitado nas inúmeras citações das suas obras apresentadas ao longo desta tese. E acrescento duas idéias de Bento (2006a) que corroboram com este estudo: a pedagogia do esporte não pode contrariar o seu estatuto de disciplina científica e o desporto é um lugar pedagógico por excelência.

Os prejuízos das competições organizadas para crianças e jovens que copiam, com pequenas adaptações, o modelo dos adultos foram apontados por Barbieri (1999: 25):

Nos Sistemas Oficiais de Educação, o Esporte pautado na manifestação conhecida como 'de Rendimento' ou 'Alto Nível' vem sendo há vários anos uma única e equivocada estratégia utilizada pela maioria dos professores, principalmente, e por muitos Secretários Estaduais e Municipais de Educação ou de Esporte, como forma de Educação, principalmente, de crianças e adolescentes.

Diante do quadro atual, uma análise direcionada para reformulações torna-se necessária. Há alguns anos essa discordância motivou estudos que passaram a apresentar alternativas. Diante do cenário atual das competições de basquetebol organizadas para crianças e jovens no Brasil, julgo relevante apoiar iniciativas que apresentaram sugestões que valorizam modelos sintonizados com as teorias da Educação esportiva, observando as necessidades de adaptação das diferentes realidades.

Segundo Orlick (1989), os Jogos Cooperativos surgiram baseados na preocupação quanto ao exagero de individualismo oriunda da competição que norteia a sociedade moderna, especificamente na cultura ocidental. A proposta dos jogos cooperativos foi reconhecida por meio de pesquisas, publicações e experiências práticas a partir da década de 50 no mundo ocidental.

Visando a inclusão de todos os praticantes, Brown (2004: 42) sugere que “a Educação Física deve procurar desenvolver as destrezas de todos, e não somente dos melhores. Imagine se para o ensino de outra matéria - ciências, por exemplo - se fizesse uma prova para formar uma equipe, enquanto os outros assistem porque nada sabem”. Na proposta dos jogos cooperativos, ao contrário do que ocorre no processo seletivo anteriormente mencionado, a inclusão aparece como palavra chave.

Ao centrar uma proposta educacional por meio do esporte possível de ser identificada na prática, Brotto (2003: 27) caracteriza a cooperação como “um processo onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os resultados são benéficos para todos”. Em contrapartida, a “competição é um processo onde os objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são individualistas e somente alguns se beneficiam dos resultados”. Ao abordar os Jogos Cooperativos, Amaral (2004: 13-14) propõe “uma alternativa ao jogo de competição, no qual, o outro passa a ser um obstáculo que se tem que passar a qualquer custo para atingir um objetivo”. É justamente a essência das atividades que podem especializar precocemente que necessita de reflexão aprofundada.

O registro dos Jogos Cooperativos no Brasil nos remete à década de 80 (BROTTO, 2003) e ao completar quase 30 anos de existência em nosso país, é possível perceber que uma proposta educacional, mesmo apresentando cunho científico e relação coerente entre teoria e

prática, precisa de um prazo de muitas décadas de amadurecimento e aceitação. Face ao exposto, considero importante uma reflexão referente ao pensamento de Brotto (2003: 26):

Competição e Cooperação são processos sociais e valores presentes no Jogo, no Esporte e na Vida. Porém, não representam, nem definem e muito menos substituem a natureza do Jogo, do Esporte e da Vida. Somente o melhor conhecimento desse processo pode oferecer condições para dosar Competição e Cooperação adequadamente.

Entendo que o desafio estabelecido no caso do basquetebol brasileiro está baseado em alternativas que precisam estar desvinculadas das competições que reproduzem o alto rendimento na prática de crianças e jovens.

Acredito que programas em sintonia com as teorias da Educação esportiva podem ser atingidos com maturidade e experiência. É importante entender a dificuldade da proposta, analisando experiências publicadas por educadores que já implementaram tais alterações. Com relação aos Jogos Cooperativos, Correia (2006: 160) relata:

As nossas experiências com jogos cooperativos têm demonstrado que modificar atitudes, crenças e valores gera muitos conflitos e se apresenta de forma complexa. Mostram também que há muito a aprender e a refletir sobre como desmistificar a competição e levar a cooperação além do espaço e do momento do jogo cooperativo.

Esse é apenas um exemplo que permite o entendimento da complexidade de trabalhar com a formação de seres humanos em longo prazo.

No caso específico do basquetebol, Ferreira e De Rose Jr. (2003) referem que o minibasquetebol (basquetebol adaptado para crianças com até 12 anos de idade) foi criado em 1950 por Jay Archer nos Estados Unidos. Archer adaptou algumas regras para os participantes como, por exemplo, abaixar a altura do aro em relação ao solo e reduzir o peso e tamanho da bola.

Além das regras do jogo, os eventos direcionados para crianças e jovens também foram adaptados para os praticantes dessa faixa etária, inclusive acima dos 12 anos de idade. Os eventos que apresentam propostas alternativas ao modelo hegemônico vigente no Brasil por tradição, normalmente, são denominados: Festival ou *Jamboree*.

Por entender que a explicação que envolve a proposta do *Jamboree* não foi aprofundada no tópico anterior, outros conceitos referentes a esse evento serão apresentados a seguir.

Jamboree é um termo que, em português, pode ser traduzido por: reunião festiva, segundo Parker e Stahel (2000: 279). De acordo com a história dos *Jamborees* mundiais

(ESCOTISMO BRASIL, [on-line]), esse termo originou-se no escotismo, idealizado por Baden Powell. O I *Jamboree* Mundial dos Escoteiros foi celebrado na Inglaterra em 1920 e contou com a participação de 8 milhões de escoteiros de 34 países.

Daiuto (1991) destaca que, em 1972, realizou-se o I *Jamboree* Mundial de basquetebol na Espanha. Esse evento foi promovido pelo Comitê Internacional de Minibasquetebol (CIM), que foi fundado em 1968. O primeiro Presidente do CIM foi o espanhol Anselmo López e o Vice-Presidente foi Jay Archer, de acordo com os pesquisadores Ströher e Krebs (1998). Nessa época a Espanha registrou um número significativo de praticantes de minibasquetebol. Segundo Asín (1982), na temporada 1963/64 foram 61.080 adeptos da modalidade distribuídos em 5.575 equipes e, na temporada 1967/68, foram 102.030 jogadores e 11.018 clubes. Esse fenômeno contribuiu para a Espanha sediar o Congresso Internacional de Minibasquetebol em 1970 (STRÖHER e KREBS, 1998) e, conseqüentemente, o I *Jamboree* Mundial. Os mesmos autores relatam que o programa do evento foi de caráter pedagógico e que o objetivo não previa uma mera preparação para exercer um determinado esporte, mas sim a preparação para uma vida no mundo do esporte, de tal modo que a criança adquirisse a possibilidade de decidir-se em favor do desenvolvimento das habilidades despertadas pelo minibasquetebol.

Mesquita (2004) menciona que o III *Jamboree* Mundial foi organizado no Brasil, em 1974, no Rio de Janeiro; já o primeiro *Jamboree* no Rio Grande do Sul foi realizado em 1986, na cidade de Caxias do Sul.

Baseado na experiência pessoal, atuando na condição de técnico e também de Presidente do Comitê de Minibasquetebol e Mirim da Federação Gaúcha de Basketball, explicarei a seguir o funcionamento básico do *Jamboree* de basquetebol que ocorreu em inúmeras localidades do Rio Grande do Sul na década de noventa.

Utilizando o exemplo de três equipes, o *Jamboree* funciona do seguinte modo: equipe A (composta por 10 jogadores); equipe B (composta por 12 jogadores) e equipe C (composta por 14 jogadores). Estas 3 equipes formarão 3 novas equipes com nomes diferentes, como por exemplo:

- Equipe 1 - formada por 3 jogadores da equipe A, 4 da B e 5 da C (total 12 jogadores);
- Equipe 2 - formada por 3 jogadores da equipe A, 4 da B e 5 da C (total 12 jogadores); e
- Equipe 3 - formada por 4 jogadores da equipe A, 4 da B e 4 da C (total 12 jogadores).

Nesses exemplos de atividades, a teoria estava em sintonia com a prática. Daiuto (1991: 109) comenta:

No Minibasquete a promoção de campeonatos, com o objetivo de classificação dos ‘melhores’, é contra-indicada; recomenda-se a realização de ‘festivals’ ou ‘jamborees’, onde prevaleça o interesse pela participação, e não pela vitória ou pela conquista do título de campeão.

No *Jamboree* as crianças normalmente jogam com pares com a mesma experiência esportiva. A idéia é proporcionar a participação igualitária de crianças e jovens, evitando a busca de resultados imediatos e visando desenvolver o repertório motor dos participantes por meio de atividades paralelas aos jogos. A figura do árbitro ‘oficial’ é substituída pelos técnicos/professores que assumiam essa função. Os estudantes de Educação Física e/ou atletas das categorias correspondentes aos 17 anos ou superior a essa idade, atuavam na condição de técnicos visando à participação igualitária dos jogadores durante os jogos e focando suas ações prioritariamente na integração das crianças e jovens das diferentes instituições, nos momentos em que não estavam participando dos jogos. A responsabilidade das partidas estava centrada na atuação dos técnicos/professores que dirigiam as partidas na condição de árbitros. O regulamento do evento previa, caso necessário, a troca de equipes por parte dos participantes, desde que orientada por um técnico/professor responsável por uma das instituições participantes. A experiência de não utilizar placar oficial em inúmeros eventos organizados para iniciantes foi positiva.

As sugestões apresentadas na organização dos *Jamborees* estão baseadas nas investigações dos autores especialistas no tema mencionadas nesta tese, na minha experiência pessoal que remete ao programa do I *Jamboree* Mundial de Minibasketebol (COMITÉ INTERNACIONAL DE MINI-BASKET, 1972), *Jamboree* Nacional da cidade de Almería (FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE BALONCESTO, 1983) e nas entrevistas dos 11 jogadores e 18 técnicos de equipes brasileiras de basquetebol de alto rendimento que representaram os sujeitos desta tese.

Enfatizo que a proposta de realização de *Jamborees* não anula a possibilidade de duas equipes formadas por crianças e jovens disputarem um jogo de basquetebol, desde que os organizadores do jogo levem em consideração as fases de crescimento e desenvolvimento dos praticantes.

Greco, Benda e Ribas (2007: 79) enfatizam que “o jogo de participação na competição é o meio altamente válido para se consolidar e melhorar os níveis atingidos no treinamento”.

Nesse caso, poderíamos tentar identificar nos *Jamborees* a frase que foi divulgada em um comercial de televisão: 'quem tem um amigo é sempre um vencedor'.

Talvez, ao invés de presenciarmos crianças e jovens ignorando a presença dos integrantes da equipe adversária ou agredindo o oponente seja verbalmente ou fisicamente durante os jogos, exemplos observados ainda hoje, poderemos proporcionar maior integração entre colegas de esporte em um ambiente de companheirismo e amizade (GARCÍA, 1985), evitando tensão entre adversários. Entendo que esta proposta vai ao encontro dos resultados de pesquisas e dos textos que os educadores reconhecidos pelos seus pares escrevem e já apontaram a respeito do tema. Com o foco na temática em questão, Augustine, Gruber e Hanson (1990) publicaram o exemplo do ensino cooperativo que apresentou os seguintes efeitos: uma mudança radical da percepção da aprendizagem e do ensino nos docentes, a aquisição de competências e de comportamentos sociais como: a partilha de idéias, a aceitação dos outros, uma melhor saúde psicológica e uma melhor reação ao grupo [...].

Ao relacionar a Educação com os princípios gerais e especiais realizados no treino desportivo, Matvéiev (1986: 72) considera:

Sejam quais forem as particularidades específicas do treino desportivo, elas não podem servir de motivos para desvios em relação às proposições fundamentais da pedagogia - como o princípio de combinação, na educação, da exigência pelo respeito pela personalidade, o princípio da educação em coletivo e no trabalho para o bem comum, atendendo às idades e às diferenças individuais existentes entre os diversos educandos, os princípios da intencionalidade, da criatividade, da evidência do exemplo, da sistematicidade, etc.

A fim de que as crianças e jovens sejam, acima de tudo, beneficiárias do/pelo esporte, se faz necessária uma revisão nos programas de Educação por meio do esporte desenvolvidos no Brasil.

1.3 CONFIGURAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

Considerando a contextualização do tema, o problema a ser investigado é:

Que discursos e práticas são identificados no desenvolvimento do basquetebol praticado por crianças e jovens no Brasil?

De acordo com as considerações apresentadas, os objetivos do presente estudo são:

- Investigar discursos e práticas emergentes das falas de jogadores e técnicos de equipes de basquetebol de alto rendimento, referentes à Educação por meio do esporte no Brasil no sentido mais amplo e, especificamente, o basquetebol;
- Confrontar os discursos e práticas emergentes com os pressupostos teóricos atuais;
- Sugerir princípios orientadores para a Educação por meio do esporte de crianças e jovens, direcionados para o basquetebol.

1.4 OS CAPÍTULOS E A TESE

A tese iniciou com um breve relato no que diz respeito ao contexto da Educação de crianças e jovens por meio do esporte no Brasil. Na seqüência, foram mencionadas as motivações do estudo enfatizando, como foco, a minha trajetória esportiva e acadêmica, bem como o cenário atual dos eventos de basquetebol organizados para crianças e jovens no Brasil. Posteriormente, abordei o problema, os objetivos do estudo conectados aos pressupostos teóricos e a tese investigada. A seguir o texto remeteu para a trajetória metodológica, levando aos resultados da pesquisa. O último capítulo examinou as reflexões abordadas na tese, apresentando sugestões e concluindo o estudo.

Partindo do pressuposto que o modelo competitivo organizado para crianças e jovens no Brasil exige a superação de modelos que propõem uma especialização precoce e conseqüente desrespeito às fases de crescimento e desenvolvimento, esta pesquisa propõe analisar a Educação de crianças e jovens por meio do esporte, visando sustentar modelos que estão em sintonia com as teorias da Educação esportiva.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica foi dividida em três tópicos: o primeiro aborda as competições dos adultos e a polêmica das competições organizadas para crianças e jovens que reproduzem, com pequenas adaptações, as disputas esportivas dos adultos, dividindo o tema em três subitens: a seleção dos melhores, a maturação biológica e o questionamento dos objetivos dessas competições.

No segundo tópico, a importância do progresso da ciência no desenvolvimento do esporte: o papel dos professores de Educação Física em destaque, procuro refletir a respeito da distância percebida entre teoria e prática na Educação por meio do esporte sob diferentes áreas de estudo, bem como a relevância dos profissionais de Educação Física que estão inseridos nesse contexto.

O título do terceiro tópico denomina-se: o *fair play* e a Educação por meio do esporte. A idéia é vincular a Educação por meio do esporte à formação de crianças e jovens, independente da possibilidade destes chegarem ao alto rendimento.

2.1 AS COMPETIÇÕES DOS ADULTOS X AS COMPETIÇÕES DE CRIANÇAS E JOVENS

Uma das possíveis hipóteses da origem do modelo atual de competição no basquetebol organizada para crianças e jovens pode estar baseada no modelo utilizado para os adultos que foi adaptado para crianças e jovens, legitimado na tradição histórica: a Federação Internacional de Basquetebol (INTERNATIONAL BASKETBALL FEDERATION - FIBA) apresenta registros do I Campeonato Mundial de Minibasquetebol (jogadores até 12 anos), organizado nos Estados Unidos em 1967, conforme Ströher e Krebs (1998).

Entendo que as propostas que culminaram com a organização da competição acima mencionada, bem como os inúmeros eventos que atualmente são direcionados para a iniciação esportiva de crianças e jovens não devem ser desprezadas, porém não podem ser consideradas científicas. Piaget (1975: 1) já chamava a atenção ao definir que “as crianças têm estruturas mentais diferentes das dos adultos. Não são adultos em miniatura; elas têm seus próprios

caminhos, para determinar a realidade e para ver o mundo”. Entendo que no esporte a mesma conceituação deve ser aplicada.

Garganta (1998: 15) ratifica a análise anterior ao afirmar:

Trazemos aqui um tema que tem preocupado os especialistas, no âmbito do ensino dos Jogos Desportivos Coletivos. A polêmica gerada em torno da proliferação de opiniões e convicções pouco fundamentadas e pela inexistência de conhecimentos provenientes de estudos de cunho científico.

Atualmente a FIBA organiza Campeonatos Mundiais a partir dos 18 anos na categoria denominada Junior. Os Estados Unidos promovem Campeonatos considerados Mundiais pela FIBA na categoria College/University (a partir dos 17 anos). A categoria minibasquetebol apresenta a expressão Jogos Educacionais para essa faixa etária (INTERNATIONAL BASKETBALL FEDERATION, [on-line]). Essas informações demonstram que tanto a FIBA, quanto um dos países mais respeitados na modalidade do basquetebol, os Estados Unidos, modificaram seus respectivos entendimentos no que se refere a submeter crianças e jovens praticantes ao modelo de competição organizado para adultos.

Há algumas gerações passadas o desenvolvimento do repertório motor de crianças e jovens era favorecido pela oportunidade de experiências esportivas nas ruas, parques, campos, praças, entre outros, que os praticantes desta faixa etária vivenciavam. Com o passar do tempo, independentemente das razões, esse hábito esportivo foi diminuindo. Esse fenômeno foi observado na Alemanha por Kröger e Roth (2002) que relatam a importância da formação de creches esportivas no sentido do desenvolvimento das habilidades como driblar, passar, chutar, entre outras. Segundo os autores essa proposta supriria a ausência das brincadeiras e jogos cotidianos do passado. O mesmo fenômeno investigado na Alemanha pelos pesquisadores Kröger e Roth pode ter ocorrido no Brasil, levando em consideração as inúmeras diferenças entre os países.

Nas últimas décadas foi notória a contabilização de um aumento da participação de crianças e jovens em escolinhas esportivas e clubes sociais no Brasil. Ao investigar essa realidade, Rubio (2006) afirma que quando crianças e jovens optam por praticar uma modalidade esportiva, muitos são os motivos que os levam a isso. O desejo de ser campeão, a intenção de ser como alguém e, nos tempos atuais, de possuir os bens que um vencedor consegue somar. A autora segue abordando a relação do esporte de alto rendimento com a adesão de crianças e jovens à prática regular de alguma modalidade esportiva enfatizando:

O atleta de alto rendimento contemporâneo tem sua imagem vinculada ao espetáculo e ao lazer. Seus efeitos são capazes de levar multidões a estádios e ginásios, em momentos de espetáculo [...]. Essas situações são experimentadas e comprovadas periodicamente quando da realização de Jogos Olímpicos, momento em que o esporte, então, ganha amplo espaço na mídia e leva amantes e não adeptos a participar desse universo [...] (RUBIO, 2006: 143).

Ao abordar a origem do modelo atual de competição organizada para crianças e jovens, Tubino (1975) relatou as tendências internacionais da Educação Física, após participação no Congresso Mundial de Educação Física, realizado na cidade de Bruxelas em 1973. O mesmo autor apresentou as duas tendências da época: orientação pragmática e dogmática. O seguinte trecho remete a linha de raciocínio a uma possível origem da precocidade esportiva na infância e juventude: “A orientação pragmática tenta tornar o homem matéria-prima para o resultado desportivo, o que leva a Educação Física escolar a buscar a iniciação desportiva mais precocemente” (TUBINO, 1975: 9).

O foco dessa discussão está baseado no modelo atual de competição para crianças e jovens vigente no Brasil que, a exemplo do que já foi relatado, está baseado no modelo dos adultos, apresentando pequenos ajustes. Com relação a essa situação, Ferreira, Galatti e Paes (2005: 123-124) alertam:

Técnicos e professores organizam suas aulas de iniciação esportiva com os mesmos exercícios aplicados com atletas profissionais, além de trazerem os mesmos valores desse tipo de esporte, o que pode acarretar conseqüências negativas, tais como a especialização física, técnica e tática precoce, em detrimento de experimentação motora variada e diversificação de estímulos cognitivos, afetivos e sociais.

Em sintonia com a citação acima mencionada, independentemente de o esporte ser praticado em escolas, clubes ou escolinhas esportivas, Marques (2004: 78) enfatiza:

Não é com a adoção dos modelos de alto nível, não é com a rápida evolução para os modelos mais evoluídos da prática que se assegura o quadro que sustentará condições de resposta mais efetivas e rápidas. O tempo de aprendizagem faz-se de experiências ricas, significantes e adquiridas pacientemente, ou não se cumpre adequadamente.

O que pode ser observado nessas disputas de crianças e jovens é uma busca no sentido de superar limites muito semelhantes ao alto rendimento que, especificamente, faz parte da realidade dos adultos que competem no esporte em caráter profissional. Ao referir-se ao tema, Bompa (2000) alerta que o único alcance das conquistas em idades precoces no esporte é o resultado imediato, fato desconectado com o futuro dos aprendizes. Na tentativa de conquistar resultados em curto prazo, técnicos expõem “seus comandados” em treinos específicos e

intensos sem a devida preocupação de desenvolver o repertório motor dos praticantes. Assim como nos jogos dos personagens que já atingiram a maioridade, freqüentemente, nas partidas de crianças e jovens o principal objetivo está definido: a busca, às vezes desumana, da vitória.

As últimas citações representam a polêmica do tema que merece atenção especial. Kunz (1998: 49) define a Especialização Esportiva Precoce (EEP) visualizada no modelo atual vigente no Brasil do seguinte modo:

Quando crianças são introduzidas antes da fase pubertária a um processo de treinamento planejado organizado de longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento de rendimento, além de participação periódica em competições esportivas.

É possível perceber na realidade prática da iniciação esportiva uma busca por resultados em curtos espaços de tempo, o que pode modificar os princípios norteadores da definição de Kunz.

Na obra de Vargas Neto e Voser (2001: 57) consta um comentário que sustenta a afirmação anterior baseada na EEP: “Entendemos que dificilmente esse treinamento é organizado e planejado a longo prazo. Quase sempre ocorre uma falta de planejamento, e mesmo quando este existe, normalmente é a curto prazo e buscando resultados imediatos”.

O questionamento de inúmeros pesquisadores se refere à necessidade de um treinamento especializado precoce na infância e juventude. Gaya e Torres (2004: 70-71) apresentam os seguintes aspectos negativos percebidos nesse processo:

É bem verdade que excessos ocorrem. Vamos encontrar na prática do esporte de rendimento para crianças: pais exigentes em demasia com comportamentos nada adequados à formação moral de seus filhos; treinadores que procuram a qualquer preço a vitória, sem importar-se com padrões éticos e pedagógicos; dirigentes sem escrúpulos que se valem do esporte para fins e interesses pessoais, financeiros e políticos.

Por outro lado, os mesmos autores apresentam inúmeros aspectos positivos oriundos dessa prática quando afirmam que “estes não são percalços apenas do esporte de rendimento, eles estão presentes em outras práticas sociais” e acrescentam:

Não devemos esquecer, por outro lado, que esses jovens, diferentemente da maioria dos seus colegas da mesma idade e de nível econômico mais baixo que não tem oportunidades para participar de equipes e competições esportivas, convivem em grupo com interesses comuns, compartilham ambientes sociais diversos. Viajam juntos, conhecem amigos novos em cada torneio, inclusive muitas vezes se hospedam em casa desses novos amigos (adversários nas quadras esportivas), conhecem novas cidades, etc. (GAYA e TORRES, 2004: 71).

De Rose Jr. (2002: 67) também visualiza duas perspectivas ao referir-se ao tema e afirma:

Para muitos, a simples menção do termo competição leva, imediatamente, a imaginar uma situação muito prejudicial e que tem como objetivo principal destacar poucos privilegiados, enfatizando a inferioridade técnica, física, psicológica e social da grande maioria de perdedores. De certo modo, a idéia não deixa de ter uma certa coerência, principalmente quando a competição é encarada somente como o ponto final de um processo que não permite ajustes e reestruturações em sua trajetória. Nesse caso, prevalece o imediatismo e a tentativa de explorar tais situações para que seus organizadores, ou seja, os adultos, obtenham alguma vantagem. No entanto, a competição esportiva não deve ser encarada de forma tão radical. Ela é natural, necessária e muito importante quando compreendida como um meio dentro de um processo progressivo de desenvolvimento do ser humano.

Identifico a importância de um processo competitivo na formação de um indivíduo. Essa idéia é compartilhada por Mitra e Mogos (1990) que reconhecem na competição bem dirigida direcionada para a faixa etária que abrange os 7 e 14 anos, como provável garantia do desenvolvimento do repertório motor dos alunos. Do mesmo modo Hahn (1988) afirma que mediante a análise de dados e resultados de investigações, é possível demonstrar que o treinamento para crianças pode ter efeito positivo, desde que contemple responsabilidade pedagógica.

Porém, se não houver responsabilidade pedagógica, provavelmente os aspectos negativos poderão sobrepor-se aos positivos nas referidas competições de basquetebol no Brasil. Nesse sentido **a Educação de crianças e jovens por meio do esporte exige a superação de modelos que propõem uma especialização precoce e conseqüente desrespeito às fases de crescimento e desenvolvimento, para atingirem-se modelos que estão em sintonia com as teorias da Educação esportiva.**

É nessa perspectiva que Cavalli et al. (2008) apontaram as razões que pedagogicamente justificam as inúmeras críticas registradas por pesquisadores questionando o modelo hegemônico vigente no Brasil. Seguindo a mesma linha de raciocínio Paes e Balbino (2005: 27) defendem a seguinte idéia:

A aprendizagem deve ir além do ensino dos fundamentos em suas execuções analíticas, combinadas e aplicadas em situações de jogo, ou seja, deve caminhar na direção do desenvolvimento do ser humano. Para tanto, é preciso dar ao esporte um tratamento pedagógico, permitindo o enfoque essencialmente educativo. Em sintonia com esse pensamento, o investimento no agente transformador deve ser considerado, a fim de preparar para exercitar com ousadia e coragem as intervenções necessárias para a formação do ser integral e fazer o jogo em que todos ganham, não pelos resultados de placar, mas pelos significativos aprendizados presentes nas práticas de iniciação do basquetebol.

A exemplo da última citação, inúmeras publicações científicas apresentadas anteriormente (GARGANTA, 1998; FERREIRA, GALATTI e PAES, 2005; MARQUES, 2004; BOMPA, 2000; DE ROSE JR., 2002; entre outros) e baseadas em diferentes perspectivas merecem reflexão por parte dos professores/técnicos especializados na área. A ênfase dos estudos alerta para equívocos nos modelos das competições organizadas para crianças e jovens que deveriam visar, na prática, à formação dos iniciantes, ao invés de apresentar como essência a obtenção do melhor rendimento em idades consideradas precoces.

Com relação ao amadurecimento, no sentido amplo da palavra, Malina (1987) afirma que a prontidão esportiva é o equilíbrio entre o nível de crescimento, de desenvolvimento, maturação e o nível de demanda competitiva. Quando a demanda for maior que as características individuais, o indivíduo não estará pronto para competir. É exatamente nesse desequilíbrio que se pode encontrar um dos aspectos negativos da competição de crianças e jovens: exigir mais do que se pode realizar.

Os extremos opostos em que se localizam a teoria e a prática se tornam evidentes nesse caso, ou seja, em inúmeras oportunidades a prontidão esportiva não está sendo levada em consideração nas competições esportivas.

Entendo que as partidas jogadas e organizadas pelas próprias crianças podem servir de exemplo para os adultos. Normalmente, nessas atividades não encontramos pais desesperados nas arquibancadas, muito menos técnicos gritando e exigindo um esforço extremo dos participantes e, principalmente, os jogadores não são cobrados como se estivessem representando a seleção nacional de um país; afinal, é somente um jogo.

Sobre o modelo hegemônico de iniciação esportiva no Brasil, é preciso entender que ao mesmo tempo em que esse modelo pode atrair pelo nível da competição, outras vezes pode afastar por fatores como excesso e rigidez de exigências advindas dessa proposta. Ao citar a Teoria do Intercâmbio Social, Gimeno (2003) sugere que a conduta humana é governada primariamente pelo desejo de maximizar as experiências positivas e minimizar as negativas. Considero os placares: 92 x 04 e 108 x 12 (FEDERAÇÃO DE BASQUETEBOL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, [on-line]b), registrados em jogos válidos pela categoria mirim masculino do Campeonato Estadual Carioca 2007 de basquetebol (jogadores até 13 anos) como uma péssima lição educacional, tanto para os perdedores como para os vencedores das partidas disputadas. Levando em consideração a Teoria do Intercâmbio Social (GIMENO, 2003), questiono: será que os integrantes das equipes que perderam os jogos acima mencionados tenderão a continuar participando das atividades dessa modalidade esportiva?

Os integrantes das equipes vencedoras estão preparados para vitórias com tanta diferença de contagem de pontos? Qual pode ser o desafio de uma equipe que não encontra nenhuma resistência por parte do adversário?

Ao elaborar a fundamentação teórica, constatei que tanto pesquisadores brasileiros (PAES e BALBINO, 2005; CAVALLI et al., 2008; VARGAS NETO e VOSER, 2001) como internacionais (BIGELOW, MORONEY e HALL, 2001; GRAÇA et al., 1991; HAHN, 1988; MITRA e MOGOS, 1990) apresentam estudos na área da Educação por meio do esporte que enfatizam a relevância da iniciação de crianças e jovens no esporte de modo geral, e percebem a temática com muitas semelhanças. Conforme Platonov (2008: 03):

[...] as particularidades do treinamento desportivo atual exigem tanto do organismo do atleta que as crianças que iniciam a carreira muito cedo, via de regra, também terminam a carreira mais cedo. Realmente, numerosas pesquisas mostram que crianças que iniciam as tarefas dos seis aos oito anos muitas vezes interrompem a prática desportiva dos quinze aos dezessete anos, ou seja, na idade ideal para atingir os melhores resultados.

Um fato que merece atenção nesse caso não é a baixa idade em que as crianças podem ser iniciadas no esporte, mas sim o modo como o processo ocorre. A valorização e responsabilidade dos professores de Educação Física normalmente aparecem como tópicos de destaque nas investigações que constam no presente estudo.

Kröger e Roth (2002: 9) abordam o abandono precoce do esporte (*drop out*) antes do praticante atingir a fase do alto rendimento. Os autores criticam o modelo vigente na Alemanha, justificando que “as crianças não são, na sua natureza, especialistas: elas são generalistas. A especialização precoce com cargas unilaterais (um só tipo de esporte), como a dos adultos, é copiada neste modelo em relação às exigências das cargas em geral”. Nesse caso, acredito que a generalização é possível, uma vez que o modelo atual de iniciação esportiva utilizado no Brasil apresenta inúmeras semelhanças com o descrito pelos estudiosos.

Ao abordar as fases da iniciação esportiva, Mesquita (2000: 12), baseada na experiência portuguesa, destaca as etapas dos iniciantes no esporte que julga apropriadas e que nada têm em comum com resultados imediatos exigidos nas competições entre adultos, que atualmente também sofrem pressões de ordem econômica dos patrocinadores, e afirma:

De fato, este princípio é parte integrante do processo pedagógico unitário de formação e de educação do atleta, devendo o treinador estar consciente de que a preferência pela utilização de uma orientação multivariada não pode, nem deve, criar condições para o aparecimento de êxitos imediatos. Neste contexto, a conquista de resultados competitivos a curto prazo não deve, sob quaisquer pretextos, funcionar como preocupação dominante, nem tão pouco como referencial fundamental.

Nesse caso, torna-se possível comparar os princípios norteadores da iniciação esportiva de Portugal com os do Brasil. Ainda abordando a mesma temática, Paes (2002: 92) alerta para os riscos de uma EEP:

Ocorre que a especialização acontece cada vez mais cedo. [...] esse procedimento acaba resultando em problemas de diferentes dimensões: físicas, técnicas, táticas, psicológicas e filosóficas. A maior incidência da especialização precoce está centrada nos clubes, onde o chamado senso comum, influenciado por vários setores da sociedade, sobretudo pela mídia, entende equivocadamente que esse procedimento pedagógico é eficiente na identificação do talento esportivo. Não obstante hoje ser maior em equipes participantes de eventos promovidos por ligas e por federações, cabe aqui um alerta, pois, seguramente, a curto prazo esse problema ocorrerá também nas escolas.

Parece não haver dúvida para Paes sobre a falta de coerência entre teoria e prática ao observar a realidade das competições esportivas para crianças e jovens no Brasil. Visando refletir a respeito da realidade enfrentada por crianças e jovens que disputam campeonatos sustentados pela tradição histórica, a seguir abordarei a temática.

2.1.1 A seleção dos melhores

Há décadas o regulamento que prevê a participação de somente 12 jogadores por equipe em jogos oficiais, direciona a preparação de equipes brasileiras, em média, a partir dos 12 anos. Qualquer entidade que apresenta um número superior ao mencionado precisa, obrigatoriamente, selecionar os melhores do momento para participar de um determinado jogo. Obviamente, os treinos são programados para esse fim.

Dentro do contexto em questão, outro fato que merece reflexão é protagonizado por instituições esportivas que abrem inscrições para seleção de novos atletas e permitem a participação de crianças e jovens de diversas localidades. Esse processo é nacionalmente conhecido como “peneiras”. Ao analisar esse contexto é possível perceber um exemplo de eliminação prematura de praticantes. Ao questionar tal realidade, Bompa (2002: 30) corrobora a crítica da comunidade acadêmica no que se refere ao tópico em questão e sugere que os professores proporcionem “oportunidades a todas as crianças de participarem em níveis de maior desafio”.

O Barão Pierre de Coubertin elaborou uma tese conhecida como a Pirâmide de Coubertin. Pires (2005: 23) define-a como “uma das mais célebres leis condicionais do mundo

do desporto”, que foi estabelecida com a seguinte ordem: para que 100 se entreguem à cultura física é necessário que 50 pratiquem desporto. Para que 50 pratiquem desporto, é necessário que 20 se especializem. Para que 20 se especializem, é necessário que 5 sejam capazes de proezas espantosas.

Ao analisar a Pirâmide de Coubertin, entendo que o caminho apresentado por esse pedagogo francês assinala um começo na iniciação esportiva de crianças e jovens e termina na participação de atletas de alto rendimento nos Jogos Olímpicos. Entretanto, entendo que antecipar os resultados conseqüentes da Pirâmide para a infância e juventude, é um equívoco.

Voltando para a realidade brasileira, o consagrado jogador de futebol Marcos Evangelista de Moraes, conhecido como Cafu, capitão da equipe que se sagrou campeã mundial na Copa do Mundo em 2002, foi mais uma ‘vítima’ das famosas peneiras, após ser dispensado pelo Palmeiras, Portuguesa, Corinthians, Nacional-SP, Atlético-MG e São Paulo, entidades nas quais ‘tentou a sorte’ como jogador de futebol (GLOBO ESPORTE, [on-line]).

No caso do basquetebol, remeto o foco do estudo para a polêmica que envolveu um dos maiores jogadores de todos os tempos, Michael Jordan. Com aproximadamente 16 anos, o jogador foi dispensado após participar de um teste (peneira) em uma equipe de ensino médio americana (NBA ENCYCLOPEDIA, [on-line]).

Será que poderíamos calcular quantas crianças e jovens foram excluídas nas últimas décadas, no Brasil, por meio desse processo? E esse processo excludente poderá contribuir para identificarmos futuros adultos ativos fisicamente?

Além da possibilidade de exclusão, o abandono da prática do esporte (*burnout*) também merece reflexão. Rotella, Hanson e Coop (1991) afirmam que o *burnout* engloba aspectos psicológicos, emocionais e físicos, e que é o resultado de um estresse crônico produzido na interação do indivíduo com as dificuldades vivenciadas em determinado período. Será que é possível perceber um ato pedagógico no *burnout*?

Alguns pesquisadores já investigaram em profundidade o *burnout*. Cabe mencionar 3 estudos de Gould et al. (1996a), (1996b) e (1997) que estudaram o abandono de praticantes de tênis entre os 12 e 23 anos de idade nos Estados Unidos. Os autores questionam o modelo competitivo de tênis que registrou inúmeros abandonos de jogadores considerados promissores ao invés de formar campeões. São essas investigações que podem servir de aprendizagem para outros esportes.

Além dos casos específicos e minoritários dos talentos esportivos, existe a preocupação que engloba a prática regular da atividade física para crianças e jovens. Penso ser

de senso comum a relevância de tal hábito, afinal estar em movimento é uma das características dessa faixa etária. Atualmente, a qualidade de vida está em evidência, qualquer programa que aborda esse tema menciona a atividade física regular e orientada por profissionais especializados como imprescindível. Cale e Harris (1993) destacam justamente o tema em questão, salientando a importância de os professores de Educação Física motivarem e conscientizarem os alunos a respeito da seriedade da atividade física na infância e juventude. Considero tal proposta eficiente no combate ao sedentarismo que, no Brasil, tende a ocorrer após a idade escolar (ao término do ensino médio).

A falta de atividade física regular e orientada certamente é uma das causas de doenças registradas na fase adulta. Os resultados do estudo de Rolim, Amaral e Monteiro (2007) apontam para uma melhora da qualidade de vida de um grupo de pacientes hipertensos por meio da atividade física e conseqüente economia com o tratamento da hipertensão arterial, considerada um dos principais fatores de risco de doenças cardiovasculares. A economia estimada para o Sistema Único de Saúde (SUS) poderia ser de R\$ 28.800,00 para cada grupo de 100 pacientes em um ano. Diante da relevância do tema, julgo importante considerar as sugestões dos expertos no assunto.

De acordo com Mesquita (2000: 11) “a prática desportiva exerce um papel fundamental na formação do indivíduo, enquanto atleta e pessoa [...], pois contribui para o equilíbrio do indivíduo ao permitir a diminuição do stress diário, próprio do ritmo de vida das sociedades contemporâneas”. Parece, para a autora, estar claro que qualquer processo de formação esportiva que exclui e pode afastar crianças do esporte, talvez por muitos anos ou definitivamente, não deveria ser seguido. Quem poderia contrariar essa proposta?

Bento destaca (1988: 152) que “a prática desportiva pretende ser um processo pelo qual nos aproximamos da saúde; mas pode ser também - e é infelizmente muitas vezes - um processo de afastamento dela”. É surpreendente a quantidade de crianças e jovens excluídos da prática de atividades físicas ao se acompanhar a busca dessa população por locais especializados em práticas esportivas.

É igualmente espantoso presenciar tamanha seleção prematura, que contraria os estudos que comprovam que os atletas-destaques na infância e juventude não apresentarão, necessariamente, os melhores desempenhos na idade adulta, salientam Adelino, Vieira e Coelho (2000). Além de poder afastar futuros adultos do hábito da prática da atividade física regular a situação também se torna desfavorável principalmente pelos desgostos e aversões que ocorrem. E os autores alertam para as conseqüências negativas geradas pelo fato de um

jovem praticante ser qualificado de ‘grande promessa’ e essa revelação não conseguir repetir o mesmo sucesso na fase adulta, ou seja, as frustrações podem ser criadas perante previsões nunca confirmadas.

O que chama atenção nesse caso são as inúmeras perspectivas analisadas por pesquisadores que questionam o modelo hegemônico atual de competições organizadas para crianças e jovens. Marques (1997: 23) destaca que “as conclusões apontadas por estudos realizados em vários países são invariavelmente as mesmas. Só uma porcentagem muito reduzida de campeões em idade jovem chega a campeão na idade de altos rendimentos”. As evidências apontam que profissionais que trabalham com essa faixa etária no esporte e seguem os modelos competitivos dos adultos não estão trabalhando com base nas pesquisas recentes que enfocam a Educação por meio do esporte.

Ao abordarem as relações entre faixa etária e acervo de experiências, Greco, Benda e Ribas (2007) estabeleceram as seguintes fases: Fase de Iniciação Esportiva Universal (início aos 4-6 anos e fim aos 11-12 anos); Fase de Orientação (início aos 11-12 anos e fim aos 13-14 anos); Fase de Direção (início aos 13-14 anos e fim aos 15-16 anos) e Fase de Especialização (início aos 15-16 anos e fim aos 17-18 anos). Os autores são enfáticos ao destacarem

a importância do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, onde várias modalidades esportivas sejam oferecidas à criança, e não a “escolinha” de um único esporte ou atividade repetitiva nas “temporadas” ou na aula de Educação Física formal que levam à especialização precoce e não permitem concretizar o princípio da “variabilidade da prática”, conceito que é de fundamental importância para o desenvolvimento de habilidades motoras e do treinamento técnico-tático (GRECO, BENDA e RIBAS, 2007: 72).

Uma das conseqüências dos treinos que visam resultados em curto prazo sugere, em certa medida, uma negação dos estudos científicos. O contraste referente à citação anterior pode ser percebido no Campeonato Estadual Gaúcho de basquetebol 2007, categoria mirim masculino (jogadores até 13 anos que corresponde à Fase de Direção na classificação dos pesquisadores acima mencionados): as 4 equipes finalistas jogaram 3 jogos de duração de 40 minutos cada, em um período de aproximadamente 24 horas. E a disputa da mesma categoria para meninas, as 3 equipes finalistas jogaram 2 jogos de duração de 40 minutos cada em um período de aproximadamente 9 horas (FEDERAÇÃO GAÚCHA DE BASKETBALL, [online]b). Importante diferenciar a responsabilidade de participação de crianças e jovens em uma competição oficial (acima especificada), das disputas onde é possível visualizar os mesmos praticantes participando de eventos organizados pelos próprios aprendizes quando os pais

citam que os filhos “jogaram o dia inteiro”. Entendo que nesse último caso, normalmente, não existe nenhum contra-senso.

O estudo de Marques e Oliveira (2001: 130) evidencia que o formato das competições organizadas para crianças e jovens não apresenta sustentação científica. Os autores afirmam:

Os sistemas de treino e de competições dos mais jovens carecem de um maior aprofundamento. Os modelos explicativos existentes, desenvolvidos ao longo dos últimos quarenta anos, apóiam-se ainda muito na experiência e no conhecimento empírico, em orientações pedagógicas e normativas, e menos do que seria desejável na explicação científica.

Ainda corroborando com o tema, Mesquita, Stobäus e Mosquera (2007: 168) ratificam: “[...] não foi exatamente a ciência que inspirou a origem dos modelos esportivos competitivos voltados para crianças e adolescentes [...]”. Se a ciência não justifica tal preponderância, torna-se evidente a necessidade de uma reflexão crítica e consciente sobre esse contexto.

Outro argumento que contraria a proposta da busca de resultados em curto prazo na iniciação esportiva será debatido a seguir.

2.1.2 A maturação biológica

O fenômeno do estirão de crescimento, que ocorre na puberdade, merece atenção especial por parte dos profissionais que trabalham com a Educação por meio do esporte. Filin e Volkov (1998: 21) apontam:

É difícil determinar com exatidão o término e o início das fases de desenvolvimento. Além disso, cada organismo desenvolve-se individualmente e possui suas próprias características de desenvolvimento. Paralelamente à idade cronológica, recomenda-se considerar a idade biológica (fisiológica). A idade biológica caracteriza-se pelo nível de desenvolvimento físico, das possibilidades motoras das crianças, do grau de puberdade, da idade óssea dos distintos ossos do esqueleto e pelo desenvolvimento da arcada dentária. A idade cronológica nem sempre coincide com a biológica.

De acordo com o estudo acima referenciado, nessa fase o jovem pode apresentar seu crescimento de forma lenta, normal ou acelerada, o que é absolutamente normal. O crescimento acelerado acontece quando os desenvolvimentos corporais, intelectuais e

psicológicos ocorrem mais rápidos e antes em relação à média. No crescimento lento, ocorre exatamente o contrário.

Weineck (2005) ratifica os resultados dos estudos mencionados neste tópico e alerta para o fato de que crianças com crescimento considerado mais lento podem, durante a maturação, apresentar melhor desempenho esportivo e mais estável se comparadas com crianças que apresentam crescimento considerado acelerado.

Nos jovens com crescimento acelerado, depois de um aumento de desempenho inicialmente rápido, o desenvolvimento seguinte, geralmente, sofre uma estagnação bem mais rápida, de modo que seu nível de desempenho máximo (o platô de desempenho) muitas vezes não é alcançado. Por outro lado, os que apresentam um crescimento lento crescem mais lentos, no final do processo de maturação, no entanto, seus sucessos esportivos são, geralmente, maiores e mais estáveis, o que vale, principalmente, para modalidades esportivas tecnicamente mais complexas e que duram mais anos, aponta Weineck (2005).

Voltando para a realidade prática desse processo, questiono: quem integra a seleção dos melhores das categorias de base? A resposta natural é: normalmente são aquelas crianças ou jovens que apresentam crescimento acelerado. Porém, o estudo de Weineck explica que esse fator não significa que essas crianças e jovens alcançarão maior desempenho esportivo, nem que seja mais duradouro, e esse argumento aponta para outro equívoco desse processo.

Com relação ao amadurecimento, no sentido amplo da palavra, Papalia e Olds (2000: 312) afirmam que “existe uma diferença de cerca de sete anos para o aparecimento da puberdade, tanto em meninos quanto em meninas”. As autoras ainda referem que aqueles meninos/as que amadurecem antes são mais musculosos, mais fortes e podem ser melhores nos esportes, apresentando uma imagem corporal mais favorável. Fleck e Kraemer (2006: 303) ratificam os estudos apresentados neste tópico ao afirmarem:

Algumas crianças são altas para a sua idade cronológica, e outras são baixas, algumas são corredoras rápidas, enquanto outras são lentas. Algumas podem ficar aborrecidas com um mau desempenho num jogo, outras não. Diferenças físicas e psicológicas são os resultados de potenciais genéticos e velocidades diferentes de crescimento. É importante que os adultos percebam que as crianças não são apenas ‘pequenos adultos’. Além disso, mesmo aquelas com idades aproximadas não são iguais física e emocionalmente. Entender alguns dos princípios básicos do crescimento e desenvolvimento permite uma expectativa mais realista para as crianças.

No caso da competição predominante no cenário brasileiro para crianças e jovens, tratamentos iguais são aplicados aos diferentes. Além desses equívocos, muitos esportistas dessa faixa etária que participam desse modelo de competição não têm a possibilidade de

disputar posições de modo igualitário, pois apresentam diferenças corporais, intelectuais e psicológicas, em inúmeros casos, de grande magnitude, mas recebem tratamentos iguais aos demais.

Interessado em estudar no Rio Grande do Sul (RS) o fenômeno do estirão de crescimento que ocorre na puberdade, Todt (2001) investigou se os técnicos responsáveis pelas quatro equipes finalistas do Campeonato Estadual de Minibasquetebol do RS elaboravam os planejamentos de treinamento e competição daquela faixa etária levando em consideração a maturação biológica das crianças. O resultado foi negativo. Um dos objetivos específicos do estudo foi identificar o perfil de maturação biológica de crianças de mesma idade cronológica (11 e 12 anos) praticantes de minibasquetebol. Os resultados apresentaram que a incidência percentual de crianças não maturadas foi menor e a maioria absoluta dos praticantes já se encontravam no processo de maturação.

Independente do local de implementação do modelo de iniciação esportiva vigente no Brasil, parece ser de senso comum que certos equívocos podem comprometer o processo como um todo. O estudo acima referido aponta o modo como o planejamento dos profissionais responsáveis pelas competições de crianças de 11 e 12 anos, em muitos casos, não está respeitando os estudos científicos. Marques e Oliveira (2002: 69-70) abordam o tema enfaticamente ao expressarem o seguinte alerta:

Já dissemos. Os sistemas competitivos tradicionais, muito semelhantes aos do desporto de alto nível, não são os mais indicados no desporto dos mais jovens. Há que apresentar outras propostas, encontrar novos modelos. Modificar os quadros competitivos. As alterações a introduzir na organização, estrutura, conteúdos e critérios de avaliação das competições têm objectivos muito claros: torná-las mais compatíveis com as possibilidades e interesses de crianças e adolescentes. Diminuir as taxas de abandono. Trazer mais jovens para o desporto. Fazer deste um projecto mais interessante e atraente, num momento em que a oferta para além do desporto tem aumentado. E se torna cada vez mais urgente promover actividades físicas e desportivas para os mais jovens.

Concluindo a reflexão referente aos cuidados que os profissionais que atuam com crianças e jovens no basquetebol, especialmente na fase que compreende a puberdade, selecionei o trecho do estudo de Gallahue e Ozmun (2005: 77) que parece esclarecer as questões suscitadas pelo tema ao afirmarem:

A tendência de exibir *diferenças individuais* é crucial. Cada pessoa é um indivíduo peculiar com sua própria escala de tempo para o desenvolvimento. Essa escala de tempo é a combinação da hereditariedade do indivíduo e das influências ambientais. Embora a seqüência do aparecimento de características desenvolvimentistas seja previsível, o índice de aparecimento pode ser bastante variável. Portanto, a adesão rígida à classificação cronológica de desenvolvimento por idade, não tem apoio ou justificativa.

Será que os profissionais responsáveis pela iniciação esportiva do basquetebol estão cientes de tais estudos?

O próximo tópico ilustra situações registradas em competições de crianças e jovens que seguem requerendo reflexões. Entendo que na Educação, nem sempre a comunicação verbal e/ou não verbal é necessária; o exemplo também pode ser um meio eficaz de cumprir os propósitos pré-estabelecidos, se o modelo for positivo (ou ineficaz, se negativo).

2.1.3 Quando os objetivos da competição são questionados

Imediatamente após o término do jogo final de um Campeonato Estadual Gaúcho de 2001 na categoria mirim (13 anos), muito disputado, observei um fato curioso: enquanto as equipes aguardavam a premiação, o Diretor representante da equipe vice-campeã aproximou-se de um dos árbitros e começou a gritar, agredindo-o verbalmente, com um dos dedos apontados para o seu rosto, ofendendo-o e ameaçando-o. A impressão percebida foi que a maioria das pessoas que se encontravam no ginásio prestava atenção naquele ato de fúria incontrolável que durou aproximadamente 10 minutos.

Nesse formato de competição, aparentemente a situação parece ser tranqüila antes de começar o jogo. Entretanto, depois que a partida tem início, em inúmeras situações, a cordialidade termina e a relação com a teoria parece ser praticamente nula, contrariando a recomendação de Freire (1996, paráfrase): “uma educação efetiva deve ser afetiva, fazendo-se necessária a integração do educando ao contexto social”.

Além de desrespeitar o ritmo de crescimento e desenvolvimento dos praticantes que se encontram na infância ou juventude, o que se observa é um ambiente tenso, pelo compromisso do alto rendimento, onde não encontramos o prazer da atividade física entendido como essencial à vida (OLIVIER, 1999).

Não pretendo generalizar as situações que causam mal-estar aos participantes, porém não resta dúvida de que, quando fatos lamentáveis são detectados, como o exemplo acima relatado, os maiores prejudicados são as crianças, os jovens e a própria imagem do esporte.

Em determinada ocasião, exemplo também presenciado, quando da conquista do título de um Campeonato Estadual categoria mirim (13 anos), uma equipe incluiu no seu plantel alguns jogadores ‘gatos’. Foram falsificados o Registro Geral de Identidade e a Certidão de Nascimento de 5 garotos. Como a mãe de um jogador (da equipe “beneficiada”) sentiu-se contrariada ao descobrir o fato, ela o delatou, caso contrário, ninguém nunca saberia. Qual será a lição que essas crianças levaram para vida? Será que a vitória em uma competição pode ser mais importante do que a integridade moral de jovens esportistas? Cabe mencionar que, ultimamente, inúmeros fatos, a exemplo do acima referenciado, têm aparecido com frequência na imprensa brasileira. (TERRA, [on-line]) e (NEC NETWORK, [on-line]).

Benevides (1998: 167), ao abordar o desafio de uma Educação para a cidadania, enfatiza que, “ao discutir os valores democráticos, é importante destacar o valor da solidariedade. A liberdade e a igualdade estão, como se vê, estreitamente ligadas à tolerância”. Será que existe tolerância e solidariedade nas situações acima descritas?

Durante uma competição a reação das pessoas que de algum modo estão envolvidas com crianças e jovens no esporte podem ser as mais variadas possíveis. A proposta deste estudo não está centrada em uma Educação para os pais dos esportistas, mas sim na reflexão acerca do modelo esportivo que prevê, em inúmeros episódios, exigências que não são compatíveis com as respectivas faixas etárias dos iniciantes e que podem gerar de um simples desconforto para os pais atos de fúria que serão relatados logo a seguir.

Nesses casos, o que precisa ser alterado é o modo como se está supostamente educando as crianças e jovens por meio do esporte. Aliás, os resultados imediatos e a valorização de uma minoria de campeões parecem estar sobrepondo a responsabilidade pedagógica. O que noto nos jogos e até mesmo nos treinamentos é que, quando um ser humano (no caso familiar) percebe sofrimento em outro ser humano (o praticante), certamente reagirá tentando reverter tal situação. São muitas as reações registradas e em muitos casos perigosas, independente do local, a exemplo do que segue.

Em 2006, o francês Christophe Fauviau foi condenado a cumprir 8 anos de prisão por ter misturado remédio antidepressivo na garrafa de água dos tenistas adversários dos 2 filhos. Foi estimado um número de 27 adversários que ingeriram o medicamento Temesta juntamente com a água que beberam durante os jogos. O caso mais grave foi registrado em julho de 2003,

quando Alexandre Lagasdere perdeu uma partida de tênis jogada contra um dos filhos de Fauviau. Após o jogo, Lagasdere se queixou de cansaço e dormiu durante horas. Outros atletas que participavam do mesmo torneio tiveram reação parecida. Mais tarde, depois de acordar, quando dirigia seu carro e voltava para casa, Lagasdere se envolveu em um acidente com o veículo e morreu (ABC NEWS, [on-line]). Ao abordar a dialética do esporte que inclui oponentes, concorrentes e competidores, Hyland (1984) alerta afirmando que a incidência de excessiva agressão e violência é suficientemente preocupante e deve ser considerado um problema significativo. E quando o esporte é praticado por crianças e jovens, o autor chama a atenção para a gravidade da situação e conseqüentes desdobramentos.

Um incidente que merece a atenção de todos foi noticiado pela Cable News Network (CNN), em janeiro de 2002. O filho de Agostine Costin morreu na Arena de Burbank Ice, localizada no subúrbio da cidade de Boston (Estados Unidos). Michael Costin estava atuando como árbitro no treino dos filhos. O filho de Thomas Junta também estava participando do mesmo treinamento. Thomas reclamou da violência praticada no jogo do hockey. Michael não prestou atenção às reclamações de Thomas. Após o término do treino os dois discutiram e Thomas agrediu Michael com 3 socos. Como conseqüência da agressão, Michael morreu diante dos filhos e Thomas matou na presença do próprio filho. Depois de ser julgado, Thomas foi condenado a 6 anos de prisão (CNN, [on-line]).

Nesse caso, qualquer generalização referente às brigas de pais por ocasião da presença nas competições dos seus filhos poderia ser considerada incorreta. Contudo, os inúmeros registros publicados, a exemplo dos mencionados, merecem especial atenção por parte dos profissionais que atuam na área. Ao comentar o esforço pela busca do resultado em uma arena esportiva, Franco (2003: 115) alerta que “[...] o problema se instala quando nos tornamos fanáticos para alcançá-lo”. Ao constatar qualquer possibilidade de agressão independentemente de qual ordem, entendo não estar incorrendo em erro criticar o modelo de competição para crianças e jovens.

Após os últimos relatos, julgo pertinente abordar aspectos psicológicos relacionados com o tema. Cratty (1984) comenta que é provável que as tensões da competição exerçam uma influência mais profunda sobre o desenvolvimento da personalidade da criança, do que sobre os adultos quando expostos à competição. Centrado no mesmo foco, De Rose Jr. (2002: 67) alerta que “o esporte também pode ser um gerador potencial de estresse se não for adequado às necessidades de potencialidades do praticante, principalmente se esse for despreparado e não estiver pronto para enfrentar situações complicadas inerentes ao processo

competitivo”. O mesmo autor (2005) apresentou um estudo que evidenciou os fatores de estresse no basquetebol praticado por crianças e jovens com idades entre 12 e 19 anos que disputaram os campeonatos oficiais da Federação Paulista de Basketball nos anos de 1999 e 2000. Entre outros resultados, a pesquisa identificou o jogo como a maior fonte de estresse para os jovens atletas. Sherif (1978) ao citar os efeitos psicológicos nocivos e antagônicos as atividades cooperativas alerta para os resultados negativos percebidos em tais competições. Enfatiza a necessidade do conhecimento destes estudos por parte dos técnicos/professores responsáveis pela formação esportiva dos iniciantes.

Weinberg e Gould (2001: 457) afirmam que “muitos atletas estão começando a treinar em idades precoces, o que pode afetar negativamente suas relações interpessoais e sua vida familiar”. Neste caso, a crítica não está baseada na estimulação da atividade física nos primeiros anos de vida, mas sim o modo com que é conduzida essa prática. Os fatos considerados negativos envolvendo crianças e jovens no esporte podem ter inspirado a *Panathlon Declaration on Ethics in Youth Sport*. A referida declaração representa o compromisso e o estabelecimento de regras de conduta visando valores positivos na participação de crianças e jovens no esporte. Esse tratado foi elaborado com opiniões unânimes de expertos internacionais durante a Assembléia Geral das Nações Unidas, ocorrida em 1989 na cidade de Ghent. De Donder (2006) reconhece que o esporte também pode produzir efeitos negativos e que medidas preventivas são necessárias para proteger as crianças.

Assim, por meio dessa retomada, alguns subsídios apresentados poderão contribuir para que as teorias relacionadas com o tema sejam efetivamente utilizadas na promoção da Educação por meio do esporte.

2.2 A IMPORTÂNCIA DO PROGRESSO DA CIÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE: O PAPEL DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM DESTAQUE

Conforme mencionado no tópico: O cenário atual dos eventos de basquetebol organizados para crianças e jovens no Brasil, não parece que a ciência tenha inspirado a origem dos modelos esportivos competitivos voltados para os iniciantes, mas sim uma cópia dos padrões adotados pelos adultos. Não pretendo considerar os pressupostos científicos como uma verdade única. Porém, negá-los certamente apontaria um equívoco. Bento, Garcia e Graça (1999: 39) afirmam que “o conhecimento científico assume, em alguns casos, um caráter de orientação, mas em outros constitui uma fonte de desestabilização”. Os autores ainda destacam as causas e conseqüências que levam à necessidade de orientação provocada pela tentativa de cumprimento da função científica, justificando:

À pluralidade e diversidade de questões e respostas que levantam, bem como às dúvidas e reticências que opõem as rotinas, verdades e certezas. Deste modo, a ciência, quando resolve um problema, cria pelo menos dez. Por isso a resposta científica não é a resposta última, com garantia de segurança: pelo contrário, abre as portas à entrada em cena de novas inseguranças (BENTO, GARCIA e GRAÇA, 1999: 39).

Mesmo concordando com a afirmação de Prista (2006: 114): “a reflexão nos conduz muito mais facilmente a perguntas do que a soluções”, entendo que a importância das ciências nas sociedades organizadas jamais poderá ser desprezada e acredito que, especificamente no presente estudo, faz-se necessário buscar e relatar a opinião dos cientistas reconhecidos na área da Educação por meio do esporte. Desse modo, conseguiremos aproximar os princípios acadêmicos da realidade cotidiana dos profissionais que vivem o esporte de formação.

Com relação a esse particular, Carr (1996) destaca que a meta fundamental da teoria da Educação consiste em reduzir as distâncias entre a teoria e a prática. Parece que as inúmeras investigações especializadas não estão sendo acessadas pelos professores/técnicos que trabalham com a iniciação esportiva de crianças e jovens, pelo menos para que as divergências relacionadas ao assunto pudessem ser amplamente debatidas.

Essa falta de sintonia nos faz questionar a Educação por meio do esporte no Brasil e, ao mesmo tempo, concordar com a afirmação de Santos (1999: 55) “todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum”. Não identifico, nas ações práticas, essa e inúmeras afirmações mencionadas por Rebutine, Machado e Brandão (2008); Weinberg e

Gould (2001); Fleck e Kraemer (2006); Paes (1989), entre outros, ao investigar a relação da teoria com a prática na formação esportiva de crianças e jovens no basquetebol brasileiro.

A importância e influência exercida pela ciência em nossa sociedade são aspectos relevantes e reconhecidos ao longo dos anos. Bachelard (1995: 9) define ciência como “um produto do espírito humano, elaborado em conformidade com as leis do nosso pensamento e adaptado ao mundo exterior”. O mérito da utilização de um conjunto organizado de conhecimentos justifica a utilização da palavra ciência como ponto de partida deste tópico.

Santos (1999: 5) avaliou os avanços científicos afirmando:

Quando, ao procurarmos analisar a situação presente das ciências no seu conjunto, olhamos para o passado, a primeira imagem é talvez a de que os progressos científicos dos últimos trinta anos são de tal ordem dramáticos que os séculos que nos precederam - desde o século XVI, onde todos nós, cientistas modernos, nascemos, até ao próprio século XIX - não são mais que uma pré-história longínqua.

A referência anterior aponta que os progressos científicos, de modo geral, precisam ser levados em consideração pela sociedade. Quando se trata da Educação de crianças e jovens por meio do basquetebol no Brasil, considero em estágio inicial a aplicação prática dos avanços da ciência.

Centrado nas mesmas críticas, Garganta (1998: 14) aponta que “desde os anos 60 que a didática dos Jogos Desportivos Coletivos repousa numa análise formal e mecanicista de soluções pré-estabelecidas”. A citação do autor evidencia que o descontentamento com a Educação de crianças e jovens ou a inadequação em relação à mesma, no que se refere à prática dos esportes coletivos, apresenta inúmeros registros.

Com relação à temática em questão, Paes (1989) apresenta indisposição, no que diz respeito, ao fato de muitos professores/técnicos principalmente no Brasil não dominarem estratégias pedagógicas, fazendo prevalecer o empirismo, resultando em sérios prejuízos para as crianças e jovens. Tal desacordo de idéias justifica-se uma vez que, em determinadas situações, a ciência parece caminhar em lado oposto à prática, ou seja, muitos técnicos que atuam na preparação dos jovens atletas talvez desconheçam a importância dos aspectos pedagógicos, metodológicos, e principalmente dos fatores de desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, argumenta o autor.

A importância das ações pedagógicas por meio do esporte foi introduzida no Movimento Olímpico Internacional pelo seu próprio criador, o Barão Pierre de Coubertin. O Comitê Olímpico Internacional (COI), quando presidido por Coubertin, organizou o I Congresso Olímpico, em Le Havre (1897), um ano após a celebração da primeira edição dos

Jogos Olímpicos da Era Moderna. O foco principal do evento foi discutir aspectos educacionais da popularização das atividades físicas e dos esportes (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 1992).

A ação moral dos exercícios físicos sobre as crianças e jovens; as influências do esforço sobre a formação do caráter e o desenvolvimento da personalidade constaram como parte integrante de um dos itens do Programa Oficial do referido Congresso sob o conceito de Pedagogia (COUBERTIN, 1997). Coubertin salientava com frequência as questões educacionais e propôs que, por meio dos Jogos Olímpicos, o esporte ocupasse papel de destaque nos programas educacionais de todos os países. (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 1992).

Além da formação do indivíduo, cabe destacar o papel fundamental da ciência na evolução dos resultados obtidos pelos atletas olímpicos ao longo da história. Nesse caso o fenômeno científico extrapola os limites da Educação Física e da Educação.

Os estudos acima referidos remetem os leitores a uma reflexão referente ao comentário muito freqüente relacionado ao modelo esportivo competitivo organizado para crianças e jovens no Brasil: a vida é uma competição, entendendo que não é assim tão simples reproduzir, na iniciação esportiva de crianças e jovens, a mesma estrutura preconizada para os adultos. Já que no campo esportivo, a exemplo da realidade que nos cerca, a vida é uma eterna competição, quem sabe poderíamos preparar nossos iniciantes utilizando uma seqüência pedagógica, evitando ‘pular’ etapas reconhecidamente importantes. Afinal, como afirma Bento (2006a), sem vinculação a valores, o desporto não tem qualquer cunho educativo. A profundidade da reflexão de Bento é o elo com o próximo tópico que abordará a Educação por meio do esporte e especificamente o *fair play*.

Segundo Butcher e Schneider (1998) essa expressão refere-se a um conceito motivado predominantemente para ensinar valores positivos por meio do esporte. Os autores acrescentam suas convicções ao afirmarem que a proposta do *fair play* está relacionada diretamente com o modo com que o esporte é ensinado e praticado. Tenho a mesma compreensão dos autores acima mencionados com relação à utilização da competição esportiva como proposta educacional na formação de crianças e jovens. A avaliação dependerá do modelo empregado: nesse caso o foco está centrado na adequação à faixa etária em questão. A partir dessa constatação será possível examinar os aspectos positivos e/ou negativos.

2.3 O FAIR PLAY E A EDUCAÇÃO POR MEIO DO ESPORTE

Na atualidade a relevância dos valores educacionais está constantemente em evidência nas diversas culturas e têm despertado o interesse dos mais variados segmentos da sociedade. Freire (2000: 67) ilustra a compreensão a respeito do tema ao afirmar que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Coubertin registrou em 1889 importante consideração que expressa à opinião de um dos pedagogos mais pesquisados na área dos Estudos Olímpicos: não existe papel mais nobre do que a formação dos homens, como cidadãos, e o poder/força moral (*moral strength*) de uma nação é medido por meio do respeito demonstrado pelos professores com relação aos jovens (MÜLLER, 2000).

Escrever a respeito da importância da Educação por meio do esporte na formação de uma pessoa não aponta para uma saturação no que diz respeito à relevância do tema, uma vez que é possível perceber a necessidade de amplo debate no sentido de aproximar os intelectuais que apresentam uma produção acadêmica reconhecidamente consistente com os profissionais que atuam diariamente educando por meio do esporte.

Barbanti e Tricoli (2004: 200) abordam o assunto conforme o que segue:

A necessidade das crianças e dos adolescentes de se engajarem em esportes, exercícios e atividades físicas como um dos pré-requisitos para obter saúde e melhor qualidade de vida foi reconhecida há muito tempo. O movimento em geral é vital para todos os aspectos do crescimento e desenvolvimento normal, e não apenas o físico, mas também o social e o emocional. Auxílio na aprendizagem, melhor concentração, melhora do autocontrole e da autoconfiança, assim com promoção de atitudes saudáveis e positivas, têm sido bastante documentados, por isso é urgente que se promova o esporte, o exercício e a atividade física para que maior número de crianças e adolescentes sejam expostos a essas atividades.

Nesse sentido é possível identificar a importância que o esporte pode representar na infância e juventude. Ao fundamentar a temática em questão, o ensaio de Gaya e Torres (2004: 57) enfatiza:

Considerando que o esporte representa um componente cultural de significativa importância na vida de todos os povos, tornando-se, indiscutivelmente, um fenômeno global, justifica-se a relevância de estudos que possam auxiliar na interpretação alargada do esporte enquanto fenômeno social e passível de tratamento pedagógico.

Atualmente inúmeras publicações que abrangem a Educação por meio do esporte podem ser consideradas de excelência. Entendo que o maior desafio é conectá-las com eficiência aos programas que promovem esta prática.

Um dos argumentos utilizados para selecionar precocemente crianças e jovens esportistas é a identificação de talento esportivo e/ou pretensão de formação desse talento. Ou seja, selecionar e/ou preparar aprendizes em idades precoces para uma futura participação no esporte de alto rendimento. Cabe enfatizar que o tema que abrange o talento esportivo é complexo, já que compreende diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido é imperativo não confundir programas de detecção, seleção, desenvolvimento e organização do esporte para crianças e jovens (BÖHME, 2002; SILVA, 2006a; GRAÇA et al., 1991; CAFRUNI, 2002; BENTO, 1989; TSCHIENE, 1990; BAILEY, TAN e MORLEY, 2004) com repetições de competições organizadas para adultos com pequenas adaptações para esta faixa etária.

No âmbito internacional, inúmeros depoimentos de atletas olímpicos orientam as pesquisas do tema em questão. Personne (1991, contracapa) apresentou uma contribuição em um livro cujo nome ficou marcado pelo impacto do significado: “Nenhuma medalha vale a saúde de uma criança”. Segue abaixo a reprodução de alguns testemunhos:

Alain Mimoun, campeão olímpico: É por causa da participação precoce de jovens em competições de resistência que vemos iniciados, juvenis e juniores, realizarem tempos excepcionais e, depois desaparecer. Sebastian Coe, campeão olímpico: ... nós pedimos demasiado cedo aos jovens para se especializarem numa competição ou numa modalidade... Há um perigo bem particular: a possibilidade de uma deformação física do atleta que prejudique a ossatura. E há outra questão, quer dizer, a exposição pública, do ponto de vista mental, dos atletas que no limite se torna numa lavagem do cérebro... Michel Jazy, vice-campeão olímpico: Estou persuadido que ter tido uma formação de base pluridisciplinar me permitiu realizar as performances que, quem sabem sem, como muitos outros, desaparecer prematuramente por causa de um treino intensivo precoce demasiado duro.

Generalizar nesse caso poderia conduzir determinada pesquisa a um equívoco. Porém, diante da profundidade das declarações, entendo que essas são dignas de ampla análise.

Este estudo parte do princípio que todos os atletas de alto rendimento devem receber a oportunidade de participar de um treinamento adequado desde o início das suas respectivas carreiras esportivas. Entendo que uma das metas do esporte de formação é promover valores tais como: solidariedade, honestidade, justiça, entre outros. Nesse sentido, um dos assuntos mais debatido é o *fair play*.

O Barão Pierre de Coubertin colaborou para a difusão do *fair play*. Em um dos seus textos, Coubertin (MÜLLER, 2000) referiu-se aos ideais Olímpicos definindo-os como uma

cultura física consistente baseada em parte no espírito do cavalheirismo denominado na Inglaterra como *fair play*, e em parte na idéia estética do culto ao belo e elegante. Este fato chamou a atenção dos pesquisadores da área dos Estudos Olímpicos, o que gerou inúmeras publicações referentes ao assunto.

Segundo Rubio (2006: 60) “o *fair play* foi incorporado ao esporte para designar um tipo de conduta e pode ser entendido como ‘espírito esportivo’, ‘jogo limpo’ ou ‘ética esportiva”.

Lenk (1976) se refere ao *fair play* sob duas perspectivas: o *fair play* formal, que está diretamente relacionado com as regras e regulamentos da competição e o *fair play* não formal, que apresenta caráter subjetivo, uma vez que está centrado nos valores morais dos atletas.

Parry (1994) considera o *fair play* fundamental no meio esportivo. Segundo o autor, trata-se de uma noção moral essencial para a compreensão da prática esportiva. Refere-se a um conjunto complexo de características que emergem de um engajamento no esporte competitivo fundamentado em princípios.

De acordo com Loland (2002), o *fair play* é um sistema de normas morais que prescreve como devemos agir para promover o moralmente certo e bom no esporte. Quando questionados em nossas visões morais, nós normalmente as justificamos com referência a um sistema de normas mais geral, tais como o *fair play*, e finalmente, ao que nós consideramos serem os valores e objetivos mais importantes ou fundamentais na vida.

Para Codea et al. (2005: 757) *fair play* corresponde a um preceito normativo genérico de bom comportamento individual, coletivo e respeito às regras das competições esportivas.

As diversas definições mencionadas demonstram que o conceito de *fair play* não é único e que várias interpretações são apresentadas pela comunidade acadêmica. Essa constatação também pode ser observada nas investigações de Caillé (1998); DaCosta (1998); Portela (1998); Rubio e Carvalho (2005); Wigmore e Tuxill (1995), entre outros.

Com relação aos inúmeros papéis desempenhados no esporte e respectivas interpretações, Tavares (1998: 103) enfatiza: “ainda que o respeito às regras seja uma cláusula necessária à própria existência do esporte, diferentes ‘culturas’ de relações entre atletas, árbitros e regras, formadas nas tradições dos próprios esportes, parecem produzir efeitos em relação às idéias de *fair play*”.

É importante reconhecer que as atitudes e valores demonstrados por esportistas normalmente refletem os comportamentos determinados de cada época. Ao considerar que o *fair play* tenha adquirido certa expressão global, Tavares (1999: 178) entende ser “altamente

recomendável que se examine a significância atual do *fair play* a partir de um cenário cultural multidimensional”.

Assim, o que poderia ser considerado como ‘ideal de conduta esportiva’ em um passado distante, pode não representar o mesmo princípio na atualidade. A idéia do amadorismo representado nas primeiras edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, contrastando com o atual profissionalismo deste mesmo evento, podem ilustrar a reflexão anterior. Também cabe mencionar as ‘barreiras geográficas’, diferenças sociais e culturais que podem gerar diferentes interpretações acerca do mesmo tema.

Com relação a uma das dificuldades apontadas anteriormente, McIntosh (1979) menciona o obstáculo e em muitos casos a impossibilidade de organizar competições internacionais levando em consideração as diferenças culturais existentes entre os países.

As iniciativas e investimentos na área dos Estudos Olímpicos relacionados ao *fair play* têm recebido atenção especial do continente europeu, de algumas Federações Internacionais, bem como do COI. Ao pesquisar tal assunto, Gonçalves (1999) verificou que a comercialização progressiva do esporte e respectivas conseqüências culminaram na criação do Comitê Internacional para o *Fair Play* em 1964 na Alemanha. O fato contou com a participação dos representantes da *International Council for Physical Education and Sport* e da *Association Internacional de la Presse Sportive*. Esse fato demonstra a relevância do *fair play* no âmbito esportivo internacional.

Na atualidade o COI (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, [on-line]) está incentivando o estudo da complexidade do *fair play*, abordando o tema e estimulando projetos interdisciplinares, ao fornecer material educacional por meio do site dessa instituição.

Os estudos relacionados ao *fair play* no Brasil merecem atenção, uma vez que focalizam a realidade brasileira e podem servir de motivação para futuras investigações. Sem pretender generalizar os resultados encontrados, a seguir serão apresentadas duas pesquisas realizadas com escolares.

Por meio de uma investigação baseada no *fair play* vinculado ao contexto atual, Turini (2002: 223) buscou identificar se os conhecimentos adquiridos acerca da prática do *fair play* entre jovens escolares poderiam contribuir para desenvolver melhores procedimentos de ensino de valores éticos e morais adequados aos costumes do nosso país. Os resultados desta pesquisa revelaram:

A instrução de espírito esportivo (*fair play*) exerceu influência na percepção dos jovens escolares em situações simuladas de jogo, quer dizer, na maioria, eles consideraram importante a disposição de agir de acordo com os valores do *fair play*. No entanto, na prática do jogo, o comportamento dos jovens escolares, por vezes, não se coadunou com o discurso apresentado nos questionários, ou seja, na maioria, os jovens escolares não agiram de acordo com os valores do *fair play*.

Em outro estudo, Gomes (1999) objetivou prioritariamente constatar as atitudes de 88 adolescentes diante de situações hipotéticas esportivas a partir dos valores de solidariedade e honestidade sob o ponto de vista do *fair play*. Foi desenvolvido um levantamento de caráter descritivo por meio da aplicação de questionário fechado contando com 18 questões divididas em 3 grupos. Os resultados referentes às situações de jogo de algumas modalidades esportivas, entre elas o basquetebol, variaram de acordo com a faixa etária (entre 14 e 18 anos) e sexo dos informantes. Contudo, foi possível identificar atitudes de solidariedade e honestidade em diferentes percentuais.

Os estudos que abordam o *fair play* em nosso país apontam para uma carência de investigações na área. A necessidade de assimilação de atitudes e valores considerados positivos para os praticantes do esporte explica tais propostas. Neste caso a prática das ações torna-se indispensável para o cumprimento dos objetivos propostos.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Aellen (1988) comenta a dificuldade dos profissionais que atuam no campo esportivo identificarem atitudes relacionadas ao *fair play* não somente no esporte de alto rendimento, como também na Educação Física escolar.

Percebo que as teorias do *fair play* estão relacionadas a uma utopia na visão de alguns técnicos de basquetebol que trabalham com a iniciação esportiva. A justificativa de tal entendimento pode estar baseada, entre outros fatores, na questão antagônica da realidade mundial que está ressaltando, cada vez com mais intensidade, violência, egoísmo e desonestidade. Montenegro (2002: 207) aborda a questão citando que “a Educação Física, o Desporto, ou qualquer outra atividade, não desenvolvem uma moral desvinculada do sistema social global, pois a moral das atividades físicas não é específica destas atividades, são marcadas por valores que perpassam a sociedade como um todo”. Diante das circunstâncias atuais, acredito que os ensinamentos teórico-práticos relacionados ao *fair play* tornam-se fundamentais na Educação esportiva de crianças e jovens.

Leaman (1995) comenta que no esporte existe a possibilidade de os atletas burlarem as regras do jogo. O autor enfatiza que esse fato está incluído na estrutura do esporte e está previsto nas leis das diferentes competições. De modo que a desonestidade no esporte faz parte das percepções dos espectadores e dos atletas.

Entendo que crianças e jovens precisam competir por meio do esporte seguindo um modelo fundamentado na ciência. As propostas do *fair play* precisam ser internalizadas pelos aprendizes respeitando a individualidade das fases de desenvolvimento humano. Desse modo, poderemos criar a expectativa de visualizar na prática do basquetebol dos iniciantes a aceitação do *fair play* que para Portela (1999: 228) “pode ser encarado como a idéia de educar o homem para a reciprocidade, no caso, desenvolver o conceito de semelhança entre os homens, fazendo-os identificarem-se no outro, perceber a necessidade do oponente, entender que o vencedor e o vencido é questão de momento”.

Assim, poderíamos tentar desenvolver a idéia de utilizar no cotidiano de cada indivíduo as lições aprendidas por meio do esporte, baseadas nos princípios do *fair play*.

3 INVESTIGAÇÃO

Este tópico foi dividido em 6 itens. O primeiro caracterizou a abordagem metodológica da investigação. A seguir os sujeitos foram apresentados com suas respectivas características. Posteriormente os instrumentos foram descritos. No quarto item constaram as ações da coleta de dados. O quinto tópico estabeleceu a metodologia de análise e a última etapa abordou a estrutura de categorias produzida.

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esta tese é de natureza qualitativa e compreensiva, realizada a partir de entrevistas com jogadores integrantes da seleção brasileira e técnicos de equipes brasileiras de basquetebol de alto rendimento. As informações foram trabalhadas a partir de Análise Textual Discursiva, numa integração de categorias *a priori* e emergentes.

Para Thomas, Nelson e Silverman (2007: 31) “a pesquisa qualitativa é um método sistemático de investigação e, em medida considerável, segue o método científico de solução de problemas [...]. Raramente são estabelecidas hipóteses no início do estudo. Em vez disso, utilizam-se questões mais gerais para guiar o estudo”. Neste caso, o objetivo foi analisar e compreender a realidade do contexto que abrange a Educação por meio do esporte, especificamente do basquetebol brasileiro.

Com relação à abordagem selecionada para esta investigação, Moraes e Galiuzzi (2007: 161) afirmam:

[...] as diversificadas metodologias têm suas finalidades e objetivos dentro da pesquisa qualitativa. Têm seus espaços. Não se excluem. Não são empregadas ao mesmo tempo numa pesquisa, mas no conjunto das pesquisas de cunho qualitativo cada uma delas tem condições de contribuir para ampliar nossa compreensão da realidade.

A citação de Moraes e Galiuzzi acima referida foi um dos argumentos preponderantes para a escolha da metodologia da tese.

3.2 SUJEITOS

Foram escolhidos como sujeitos desta pesquisa jogadores e técnicos representantes de equipes brasileiras de basquetebol de alto rendimento. Esta opção originou-se a partir da percepção da ausência de relatos e publicações de jogadores e técnicos que trabalham com o basquetebol de alto rendimento no Brasil.

O critério utilizado para selecionar os jogadores entrevistados foi baseado na lista de atletas que representaram oficialmente a Seleção Brasileira masculina no evento internacional que antecedeu ao período de início das entrevistas. Como a primeira entrevista ocorreu no dia 22 de janeiro de 2003, pesquisei a lista de jogadores que representaram o Brasil no 14º Campeonato Mundial ocorrido entre os meses de agosto e setembro de 2002.

Doze jogadores integraram a Seleção Brasileira que participou do evento acima referido. Um décimo terceiro jogador acompanhou a delegação durante a competição. Na época, 5 jogadores do grupo atuavam em equipes estrangeiras (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, [on-line]a). Do total de 13 jogadores, 10 concederam entrevista e outros 3 atletas que não residiam no Brasil não foram abordados. Além dos 10 jogadores mencionados, selecionei um décimo primeiro jogador que, apesar de estar há 7 anos fora da Seleção Brasileira, estava participando da sua última temporada na condição de atleta profissional e havia disputado 5 Jogos Olímpicos, além de ser eleito pelo Hall da Fama de Springfield um dos 100 maiores jogadores da história do basquetebol mundial, entre inúmeros recordes registrados (OSCAR SCHMIDT, [on-line]). Diante da relevância que o nome desse jogador representa no cenário nacional, decidi incluí-lo na lista dos entrevistados. Os 11 jogadores entrevistados foram convocados para integrar a Seleção Brasileira inúmeras vezes, levando em consideração as convocações ocorridas desde as categorias de base, a partir dos 15 anos de idade. Na época das entrevistas os jogadores apresentavam a seguinte faixa etária: de 21 a 45 anos. O segundo atleta mais velho entrevistado completaria 32 anos de idade no dia seguinte da sua entrevista.

Além dos jogadores, escolhi todos os técnicos responsáveis pelas respectivas equipes integrantes do 14º Campeonato Brasileiro Adulto Masculino (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, [on-line]b) como critério das entrevistas. Dezesete equipes participaram do referido Campeonato. Consegui entrevistar 16 técnicos. Na temporada seguinte do mesmo Campeonato alguns técnicos dessas equipes foram substituídos. Como haveria a possibilidade de encontrar um técnico recém conduzido ao cargo

de uma das equipes integrantes do 15º Campeonato Brasileiro Adulto Masculino e que foi por alguns anos ex-técnico de um dos 3 atletas integrantes da Seleção Brasileira, decidi incluir um décimo sétimo nome na lista dos técnicos entrevistados. O décimo oitavo técnico escolhido foi o Presidente da Associação Brasileira de Profissionais do Basquete (APROBAS), instituição fundada em 2003 e a única oficialmente reconhecida pelos técnicos brasileiros. Na época das entrevistas os técnicos apresentavam a seguinte faixa etária: de 34 a 63 anos e 8 técnicos já haviam integrado as Comissões Técnicas da Seleção Masculina ou Feminina Adulta.

3.3 INSTRUMENTOS

Os instrumentos de investigação desta pesquisa foram entrevistas semi-estruturadas, conforme os Anexos B e C, concedidas entre o período de janeiro de 2003 e fevereiro de 2004 por jogadores integrantes da Seleção Brasileira e técnicos de equipes brasileiras de basquetebol de alto rendimento que foram filmadas e transcritas. Cada entrevistado assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (conforme o Anexo A).

Goldemberg (2007: 85) identifica a importância dos entrevistados de uma pesquisa ao referir tal posição de destaque como “o topo da hierarquia de credibilidade”.

Ao abordar a contribuição dos entrevistados para a consistência de um estudo, Chizzotti (2001: 83) enfatiza:

Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõem-se, pois, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais.

Após concretizar as entrevistas, as expectativas quanto à qualidade e contribuição das mesmas para a pesquisa foram confirmadas.

3.4 PROCEDIMENTOS

A partir das informações referentes ao 14º Campeonato Brasileiro Adulto Masculino, divulgadas pela CBB foi possível solicitar aos supervisores de cada uma das 17 equipes participantes do Campeonato acima referido, a concessão dos depoimentos. Todos os sujeitos consultados concordaram em conceder suas respectivas entrevistas, as quais ocorreram na cidade de São Paulo por ocasião de uma reunião da CBB; na cidade de Ribeirão Preto, local onde a Seleção Brasileira Masculina Adulta organizou treinamentos; na cidade de Porto Alegre, e uma entrevista ocorreu na cidade de Torres. Somente uma entrevista agendada não se concretizou, porque o técnico não apresentava boas condições de saúde no momento do encontro. Os depoimentos foram filmados e posteriormente transcritos.

3.5 METODOLOGIA DE ANÁLISE

A análise é qualitativa e as 29 entrevistas foram submetidas à Técnica de Análise Textual Discursiva. De acordo com Moraes e Galiazzi (2007) esta técnica pode ser entendida como um processo no qual ocorre a desconstrução, seguida de reconstrução de um conjunto de materiais, produzindo-se, a partir do estudo em questão, novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados. Os mesmos autores (2007: 140) acrescentam que a Análise Textual Discursiva consiste “em uma nova opção de análise para pesquisas de natureza qualitativa e de caráter hermenêutico”. Os autores complementam o pensamento anteriormente citado referindo-se ao documento produzido a partir da análise das entrevistas de acordo com o que segue: “de algum modo o texto é organizado para possibilitar uma compreensão mais complexa da Análise Textual Discursiva, uma modalidade de investigação que se afasta dos extremos tanto da Análise de Conteúdo tradicional quanto algumas modalidades de Análise de Discurso”.

As diversas interpretações e percepções que podem emergir de uma Análise Textual Discursiva, dependem fundamentalmente de quem a aplica. Diferentes visões de mundo, leituras realizadas, experiências vividas e teorias empregadas pelo leitor, podem levar a inúmeras interpretações.

3.6 ESTRUTURA DE CATEGORIAS PRODUZIDA

A análise das informações apresenta as convicções dos jogadores e técnicos de equipes brasileiras de basquetebol de alto rendimento. Após analisar cada entrevista vislumbrei alguns indicadores que apontam para a possibilidade de mudança na Educação por meio do esporte, especificamente do basquetebol no Brasil. Dividi os indicadores em 3 categorias, as quais foram relacionadas com as teorias de especialistas reconhecidos na área do conhecimento em questão.

Desse modo, as referidas categorias compreendem alguns trechos que considero mais apropriados no que se refere ao contexto da investigação, selecionados a partir das entrevistas dos sujeitos que pertencem à elite do basquetebol brasileiro de alto rendimento, levando em consideração a fundamentação teórica e a minha reflexão baseada em experiências pessoais e profissionais.

Uma questão tão determinante quanto o conteúdo exposto até este trecho é determinar quantas entrevistas devem ser analisadas, já que concluí 29 entrevistas, 18 com técnicos e 11 com jogadores. Com relação a essa temática, Flick (2004: 194) apresenta a seguinte sugestão:

O procedimento da interpretação de dados, assim como a integração de material adicional, é encerrado no momento em que se atinge a *saturação teórica*, ou seja, quando um avanço na codificação, um enriquecimento de categorias, etc., não proporcionarão nem serão a promessa de novos conhecimentos.

Um dos critérios que adotei para selecionar os trechos que foram citados refere-se à abrangência da informação observada nos relatos, partindo do pressuposto que os diferentes atores sociais envolvidos na pesquisa viveram situações semelhantes, mas expressaram de modo distinto, seja por conta do momento histórico no qual a experiência se deu, seja pelas condições vividas pelo sujeito dentro da modalidade.

Antes de apresentar as categorias de análise deste estudo, julgo importante defini-las. Moraes (2003: 200) afirma:

O processo de categorização pode tanto ir de um conjunto de categorias gerais para conjuntos de subcategorias mais específicos, quanto no sentido inverso. O primeiro movimento está mais diretamente associado às categorias *a priori*. O segundo, às categorias emergentes.

Considero *a priori* a categoria denominada: **a idade de competir no mesmo modelo dos adultos** e emergentes as demais categorias do estudo, ou seja, **a relevância profissional**

do educador Físico e Educação de crianças e jovens por meio do esporte.

No caso específico da análise das informações coletadas nas entrevistas com jogadores e técnicos, seguindo os pressupostos de Moraes e Galiazzi (2007), os depoimentos foram organizados em 4 focos, de acordo com a ordem que segue:

1 - Desmontagem dos textos ou unitarização: o texto foi dividido em frações denominadas unidades de análise que foram agrupadas de acordo com seus respectivos contextos. Cada unidade foi reescrita segundo Moraes e Galiazzi (2007: 20) “de modo que expressem com clareza os sentidos construídos a partir do contexto de sua produção”. A última etapa do primeiro foco consistiu em estabelecer um título ou denominação para cada unidade de análise.

2 - Categorização das unidades de análise: esse processo foi produzido a partir do agrupamento das idéias similares percebidas nas unidades de análise. Importante enfatizar que algumas subcategorias também foram resultantes dessa análise e facilitaram a elaboração do processo como um todo. De acordo com Moraes e Galiazzi (2007: 20) “no seu conjunto, as categorias constituem os elementos de organização do metatexto que se pretende escrever”. As categorias, respectivas subcategorias de análise e o argumento central de cada categoria constam no quadro 2 (página seguinte).

3 - Captando o novo emergente: a elaboração dos 2 focos anteriores possibilitou a elaboração de um entendimento reconstituído do todo, ou seja, “o metatexto resultante desse processo representa um esforço de explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores” (MORAES e GALIAZZI, 2007: 12). Entendo que a construção do metatexto expressa minhas percepções até esta etapa do processo.

4 - Processo auto-organizado: mesmo seguindo uma seqüência lógica de construção, o ciclo de análise “pode ser compreendido como um processo auto-organizado do qual emergem novas compreensões. Os resultados finais, criativos e originais, não podem ser previstos” (MORAES e GALIAZZI, 2007: 12). Desse modo, a nova produção textual passou por um processo de amadurecimento gradual até a sua conclusão.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	ARGUMENTO CENTRAL
A idade de competir no mesmo modelo dos adultos (<i>a priori</i>).	<p>Críticas e concordâncias ao modelo hegemônico de organização esportiva para crianças e jovens vigente no Brasil;</p> <p>Mudanças parciais, por parte de técnicos, no que diz respeito aos conceitos referentes à Educação por meio do esporte ao longo das respectivas trajetórias profissionais;</p> <p>O significado das lesões na carreira de um jogador profissional de basquetebol.</p>	Ainda que já se manifestem críticas ao modelo hegemônico da organização esportiva para crianças e jovens vigente no Brasil, é complexa e difícil a mudança para outros modelos que estão em sintonia com as teorias da Educação esportiva.
A relevância profissional do Educador Físico (emergente).	<p>Ênfase na necessidade de contar com profissionais experientes e competentes atuando na Educação por meio do esporte;</p> <p>Críticas aos profissionais que trabalham com a Educação por meio do esporte e também ao modelo, considerado hegemônico, de competições adotadas para essa faixa etária no Brasil;</p> <p>Questionamento referente às crianças e jovens considerados craques precocemente;</p> <p>Crítica à falta de intercâmbio entre os técnicos brasileiros;</p> <p>A influência dos pais na Educação de crianças e jovens por meio do esporte.</p>	Uma Educação por meio do esporte que esteja de acordo com as teorias atuais exige profissionais experientes e competentes, com capacidade de criticar modelos hegemônicos que necessitam ser superados e capazes de contribuir na construção e implementação de novos modelos.
Educação de crianças e jovens por meio do esporte (emergente).	<p>A relevância da Educação de crianças e jovens por meio do esporte;</p> <p>Críticas, elogios e sugestões referentes à Educação de crianças e jovens por meio do esporte no Brasil.</p>	A realidade brasileira da Educação por meio do esporte exige mudanças para que se possa superar o modelo atual de competição e implementar modelos de acordo com as teorias atuais.

Quadro 2: Categorias de análise, respectivas subcategorias e argumento central.
Fonte: O Autor (2008).

4 RESULTADOS

Os resultados do presente estudo serão apresentados de acordo com as 3 categorias de análise anteriormente mencionadas.

Na primeira categoria, intitulada **A idade de competir no mesmo modelo dos adultos**, constaram diferentes perspectivas relacionadas com as competições organizadas para crianças e jovens que copiam, com pequenas adaptações, as disputas esportivas dos adultos.

A seguir foi apresentada a categoria **A relevância profissional do Educador Físico**, que abordou o papel do professor de Educação Física na formação esportiva de crianças e jovens no Brasil.

A categoria **Educação de crianças e jovens por meio do esporte** enfatizou a importância das ações pedagógicas por meio do esporte, encerrando o capítulo.

Os jogadores e técnicos foram identificados de acordo com a ordem das entrevistas e utilizei as seguintes abreviaturas: “J” para os jogadores e “T” para os técnicos. Desse modo, J9 e T4 referem-se ao nono jogador entrevistado e ao quarto técnico entrevistado, respectivamente. E assim, sucessivamente.

4.1 A IDADE DE COMPETIR NO MESMO MODELO DOS ADULTOS

A reflexão da categoria em questão remete a um ponto fundamental do estudo: a idade mais apropriada para crianças e jovens começarem a competir no mesmo modelo dos adultos, seguindo critérios de adaptação das regras de acordo com a faixa etária dos praticantes. A relevância dessa categoria de análise está baseada em 2 argumentos:

1. A polêmica gerada a partir dos pressupostos teóricos que, indireta e em inúmeras oportunidades diretamente, questionam com veemência a realidade prática das competições organizadas para crianças e jovens que copiam, com pequenas adaptações, o modelo dos adultos;

2. A crítica registrada no depoimento de inúmeros entrevistados que apóiam as críticas de colegas de profissão que passaram a questionar há algum tempo, cada vez com mais intensidade, as disputas esportivas onde crianças e jovens competem, especificamente na modalidade basquetebol.

De modo geral, contrariando inúmeros episódios da realidade prática e corroborando com os estudos mencionados nesta pesquisa (ADELINO, VIEIRA e COELHO, 2000; FLECK e KRAEMER, 2006; GRECO, BENDA e RIBAS, 2007; GRECO, 2007; SHERIF, 1978, entre outros), J9, T4 e J10 expressaram, respectivamente, as seguintes opiniões referentes à idade ideal de um iniciante competir no mesmo modelo dos adultos:

Desde as categorias bem de base, a preocupação é a vitória, então eu acho que isso tinha que mudar e aí sim, a partir dos 15, 16 anos, [...], se preocupar realmente com a vitória.

Depois dos 16 anos, porque várias estruturas da criança, do garoto em desenvolvimento, até essa idade, ainda estão em formação, principalmente a emocional. [...] e aí, a partir dos 16 anos, onde ele já está se tornando, não um homem ainda, mas uma pessoa um pouquinho mais equilibrada, ele poderia iniciar a competição pra chegar lá nos 18 anos e aí, fazer a coisa de uma maneira bem séria mesmo e definir se ele vai ser um jogador de ponta ou não.

Acredito que uns 15 anos, de 14 para 15 anos, seria ideal para jogar a nível competitivo. Acredito que antes disso, acho que devem ser feitos festivais, não só de basquete, acho que o garoto deve fazer outros esportes também, descobrir aquilo em que ele, realmente, se encaixa, gosta mesmo de fazer, procurar uma diversão e depois começar a competir.

Diante da diferença significativa que representam as opiniões acima reproduzidas, cabe incentivar outras investigações, bem como a promoção de eventos contando com a presença de representantes dos inúmeros segmentos (dirigentes esportivos, técnicos que trabalham com crianças e jovens, professores, jogadores e técnicos que participam do alto rendimento). As sugestões podem ser justificadas ao analisar a opinião dos ídolos do basquetebol brasileiro, bem como dos professores que freqüentemente apresentam pesquisas relacionadas com a temática abordada. O que não resta dúvida é que os argumentos que contrariam a realidade da Educação de crianças e jovens por meio do esporte precisam ser considerados.

O fato de ouvir e reproduzir idéias que convergem com a proposta desta tese, não significa que merecem lugar de destaque. É importante evidenciar que a opinião dos entrevistados não foi unânime.

Diante de tal controvérsia, considero indispensável mencionar o ponto de vista e justificativas de técnicos e jogadores que aprovam o modelo hegemônico de iniciação esportiva vigente no Brasil. Inicialmente apresentarei os argumentos de T16:

Acho que 10 anos seria ideal [...]. Apesar de que outro dia me surpreendi, mas a tabela de mini, acho que é uma coisa importante, é uma adaptação do minibasquete e a garotada lá em Londrina não quis, eles quiseram jogar na tabela grande, eu fiquei surpreso, mas as coisas vão mudando e a gente tem que se adaptar. Acho que com a adaptação da tabela, 10 anos de idade, a bola de acordo, um jogo em que você determinaria algumas regras para que todos pudessem participar, na minha concepção seria o ideal.

Parece existir coerência na posição do entrevistado que sustenta a utilização da tabela que foi apontada por especialistas como a ideal para os praticantes de 12 anos de idade, apesar de mencionar a vontade das crianças de praticarem basquetebol em uma tabela, cuja altura do aro em relação ao solo é idêntica àquela utilizada nos jogos dos adultos. Afinal de contas, nem sempre o que as crianças pedem e desejam é a melhor opção para as mesmas (CÔTÉ, 1999).

No que se refere ao trecho em que T16 propõe: “[...] um jogo que você determina algumas regras para que todos pudessem participar [...]”, o modelo hegemônico de iniciação esportiva vigente no Brasil não prevê a inclusão de todas as crianças e jovens praticantes. Quando a competição adota as regras oficiais da modalidade, somente 12 jogadores podem integrar uma equipe, independente do número de praticantes da instituição, os demais são excluídos ou participam de um rodízio. E, entre os 12 selecionados, os jogadores considerados destaques pelos técnicos, provavelmente participarão de um período maior de tempo em relação aos demais durante o jogo. É nesse ponto que consiste o questionamento relacionado com a falta de oportunidade igualitária. Neste caso a importância da inclusão de crianças e jovens relacionada com a atividade física parece representar uma das essências dessa prática (BROTTO, 2003; ORLICK, 1989).

Ainda citando o relato de T16, julgo apropriado reproduzir o trecho que aborda as mudanças do profissional de basquetebol ao longo da carreira:

Eu tenho alguns conceitos que eu mudaria e alguns que eu manteria. [...] até pela competição de você querer ganhar, aquele jogador mais alto, nas categorias menores, você especifica como pivô, eu sempre procurei, alguns jogadores com essa característica, também dar a noção para que ele pudesse ter a habilidade de jogar fora, isso é muito importante, não especificar logo no início. Mas a gente sabe que na hora da competição você quer ganhar e acaba especificando. Eu, se pudesse voltar, talvez trabalharia diferente nesse sentido de realmente dar tecnicamente condições a esses atletas que têm uma estatura mais elevada. Aqueles que têm uma menor estatura, trabalhar de uma maneira diferente, de uma maneira não tão restritiva porque, na verdade, com os pequenos, a gente também acaba restringindo e de certa maneira acaba eliminando eles. Isso acho que não só eu, vários técnicos, talvez se trabalhássemos diferente porque você nunca sabe o talento, quando ele vai surgir, existe uma tendência, você já vai observando, mas, normalmente, via de regra, nem todos aqueles jogadores que eram grandes talentos nas categorias menores acabam virando jogadores adultos, [...]. Mas, evidentemente, hoje em dia, um jogador que não começa cedo, a chance de ele se tornar um jogador adulto [...], torna-se mais difícil, não que seja impossível.

Entendo ser uma virtude o fato de um profissional considerar um equívoco seu próprio trabalho desenvolvido no passado. O que não ficou esclarecido é o motivo da proposta de competir no mesmo modelo dos adultos a partir dos 10 anos de idade, uma vez que nesses eventos segundo o entrevistado: “na hora da competição você quer ganhar e acaba especificando”, ou seja, especializando precocemente um aprendiz. O que parece ficar evidente na última fala acima referida é que, se uma criança não competir no modelo hegemônico de iniciação esportiva vigente no Brasil, não haverá outra possibilidade de desenvolver suas potencialidades e conseqüentemente a chance de se tornar um jogador adulto será reduzida. Cabe mencionar que esse entendimento foi o único registrado entre os entrevistados e já foram publicados inúmeros estudos (REBUSTINE, MACHADO e BRANDÃO, 2008; SANT, 1992; BARBIERI, 1999; GRECO, BENDA e RIBAS, 2007) que contrariam tal posicionamento.

Os argumentos de T4 divergem dos sugeridos por T16. O entrevistado opinou do seguinte modo:

Eu não acho errado o encaminhamento para a atividade esportiva, eu acho que a forma como é ministrada a atividade esportiva para os iniciantes, essa é que talvez esteja errada, porque a gente quer, na fase de iniciação, quer dizer, quando o garoto está adquirindo padrões motores, ele ainda não domina os gestos, ele ainda não tem incorporado os movimentos que ele deve realizar por jogo, ele não é treinado através dos fundamentos, ele é treinado através da execução do jogo. Exigir que esse jogador tenha desempenho técnico e seja campeão, aí, me parece que está o grande engano e não em relação a começar numa idade menor, porque se o garoto for submetido a um programa muito mais de Educação Física do que de esportes aonde ele, a partir dos 8, 9 anos, possa ampliar sua bagagem motora de uma maneira gradativa e evolutiva até uns 15 anos, qualquer técnico que pegar um garoto de 15 anos, de excelente condição motora, em um mês, ele aprende as técnicas dos fundamentos e, conseqüentemente, a execução do jogo.

O que foi abordado por T4, não foi a negação da prática esportiva nos primeiros anos de vida, independentemente de qual idade, mas sim os objetivos dessa prática. Neste caso, o foco da crítica analisa o modelo que ao invés de visar o respeito aos padrões motores nas práticas, prioriza o resultado nas competições e conseqüentemente a especialização precoce.

Com relação à possibilidade de desenvolvimento do repertório motor na infância e juventude, J7 avaliou como aspecto negativo em relação a sua carreira de jogador de basquetebol, o fato de considerar uma idade avançada a fase em que iniciou a prática do basquetebol regularmente, declarando:

[...] eu queria ter jogado as categorias de base, seria interessante pra minha habilidade.

A investigação de Mitra e Mogos (1990) destacou a importância do desenvolvimento do repertório motor de crianças e jovens, o que ficou evidenciado na fala de J7. A comprovação, na prática, da teoria dos últimos pesquisadores citados ratifica a relevância da atuação profissional dos professores de Educação Física.

O desejo de ter integrado atividades de categorias de base na infância e juventude, não significa, necessariamente, que J7 defende a iniciação considerada precoce, uma vez que o entrevistado considerou como ideal para um jogador de basquetebol começar a competir nos moldes do Campeonato Estadual, a seguinte idade:

[...] nos Moldes do Campeonato Estadual, [...] tem que ser 14. Acho que o garoto mais novo deve só brincar, senão ele cansa da competição nesse nível, fica muito batida essa idéia e atrapalha mais tarde.

Mesmo entendendo a enorme dificuldade, acredito na necessidade de promover outros modelos que possam servir de base para a formação de crianças e jovens no esporte. O questionamento de Apolo (2007: 43) remete a uma crítica antiga no meio da Educação Física que não pode ser negligenciada: “qual trabalho de Educação Esportiva ‘bem feito’ se reconhece no Brasil que não aquele relacionado diretamente ao Esporte de Alto Rendimento?”

Mesmo convicto que o esporte é fundamental na Educação de crianças e jovens, possibilitando combater a discriminação, promover paz, tolerância e amizade (BO CARLSSON e FRANSSON, 2005) e que pode atuar na promoção da solidariedade, honestidade, responsabilidade, disciplina, dedicação, coragem, perseverança, preparação para a vida, não poderia deixar de criticar os aspectos que considero nocivos no modelo em questão.

Alguns jogadores entrevistados também defenderam a proposta de competir no mesmo modelo dos adultos em uma idade considerada precoce por especialistas no assunto (BROTTO, 2003; CARDOSO, 2007, DAIUTO, 1991; MAIA, 1996; MARQUES e OLIVEIRA, 2001; PAES, 2002; PERSONNE, 1991, entre outros). De qualquer modo, acredito que os relatos de J2, J3 e J6, respectivamente, merecem a mesma reflexão dos demais:

[...] desde o pré-mirim que é uma idade de 12 a 13 anos, acho que essa é uma idade boa para você começar a disputar um Campeonato Estadual. Por quê? Desde o pré-mirim, você já tem uma certa responsabilidade de estar representando o clube e isso é fundamental para você poder crescer durante os anos e a competição. Então, a idade que eu começaria, se eu pudesse, é de 12 para 13 anos [...].

Quanto mais cedo a criança se identificar com o esporte e puder competir no nível de Federação, Campeonato Paulista, Brasileiro, [...] e até nível escolar, seria bom. O quanto antes melhor, porque esporte é fundamental na vida de qualquer criança, de qualquer pessoa.

Eu comecei muito cedo como também tem jogador que virou jogador e começou muito tarde também. Muitos técnicos falam pra mim que não é necessário começar muito cedo, mas eu acho que começar cedo é importante, porque no mundo do basquete, você tem que sofrer várias experiências, você tem que entender muita coisa do que existe no basquete, então, não digo começar com 5 anos, eu tive a felicidade de começar com 5 anos, mas uns 8, 9 anos, uns 7 anos é o ideal [...].

No caso específico das declarações acima referidas, não deixa de ser sensato um jogador começar a competir cedo, independente do modelo de competição, conseguir integrar o seletivo grupo da elite nacional dos profissionais da modalidade e “sobreviver” a um longo processo seletivo, acreditando que o “ideal” é que sejam reproduzidas suas respectivas formações na iniciação dos demais praticantes. A exemplo do depoimento de T16, novamente parece ficar evidente nos relatos de J2, J3 e J6 que se uma criança não competir no modelo hegemônico de iniciação esportiva vigente no Brasil, não haverá outra possibilidade de desenvolver suas potencialidades e conseqüentemente a chance de se tornar um jogador adulto será reduzida. Com relação a esta questão, o desafio está direcionado para outras possibilidades, isto é, a promoção de outros modelos de Educação para crianças e jovens por meio do esporte, de acordo com estudos já citados (REBUSTINE, MACHADO e BRANDÃO, 2008; SANT, 1992; BARBIERI, 1999; GRECO, BENDA e RIBAS, 2007).

Conforme anunciado, as opiniões dos entrevistados não foram unânimes. Em oposição às idéias de J2, J3 e J6, a questão é percebida por J4 e J5 do seguinte modo:

Qualquer idade é bonita desde que você não coloque pressão demais nos meninos, que eles joguem de uma maneira mais recreativa do que competitiva, [...]. Se a criança, muito cedo, ela pega o ter que ganhar à força, não sei, em alguns pode funcionar e em outros não. Então, o melhor, [...], é que eles compitam, o quanto antes melhor. Faz muito bem a competição, mas os técnicos têm que ter o cuidado: primeiro todos tem que jogar, participar e o resultado, apesar de ser importante, ele não tem de ser a coisa mais importante. A coisa mais importante tem de ser a convivência, é a competição também, é o treinamento, é tudo e o resultado é uma conseqüência natural: [...], eu acho a competição muito saudável desde que não tenha aquela pressão pra ganhar de qualquer jeito como eu vejo em algumas categorias menores. Os técnicos sobrecarregarem de pressão as cabecinhas de crianças, o que pode até ser prejudicial ao crescimento delas, vai ter muito tempo pela frente pra ter pressão desse tipo. Acho que até os 15, 16 anos elas têm que competir sem muita pressão, tem de ser uma coisa mais de jogo, de brincadeira.

Eu acho que para se federar com 15 anos. Nada impede que o jogador se instale em escolinhas com 8, 9, 10, 11, 12 anos, mas acho que para se federar, é importante o jogador ter um mínimo de leitura de jogo e esse mínimo, acho que uma idade boa são os 15 anos, porque não tem mais aquele negócio de todo mundo correr atrás da bola. O jogador já sabe diferenciar como é jogar por zona, jogar contra individual, fazer uma determinada jogada, o respeito que ele tem que ter pelo espaço do companheiro. [...], tudo isso é uma coisa muito importante para o cara começar a jogar, para o jogador estar bem adaptado e tranqüilo na hora de entrar em quadra e sem pressão também, porque eu acho que com 15 anos o jogador já tem uma idade suficiente pra suportar pressão de pais, de técnicos, de amigos e tudo o mais.

Por existirem tantas opiniões divergentes, acredito ser este um dos pontos mais polêmicos da Educação de crianças e jovens por meio do Esporte, se compararmos os pressupostos teóricos com a realidade prática. Face ao exposto, julgo apropriado mencionar novamente o fenômeno do crescimento que ocorre na puberdade (FILIN e VOLKOV, 1998; WEINECK, 2005; PAPALIA e OLDS, 2000), onde é possível perceber com nitidez as diferenças corporais entre crianças e jovens da mesma idade cronológica, porém com diferentes idades biológicas, participantes de um jogo de basquetebol. Neste caso a crítica está centrada na precocidade da participação dos iniciantes em competições organizadas nos mesmos modelos dos adultos. Bigelow, Moroney e Hall (2001) estimam que 70% das crianças que praticam um esporte quando jovens desistem quando chegam aos 13 anos de idade. São crianças que são cortadas em uma tenra idade, desistem ou são esquecidas por um sistema que não as encoraja o suficiente, alertam os autores.

O Encontro Sul Americano de Basquete, Olimpíadas Escolares e os Jogos Bom de Bola são exemplos de eventos organizados para crianças e jovens que podem ser considerados passíveis de reflexões, questionamentos e possibilidades de mudanças, de acordo com os comentários apresentados anteriormente.

O que merece destaque na reflexão é o modo como os estudos científicos são desconsiderados, uma vez que os eventos que pertencem ao modelo hegemônico existente no Brasil, como por exemplo, os citados no parágrafo anterior e também no relato dos entrevistados, seguem o mesmo padrão há décadas. Ao investigarem o tema, Balbinotti et al. (2004: 214) alertam para o seguinte equívoco:

Ter sucesso nas primeiras competições não é, pois, condição indispensável à obtenção dos resultados futuros. Pelo contrário, muitos jovens desportistas que nos primeiros anos da sua formação desportista não obtiveram resultados de relevo, vêm mais tarde a apresentar um grande potencial desportivo e os conseqüentes resultados.

A dificuldade da mudança está diretamente relacionada com a convicção dos técnicos/professores, uma vez que inúmeras propostas alternativas e consistentes são

reconhecidas. Andrade (2001) acredita que a competição apresenta-se como benéfica para crianças e jovens, desde que a sua organização e desenvolvimento esteja de acordo com as particularidades específicas desses seres em formação.

Ao sugerir a substituição do modelo competitivo no esporte para crianças e jovens, introduzindo os jogos cooperativos, Orlick (1982) relata que as alterações não ocorrem da noite para o dia, mas em um período de alguns meses e após algum tempo, é possível identificar comportamentos mais afetivos e ponderados nas crianças.

J11 demonstrou conhecer com detalhes um trabalho que do modo como foi descrito, certamente está de acordo com os estudiosos da Educação por meio do esporte.

Eu discordo completamente dessa maneira de disputa pra garotos, eu acho que com essa forma de disputa você acaba matando, entre aspas, alguns talentos, por esse garoto não ter uma mentalidade feita ainda e, de repente, perder uma bola numa decisão e todo o mundo achar que, porque o garoto perdeu a bola, então ele é amarelão. Eu vejo um trabalho muito legal do Zé Roberto no Rio de Janeiro: que é o Zero Basket. Ele até faz jogos contra outras equipes, mas ele não visa vencer as partidas, ele tem regras de participação de equipes, quer dizer, você tem que chegar com o boletim do colégio, você sendo melhor que o outro, você não vai jogar mais tempo que o outro, então eu acho que o trabalho com garotos tem que ser dessa forma.

A instituição Zero Basket exemplifica que modelos esportivos alternativos direcionados para crianças e jovens podem ser construídos.

Ao apresentar a história de vida de uma das principais atletas do basquetebol brasileiro, Rubio aborda a transição vitoriosa da jogadora que compreende o final da carreira e o início de um novo desafio que consiste em coordenar um trabalho institucional. Rubio (2003: 41) expõe o objetivo de um dos ícones do esporte nacional ao referir: “A que B. promete é uma longa vida de dedicação ao esporte, vinculada à transformação de crianças e jovens que poderão vir a se tornar atletas, mas que serão antes de tudo cidadãos”. O relato acima também pode servir de exemplo prático em sintonia com estudos direcionados para a Educação de crianças e jovens por meio do esporte. O relato da infância de inúmeras personalidades sugere cautela e reforça a importância da inclusão. De acordo com Guenther (2006: 52-53):

Einstein tinha mais de 3 anos quando começou a falar, e só aprendeu a ler depois dos 7 anos de idade. Newton era um aluno notavelmente atrasado na escola primária. [...] Churchill foi reprovado, repetindo a 6ª série. [...] Pasteur era considerado medíocre em química, quando aluno no Royal College.

Independente de detectar no futuro alguma possibilidade de sucesso de um educando, parece não existir mais dúvida que todo e qualquer modelo de exclusão na Educação representa um equívoco de grande proporção.

Normalmente as escolas tendem a se aproximar do modelo hegemônico esportivo brasileiro. Lovisolo (2001: 109) ‘engrossa o coro’ de inúmeros pesquisadores referidos nesta tese e afirma que “temos que dar ao esporte da escola um sentido diferente daquele que possui o esporte rendimento e que não devemos nem podemos subordinarmos *inconscientemente* à técnica pelo seu valor”. Porém, o autor chama a atenção para a busca de um equilíbrio e destaca que “não podemos cometer o equívoco inverso de idealizar o lúdico nem abandonar o movimento pela reflexão”. É importante salientar a relevância do último comentário e evidenciar que não é a proposta deste estudo. Do mesmo modo que exigir até o limite de crianças e jovens na prática esportiva aponta para um equívoco, o outro extremo também parece indicar um erro, uma vez que a solidariedade, honestidade, responsabilidade, disciplina, dedicação, coragem, perseverança, entre outros aspectos proeminentes, precisam necessariamente estar inseridos nas práticas de crianças e jovens.

No que se refere à importância das atividades lúdicas na infância e juventude, entendo relevante a abordagem apresentada por Cavalli et al. (2008: 261):

O princípio lúdico pode representar um aumento na participação de crianças e jovens, por meio do elemento motivacional, gerado pelo próprio prazer da atividade física pautada pela diversão e alegria. O jogo prazeroso pode também proporcionar momentos de estímulo ao “saber conviver” e às relações interpessoais tão necessárias nos trabalhos com grupos.

O desafio parece estar pautado no equilíbrio da seriedade de um ato educacional, com a adequação desse ato às faixas etárias dos alunos. É nesse balanço que podem estar inseridas as atividades lúdicas para crianças e jovens. Contrariando tais recomendações, serão reproduzidos alguns trechos das entrevistas de J9 e T4 que analisam, respectivamente, de diferentes perspectivas, a realidade brasileira no que diz respeito às conseqüências do modelo de treinamento considerado precoce.

Eu comecei a jogar com 10 anos, já começava a jogar naquela pressão e aquela coisa de ganhar e, realmente isso pode até ter me atrapalhado naquela coisa de tecnicamente. Acho que o começo da carreira tinha que ser uma coisa mais *light*, nesse sentido: você tinha que treinar, ensinar o atleta a ser atleta, a saber correr, a saber pular, a saber saltar e é o que não acontece aqui no Brasil.

Então, o jogador que é, aos 11 anos, colocado numa condição de competição daquele que: o que ganha é ótimo, o que perde é horrível, isso é um peso emocional que nenhum garoto suporta ou até suportaria se não tivessem interferências externas, especialmente da família e também do técnico. Então, há uma cobrança muito grande junto aos jogadores numa idade em que eles não deveriam ser cobrados pra isso e, conseqüentemente, se eles não têm estrutura emocional para desempenhar determinada tarefa, obviamente isso dá uma interferência direta na execução da tarefa.

O que merece destaque nas experiências verbalizadas por J9 e T4 é justamente a crítica ao modelo de iniciação esportiva que reproduz o alto rendimento e a percepção que aponta uma proposta de mudança no que diz respeito à Educação de crianças e jovens por meio do esporte.

Com o foco centrado no trabalho desenvolvido nas categorias de base, direcionado ao alto rendimento, de acordo com os anexos B e C, foi questionado aos jogadores e técnicos em que idade ou faixa etária um jogador profissional de basquetebol atinge o auge da sua carreira.

Independente da diversidade de opiniões apresentadas neste tópico e levando em consideração a dificuldade de estabelecer uma idade ou faixa etária em que um jogador de basquetebol atinge o auge da sua carreira profissional, que possa ser generalizada, nenhum entrevistado apontou idade inferior aos 20 anos de idade. A tentativa de antecipar a idade em que um jogador profissional de basquetebol atinge o auge da sua carreira, parece não indicar uma proposta de desenvolvimento de talento.

Por outro lado, é muito importante levar em consideração a integridade física dos praticantes, uma vez que treinamentos intensos aliados à falta de repouso normalmente provocam lesões (MICHEO e AMY, 2003; GEBKE e McKEAG, 2003). J3, J8 e J9 expressaram suas opiniões, respectivamente, no que se refere ao significado das lesões na carreira de um atleta profissional do seguinte modo:

[...] acho que as contusões da vida de um atleta são aspectos bem negativos [...]. Eu tive uma contusão muito séria na minha vida [...].

Algumas coisas negativas que têm são: lesões, [...].

De uns anos pra cá, depois dos 27, 28 anos, realmente, sou um cara que tenho que tomar bastante cuidado com o meu físico, eu machuco com uma certa facilidade. Eu tenho alguns problemas, principalmente de estiramentos, de contratura.

Os depoimentos de J3, J8 e J9 não deixam de ser óbvios para profissionais que atuam na área esportiva e reforçam a necessidade de prevenção da integridade física de um jogador profissional. E quando se trata de crianças e jovens que participam de atividades físicas regulares, certamente os cuidados devem ser redobrados.

A relação da integridade física e no caso da declaração de J8, também a integridade psicológica, com a idade ideal de um iniciante competir no mesmo modelo dos adultos, foi manifestada com a seguinte afirmação:

Doze pra treze anos. Doze foi quando eu comecei a jogar, aprender fundamentos e tal, mas acho que 13 pra 14 anos é a idade legal pra começar a competir porque, se começar muito cedo, é aquela coisa, hoje eu estou com quase 32 anos e eu sei da pressão que é, é bucha, o cara tem que estar bem preparado psicologicamente, tem que ter uma estrutura muito boa pra poder agüentar a pressão porque senão o cara não consegue jogar muito tempo, até os 35, 37 anos, não consegue [...].

O dado revelado a seguir converge com a linha de raciocínio de J8. Os 12 jogadores: Michael Jordan, Earvin *Magic* Johnson, Larry Bird, Charles Barkley, David Robinson, Patrick Ewing, Karl Malone, Scottie Pippen, Chris Mullin, Clyde Drexler, John Stockton e Christian Laettner, integrantes da Seleção dos Estados Unidos denominada *Dream Team*, justamente por ser considerada uma das melhores de todos os tempos, que participou e venceu os Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, apresentava a média de 29 anos de idade (USA BASKETBALL, [on-line]).

Quando J8 enfatiza que começar a competir muito cedo no mesmo modelo dos adultos pode ser prejudicial, a justificativa está baseado no fato de um jogador não conseguir manter-se no auge da sua carreira por muito tempo, caso as exigências da formação esportiva não respeitem as fases de crescimento e desenvolvimento. Certamente permanecer no auge é um dos principais objetivos de um jogador profissional. Mas os desafios anteriores não podem ser desprezados, como por exemplo: o longo período que antecede ao auge.

Ainda baseado em dados procedentes da arena Olímpica, Bompa (2000) pesquisou a média de idade dos jogadores de basquetebol que participaram dos Jogos Olímpicos entre 1968 e 1992. A média de 24,7 anos encontrada por Bompa (2000) ratifica a idéia de que um jogador profissional de basquetebol atinge o auge de sua carreira após os 20 anos e que promover o alto rendimento em idades precoces pode ser prejudicial. O autor acima mencionado ainda propõe que os professores especializados na Educação de crianças e jovens por meio do esporte evitem competições que exijam anatomicamente muito do corpo, oferecendo aos praticantes inúmeras situações competitivas lúdicas e que iniciem a especialização a partir dos 14 anos.

Em sintonia com as propostas de Bompa (2000), T4 comentou suas convicções vinculadas á precocidade percebida no modelo hegemônico vigente no Brasil, afirmando:

[...] eu fortifiquei meus conceitos de que a iniciação no basquetebol não deve ser precoce no sentido de levar uma criança ainda de tenra idade, na faixa de 10, 11 anos a executar essencialmente os movimentos da modalidade. Eu acho que ela tem que passar por uma experiência motora mais generalizada, ampliando a sua bagagem motora e depois, adiante, quando for mais velha, aí especificando os movimentos do jogo, no caso o basquetebol. Mas eu já tinha esse conceito e ao longo da carreira eu vim fortificando isso.

Independentemente das possibilidades de propostas que prevêm a participação de crianças e jovens em competições de basquetebol, não tenho dúvidas de que o modelo hegemônico de iniciação esportiva vigente no Brasil apresenta inúmeros riscos aos praticantes, e novas propostas práticas precisam ser levadas em consideração. Ainda que já se manifestem críticas a este modelo, tudo indica que é complexa e difícil a mudança para outros modelos que estão em sintonia com as teorias da Educação esportiva. Nesse sentido, é fundamental considerar a competência do professor de Educação Física no sentido de liderar propostas alternativas para o basquetebol brasileiro direcionado para crianças e jovens. Este tema será abordado na próxima categoria de análise.

4.2 A RELEVÂNCIA PROFISSIONAL DO EDUCADOR FÍSICO

Esta foi a primeira categoria que emergiu após a conclusão da análise das entrevistas. A estrutura textual foi elaborada no caso específico desta categoria e também das respectivas subcategorias: ênfase na necessidade de contar com profissionais experientes e competentes atuando na Educação por meio do esporte; críticas aos profissionais que trabalham com Educação por meio do esporte e também ao modelo, considerado hegemônico, de competições adotadas para essa faixa etária no Brasil; questionamento referente às crianças e jovens considerados craques precocemente; crítica à falta de intercâmbio entre técnicos brasileiros; e a influência dos pais na Educação de crianças e jovens por meio do esporte.

A importância do papel do professor na sociedade brasileira parece ser de senso comum, acredito que especificamente na área da Educação Física, a relevância é a mesma. Entendo que os professores capacitados e mais experientes devem ser os responsáveis pela Educação esportiva de crianças e jovens, fato que não percebo no cenário prático desta

realidade. Ao abordar o início da prática esportiva de uma criança, T6 expressou suas convicções no que se refere ao Educador Físico responsável por tal atividade:

Pode começar de uma forma recreativa, com 8, 9 anos. De uma forma competitiva, acima dos 12, 13 anos, mas com profissionais altamente competentes.

O pensamento de Böhme (2000) complementa a recomendação de T6 ao afirmar que o profissional do esporte que trabalha com o jovem atleta, precisa ter uma boa formação pedagógica, assim como um bom nível de conhecimento de como planejar e desenvolver adequadamente um treinamento em longo prazo.

A dificuldade de contemplar responsabilidade pedagógica consiste na essência do modelo hegemônico de competição organizada para crianças e jovens vigente no Brasil que visa prioritariamente o resultado nos campeonatos.

Quando T6 menciona que profissionais altamente competentes devem ser os responsáveis pela Educação esportiva de aprendizes, certamente elaborou este conceito baseado na sua experiência profissional. T10 demonstrou certa revolta ao refletir sobre o período em que trabalhou com crianças de 12 anos de idade.

[...] a partir do momento em que passei a exercer a função de técnico com categorias mais velhas, [...] me fez de fato assim, me revoltar um pouco com as coisas que aconteciam no mini. Enquanto eu estava como técnico de mini, eu tinha uma diretriz que era ensinar os jogadores a jogar, mas eu convivia e fui conivente com um sistema de competição que, muitas vezes, é contraditório a esse princípio. Trabalhei no Sírio, um clube altamente tradicional no basquete, super competitivo e o Campeonato Paulista é super competitivo também. Teve uma época, por exemplo, no Sírio, [...] nós fomos campeões invictos de três campeonatos seguidos, sem perder uma partida. Se com certeza dei alguma contribuição pra carreira de jogador desses meninos e principalmente, que é o meu grande orgulho, pra vida pessoal deles, uma vez no basquete, mas eu poderia ter feito a mesma coisa se os sistemas de disputa daquela categoria fossem diferentes, meu trabalho teria sido feito do mesmo jeito e, talvez, algumas mágoas, alguns ressentimentos que podem sobrar em alguns jogadores, alguns garotos que param de jogar, alguns garotos até que tomam alguma antipatia pelo próprio jogo de basquete, talvez isso não tivesse acontecido se eu tivesse feito o mesmo trabalho, servindo a um outro tipo de sistema.

O que o depoimento de T10 aponta é a falta de clareza da situação em que vivia profissionalmente. E esta mensagem pode servir de alerta para os professores/técnicos que estão no início da carreira.

Outra questão importante que julgo pertinente deixar registrada é o fato de nenhum jogador integrante das equipes do Sírio que se sagraram campeões do Campeonato Paulista 3 vezes consecutivas e sem perder um único jogo, integra ou integrou a Seleção Brasileira Adulta efetivamente, de acordo com o relato de T10. Este fato remete a uma reflexão sobre a possibilidade de campeões em idades consideradas precoces no basquetebol repetirem o

mesmo sucesso na fase adulta. Alguns estudos (MARQUES, 1997; PAES, 1989) já negaram qualquer relação nesse sentido. T10 opina de acordo com as projeções que não asseguram uma futura carreira esportiva de alto nível para aquelas crianças e jovens com atuações consideradas destacadas nos primeiros anos de prática esportiva, afirmando:

[...] entre 14 e 15 anos é uma idade onde as coisas começam a se configurar, mesmo assim é muito precoce fazer qualquer tipo de previsão. [...] muitas vezes, vocês ouvem aqui essa besteira, no mirim, esse jogador é um craque [...]. Eu já vi craque jogar e nós, no Brasil, já tivemos craques em quadra e posso lhe afirmar que com 12 anos você não afirma que ninguém é craque, [...]. [...] você vai saber se um cara vai poder ingressar numa equipe adulta ou não, num alto nível ou não, é uma coisa que começa a se configurar entre os 16 e os 18 anos, mais precisamente entre os 17 e os 18, na minha opinião.

A questão do talento esportivo envolve inúmeras variáveis (RÉGNIER, SALMELA e Russel, 1993; BLOOM, 1985; BOUCHARD, MALINA e PÉRUSSE, 1997; MATSUDO, 1996; MARKUNAS, 2005; MASSA, 2006 e KUNZ, 1983) e não apenas opiniões simplistas. Na fala de T10 essa questão ficou evidenciada. Nos países com tradição nos Jogos Olímpicos, como Estados Unidos, Cuba e recentemente o Reino Unido, a profissionalização dos administradores é uma realidade e a valorização da ciência também. É centrado nesse ponto que parece consistir o desafio de consolidar os avanços científicos na realidade do esporte infantil e juvenil.

O conhecimento teórico e prático dos profissionais que atuam na Educação esportiva de crianças e jovens pode contribuir para o reconhecimento e respeito por parte da sociedade. A busca da valorização do professor de Educação Física também foi tema do estudo de Marshall e Hardman (2000). Os autores concluíram que o status da Educação Física escolar, no âmbito mundial, é menor que o das outras disciplinas.

Além dos itens mencionados referentes à capacitação docente, Cushion, Armour e Jones (2006) investigaram os processos de treinamentos de equipes. Os resultados apontam para uma complexidade de tal processo que os autores recomendam um estudo baseado na subjetividade e particularidade antes da formulação do planejamento de trabalho.

Ao se referir a esta tese, J9 alerta para a seguinte situação:

Acho que a coisa mais importante desta pesquisa está mesmo nessas categorias de base, têm que ser mais aproveitadas aqui no Brasil, a gente tem que se preocupar, colocar gente capacitada pra essa molecada que é o que não tem ainda hoje.

Cada vez com mais intensidade, fica evidenciado que estagiários e professores de Educação Física recém-formados não podem trabalhar sem a supervisão de profissionais

experientes e capacitados, ou os profissionais que trabalham com a Educação de crianças e jovens por meio do esporte seguirão correndo o risco da desvalorização.

Com relação aos depoimentos e citações anteriores, julgo importante mencionar a distância existente entre a recomendação de contarmos com profissionais altamente competentes trabalhando com crianças e jovens no esporte e a realidade prática, na qual é possível encontrar estagiários, ex-atletas sem formação e iniciantes trabalhando com essa faixa etária. A afirmação acima está baseada no depoimento de T3 que pondera:

A consideração final é com relação ao trabalho de categoria menor que me preocupa bastante, em função desta situação que eu coloquei: acho que estão faltando profissionais que tenham formação para trabalhar com categorias menores. O pessoal está entrando no mercado com uma idéia que, eu acredito que seja, não a melhor, e entrando, [...], sem ter um modelo de trabalho, sem ter acompanhado um treinador mais experiente, [...], sem ter muita informação. Muito a questão de tentativas e erros. Então, você vai, pelo menos, aqui em São Paulo, vai somando um série de atitudes [...], nunca vi, técnicos de categorias menores, não se darem tanto como vejo aqui em São Paulo. Muita rivalidade entre treinadores. O que já começa a não ser uma coisa saudável, não tem por que ser dessa forma, então eu me preocupo e a gente está aqui empenhado em tentar fazer alguma coisa para contribuir para uma mudança nesse sentido.

Os relatos sugerem a qualificação dos profissionais de Educação Física que trabalham com crianças e jovens no esporte que justifique as reivindicações de reconhecimento da sociedade por parte dos mesmos. Acredito que a inexistência de profissionais de Educação Física trabalhando com alunos das séries iniciais do ensino fundamental (1^a a 4^a) em algumas escolas brasileiras e a constatação de baixos salários podem ser consideradas como queixas da categoria.

Um dos técnicos de Michael Jordan: Jackson, juntamente com Delehanty (1997: 123), definem a dificuldade desse jogo do seguinte modo: “o basquete é uma dança complexa, que requer uma troca constante de objetivos, a uma velocidade vertiginosa. Para ser bom, você tem que agir com a mente clara e estar totalmente focado no que todos na quadra estão fazendo”. Está evidenciado que nem a Educação por meio do esporte, nem a formação de um atleta de alto rendimento podem ser ‘obra do acaso’ ou desenvolvidas com equívocos.

Assim como na vida pessoal, normalmente uma carreira profissional passa por diversas etapas até atingir o amadurecimento. E mesmo assim, parece estar em constante processo de reciclagem. Esse argumento ratifica a exigência de contarmos com profissionais qualificados e experientes na formação de crianças e jovens no esporte. Ao responder sobre possíveis mudanças em relação aos próprios conceitos relacionados com a Educação por meio

do esporte e também, especificamente a formação de jogadores de basquetebol, T2, T5 e T6 relatam, respectivamente:

Mudei radicalmente. Acho que o basquete mudou, eu mudei. [...] quando eu dirigia lá em baixo, eu ensinava a driblar, a arremessar e eu achava que o jogo, em si, era fazer mais cestas e eu nunca me preocupava em dar noções gerais do jogo. Preocupava-me em dar noções de como a gente tinha que ganhar [...]. Aí você vai vendo que o jogador vai chegando no infantil, no infante e ele não se desenvolvia. [...] Os garotos quando vão chegando, eles vão chegando sem noção nenhuma de jogo, eles arremessam marcados, eles não sabem dar um passe, eles não sabem pra que a gente vira a bola. [...] Uma coisa que eu trabalho muito hoje é que o jogador tem de fazer aquilo que o jogo dá e não aquilo que ele quer que o jogo dê. [...] Se você não tiver resultados o seu diretor vai lhe mandar embora, o clube o dispensa. Então, teria de fazer hoje uma forma de aliar as duas coisas: ensinar o jogo, em si, desenvolver as habilidades individuais [...].

Totalmente. Eu acho que hoje ainda a gente comete muitos erros de formação. [...] hoje se treina uma iniciação, um mini como se treina uma equipe profissional: com jogadas, treinamento específico, [...]. Já vi aparecer: Vlamar, Oscar, Amaury, Rosa Branca, no mínimo já vi aparecer uns 50, não chegaram nem no juvenil. [...] às vezes impondo pra criança coisas que ela não tem a menor condição de assimilar: se grita, se xinga, enfim... Ainda mais nos tempos modernos, hoje, que a criança tem uma série de atividades outras [...] e uma chance de que talvez o esporte seja lá o que fosse, fosse o único lugar de respiro, pode dar risada, pode transpirar, pode correr, pode errar, pode acertar e vai lá e recebe mais uma carga grande de regras, de ensinamentos e regras como uma coisa que tem de ser seguida. E, às vezes, nessas imposições todas, ao invés de ter mais alguém, você tem menos alguém. Eu cometi alguns erros também nessa parte quando comecei a trabalhar, trabalhar sistematicamente, trabalhar achando que a minha jogada era a melhor do mundo, mas eu acho que a gente tem que fazer aquelas atividades bem lúdicas e aprendendo realmente aquilo que vai ser o esporte.

Claro, muitas mudanças, principalmente no sentido de se ter a noção clara de que tipo de exigência fazer a um garoto que está na escolinha e está aprendendo a jogar basquete [...]. Ele não suporta uma carga horária de treinamento intenso durante muito tempo, não é conveniente e, além disso, nessa idade, a preocupação, antes e ainda hoje, na grande parte dos clubes, é de conseguir resultados quando o objetivo principal é na formação do jogador [...]. Quer dizer, ele terá a percepção, a sensibilidade de como o jogo deve ser jogado e o aperfeiçoamento do jogador no domínio de todos os fundamentos sem a preocupação de especializar o jogador nesta ou naquela posição, independentemente da sua altura.

É possível perceber claramente o reconhecimento de T2, T5 e T6 no que diz respeito a mudanças e amadurecimento ao longo da carreira. Em alguns casos, modificações de conceitos são significativas. Esse fato ratifica a prioridade do foco que propõe atenção diferenciada na Educação de crianças e jovens por meio do esporte. Parece evidente que além dos profissionais da Educação Física, os dirigentes esportivos também precisam analisar a questão prioritariamente.

Nesse caso, a crítica também está direcionada na ausência de um programa consistente de formação de professores/técnicos em basquetebol. T6 também reivindicou programas de atualização para os técnicos de alto rendimento ao enfatizar:

[...] não há contato entre os técnicos, não há clínicas num número necessário pra que todos possam se atualizar, discutir as suas divergências, defender seus pontos de vista, procurar a verdade do nosso basquete, conceitos modernos. Isso, cada um procura, isoladamente, se atualizar quando, na realidade, se tivéssemos uma organização onde clínicas semestrais, ou, pelo menos, anuais, pudessem ser ministradas, eu acho que os técnicos do Brasil estariam num nível técnico melhor.

Demais reivindicações foram registradas em outras oportunidades, como por exemplo, por Ferreira (1984) que alertava para a inexistência de cursos de formação de técnicos esportivos nas áreas menos privilegiadas economicamente do Brasil. Apesar da iniciativa da APROBAS de organizar Cursos Técnicos Direcionados para professores/técnicos e a CBB também utilizar-se dessa prática, acredito que tais procedimentos não podem ser comparados com os cursos específicos de formação de professores/técnicos. E para cumprir esta proposta, aliás, já reivindicado em inúmeros cursos técnicos de aperfeiçoamento profissional, não será necessário investigarmos as famosas Associações de Técnicos da Argentina, Espanha, Itália, entre outras. Neste caso, basta procurarmos as informações dos Cursos de Treinadores da Confederação Brasileira de Voleibol que é uma das referências no Brasil (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, [on-line]).

Retomando o tema referente a possíveis mudanças em relação aos próprios conceitos relacionados com a Educação de crianças e jovens por meio do esporte e também, especificamente à formação de jogadores de basquetebol, alguns técnicos entrevistados não reconheceram mudanças radicais se comparadas suas respectivas opiniões na época em que trabalhavam com categorias de base, com as filosofias atuais de trabalho. T7 define seu amadurecimento profissional do seguinte modo:

Profissional, com certeza, acho que aquilo que foi ensinado naquela época, foi fundamental pra que a gente pudesse chegar aonde chegou, esse aprendizado que você leva na base, você cresce junto com os atletas, você vai evoluindo junto com eles e isso é fundamental pra carreira de um técnico. Acho que mesmo na categoria mais nova que existe você sempre vai aprender. A nossa vida como técnico é um eterno aprendizado: não tem ninguém que já sabe tudo ou ninguém que não sabe nada, sempre você tem alguma coisa a ganhar com alguém, seja com um garoto ou seja com o pai de algum garoto, aquele pai chato que vai lá e quer que o garoto jogue, você tem sempre que aprender alguma coisa com essas pessoas.

Novamente encontrei opiniões diferenciadas concernentes ao mesmo tema, o que não contraria a proposta de reflexão no que se refere à Educação por meio do esporte. T7 não declarou existir mudanças significativas ao longo de sua carreira na condição de técnico, entretanto registrou modificações graduais.

Para que possamos identificar na prática a definição de Matheny (1977), que afirma que competição no esporte é, na sua essência, uma expressão de amizade e reciprocidade na

medida em que os oponentes honram seus maiores esforços visando satisfação mútua e aprimoramento de todos participantes, precisamos reivindicar, como uma das prioridades da Educação por meio do esporte, a formação de professores/técnicos. Acredito que por meio desta estratégia a citação acima passará de uma ‘poesia’ que pode ser interpretada como utópica, para uma realidade possível. Desse modo, poderemos cumprir os objetivos da Educação propostos por Guenther (2006: 15), que visa “encaminhar o desenvolvimento das pessoas e encontrar a melhor e mais apropriada forma de promover a cada um aquilo de que ele necessita para se tornar o melhor ser humano possível”. Parece ser notório que o sucesso do trabalho de um professor está diretamente relacionado com sua competência e à medida que nossa profissão avançar na direção do progresso da ciência, a exemplo de outras áreas, nosso reconhecimento será facilmente assegurado.

Além de valorizar as pesquisas relacionadas com a Educação de crianças e jovens por meio do esporte, entendo ser igualmente importante considerar a opinião dos especialistas reconhecidos na área em questão. T4 relatou o início da sua carreira na condição de técnico e relacionou a realidade dos professores/técnicos iniciantes de acordo com o que segue:

[...] eu comecei a trabalhar quando ainda era estudante, é a etapa da insegurança, você não tem muita certeza daquilo que vai fazer. Você não é conhecedor da pedagogia. Veja o erro dos dirigentes, colocar um estudante para dirigir categorias onde ele vai aprender. Uma pessoa desse porte poderia e deveria ser um auxiliar, isso sim, um auxiliar, mas ela não poderia comandar um grupo, então, você não tem muita certeza pedagógica.

Na fala de T4 foi mencionado o papel do dirigente esportivo que, via de regra, é o responsável pela contratação de professores que trabalham com crianças e jovens nos clubes ou associações esportivas. Essa questão não está relacionada diretamente com o tema do estudo, porém cabe mencionar que os dirigentes esportivos brasileiros, não são, necessariamente, administradores ou professores de Educação Física, fato que é preocupante. Além da reflexão anterior, cabe ressaltar a carência de cursos de formação de dirigentes esportivos brasileiros (MOLINA NETO, 1997; GHILARDI, 1998).

Quando um pai acompanha seu filho em uma consulta odontológica ou médica, por exemplo, não parece ser de senso comum o registro de comportamentos inadequados por parte do responsável que acompanha a criança em tal consulta. Muito menos observarmos o pai emitir conselhos técnicos aos profissionais das áreas mencionadas. Mesmo entendendo a dificuldade da comparação, parece ser mais fácil perceber a confiança que um familiar sente

no sentido de emitir palpites ao acompanhar crianças e jovens no esporte. Baseado neste fato, costumamos ouvir que todos os brasileiros são auto-intitulados técnicos de futebol ou de outra modalidade esportiva (SILVA, 2007).

No relato dos entrevistados, ficou evidenciado que os pais de crianças e jovens integrantes de equipes de basquetebol, rotineiramente apresentam comportamentos considerados inadequados durante treinos e/ou jogos. Em determinadas ocasiões, a presença dos pais pode ser suficiente para influenciar negativamente as atitudes de um filho, de acordo com o relato de T4:

Então, eu sei que têm vários estudos de que garotos, numa determinada idade, na presença dos pais, têm tendência de errar muito mais do que de acertar, porque isso altera, totalmente, a parte motora da criança.

Ao abordar a influência dos pais em relação ao futuro de seus filhos, J10 assim aconselha os pais:

[...], se esta pesquisa for pra orientar pais, quanto a filhos, eu acho que os pais devem deixar os filhos escolherem aquilo que querem fazer, livres. Muitas vezes os pais querem colocar pressão nos filhos pra fazerem o esporte que eles querem e não o que a criança quer ou, não só em esporte, muitas vezes numa carreira. Eu acho assim: tem que deixar livre, tem que orientar os filhos, deixar livre escolha pra eles e que façam o que bem entenderem da vida.

Acredito que os pais têm o dever de orientarem seus filhos, porém é preciso tentar evitar interferências com desejos pessoais (CÔTÉ, 1999). De qualquer modo, cabe ressaltar a dificuldade de tal tarefa.

No estudo de Rubio (2003: 40), a opinião de uma das principais atletas do basquetebol brasileiro ratifica os relatos acima mencionados, ao afirmar que “os pais muitas vezes transportam para o filho o que eles gostariam de ser e às vezes a criança não tem o talento que eles acham que ela tem [...]. Muitas atletas deixaram de jogar muito antes, talvez pela pressão [...]”.

A crítica consiste na responsabilidade que determinadas competições exigem dos iniciantes. As reações dos pais influem diretamente no sentimento dos praticantes, aliás, é possível perceber esta relação em qualquer idade da vida de um ser humano. Se um filho participa de uma atividade esportiva prazerosa, a tendência é perceber tranquilidade no comportamento dos pais. Porém, ao contrário, quando uma criança ou jovem participa de

competições estressantes, poderemos identificar as mais variadas atitudes dos pais: desde um semblante tenso, passando por agressões verbais e, o que é mais grave, agressões físicas. T3 expõe seu ponto de vista ao relatar:

[...] A falta de Educação esportiva dos pais acaba acarretando uma série de problemas como brigas entre os pais, a cobrança do pai para com o filho que não é bem orientado. Até essa faixa etária, apesar de que hoje, a criança tem um amadurecimento mais cedo nessa faixa etária, acho que ela, emocionalmente ainda não está preparada para toda essa carga que é imposta a ela.

Ao censurar o comportamento dos pais, não está sendo considerado o instinto de proteção dos pais em relação aos filhos. Bigelow, Moroney e Hall (2001) entendem que exceto nos casos extremos de violência e abuso nos esportes para jovens, treinadores e pais que criam problemas para os filhos não são más pessoas. Eles estão presos e, em alguns casos, corrompidos pelo sistema de esportes para jovens que se perdeu. Sistema que é tomado por princípios e prioridades errôneas. Não são más pessoas no controle, o sistema é que é falho no controle.

Percebo semelhanças no modelo hegemônico de iniciação esportiva vigente no Brasil e no sistema americano a que Bigelow, Moroney e Hall se referem. T8 aborda o tema mencionando o envolvimento dos pais com essa realidade:

[...] Eu acho que essa competição pra garotos muito novos, é prematura. Pode ser até um tipo de recreação, mas competição eu não acho bom, eu vejo pais que se envolvem com brigas entre pais, com árbitros, isso deixa a cabeça do garoto... Já tive atletas que até hoje com 20, 22 anos, os pais ainda têm uma influência louca sobre o rendimento do atleta. Se eu mandasse no basquetebol brasileiro, primeiro: não ia ter esse tipo de campeonatos com 12, 13 anos, faria qualquer tipo de recreação, criaria alguma coisa diferente [...].

Entendo com muita naturalidade um pai perceber que seu filho ainda não apresenta condições de participar de atividades que apresentam conflitos sem auxílio, afinal, como observam Gallahue e Ozmun (2005); Parry e Reppold Filho (2005), crianças não são adultos em miniatura. Por conseguinte, os organizadores das competições esportivas que reproduzem o alto rendimento em eventos voltados para crianças e jovens, mesmo que levando em consideração pequenas adaptações nas regras do jogo, precisam refletir a respeito do tema. Nesse caso, está claro o equívoco dos profissionais de Educação Física ou, o que é mais grave, dos profissionais envolvidos na organização desses eventos que não são Educadores Físicos.

Acredito que, na medida em que as competições esportivas voltadas para crianças e jovens no Brasil passarem a seguir, predominantemente, os pressupostos teóricos, a

participação dos familiares será percebida de modo diferente, ou seja, os aspectos positivos poderão prevalecer, com frequência, em relação aos negativos. O exemplo do estudo de Côté (1999) corrobora com tal reflexão. O pesquisador estudou a influência das famílias na formação de 4 atletas de alto rendimento: 3 remadores e 1 jogador de tênis. A influência dos pais relatada no estudo foi considerada altamente positiva, uma vez que os pais foram responsabilizados pelo interesse dos atletas na iniciação esportiva e entre os 6 e 13 anos de idade, todos foram incentivados a praticar vários esportes como: basquetebol, voleibol, ginástica, futebol, entre outros, além de participarem de atividades consideradas não esportivas, como aulas de inglês, informática e instrumentos musicais. Ainda foi referido que nessa etapa o foco das atividades esportivas estava centrado no lúdico, evitando treinamentos intensos.

A formação profissional dos técnicos entrevistados apresenta um currículo diferenciado: experiência com o basquetebol em outros países, trabalho com categorias de base e principal da Seleção Brasileira, além do registro de inúmeros títulos nacionais e alguns internacionais. O fato que chama a atenção é o investimento de cada um na carreira que, em muitos casos, se confunde com um hobby. Parece ficar evidenciado no estudo que um fator também pode ser considerado fundamental e facilmente generalizado para outras profissões: a paixão por qualquer profissão não pode ser considerada uma mera coincidência na atualidade, passou a ser fator preponderante.

Uma Educação por meio do esporte que esteja de acordo com as teorias atuais exige profissionais experientes e competentes, com capacidade de criticar modelos hegemônicos que necessitam ser superados e capazes de contribuir na construção e implementação de novos modelos. Considero o tema de suma importância para o desenvolvimento do basquetebol no Brasil e este tópico conduz a linha de raciocínio desta pesquisa à próxima categoria de análise.

4.3 EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS POR MEIO DO ESPORTE

Esta foi a segunda categoria emergente, resultante do término da análise das entrevistas. A estrutura textual foi construída no caso específico desta categoria e também das respectivas subcategorias: a relevância da Educação de crianças e jovens por meio do esporte; e críticas, elogios e sugestões referentes à Educação de crianças e jovens por meio do esporte no Brasil.

Conforme mencionado na fundamentação teórica, a importância das ações pedagógicas por meio do esporte foi introduzida no Movimento Olímpico Internacional pelo seu próprio criador, o Barão Pierre de Coubertin. Na Carta Olímpica (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2004) consta como objetivo do Movimento Olímpico: contribuir para a construção de um mundo melhor e mais pacífico, educando a juventude por meio do esporte, praticando sem discriminação de nenhuma classe e dentro do espírito olímpico, que exige compreensão mútua, espírito de amizade e *fair play*. Acredito que o maior desafio, não somente do Movimento Olímpico, como também dos projetos elaborados por pesquisadores considerados referência no tema em questão, é a obtenção do êxito na relação da teoria com a prática e vice-versa.

A importância da Educação, especificamente da Educação por meio do esporte, foi abordada por T1 e T6, respectivamente, que expuseram seus pontos de vista, de acordo com o que segue:

Eu acho que é muito bom a pessoa estar se socializando, estar praticando uma modalidade. Estar tirando ela da ociosidade, de más companhias. Ele tem uma motivação pra viver, muito mais do que ir pra escola que é um hábito que está enraizado, é ele poder ter um compromisso de ter um treinamento, de ter um jogo.

[...] nós temos que massificar a prática do esporte porque ele atua independentemente do nível técnico, como um excelente agente educacional, formativo, colaborando muito na formação do caráter, no burilamento da personalidade, no discernimento do certo e do errado, levando uma vida sã e preparando jovens com muito mais recursos, sob todos os aspectos, para enfrentar a vida e aqueles que têm aptidão, naturalmente, seguirão de uma forma competitiva no esporte de alto rendimento, mas eu acho que a beleza do esporte está nessa forma de criar, de fazer amigos, de representar oficialmente, de se envolver na disciplina, no respeito, no cultivo da liderança, a convivência em grupo, ou seja, eu sou um pouco suspeito para dizer isso porque eu tenho como experiência própria, na minha vida, o valor do esporte na vida de qualquer ser humano.

No campo educacional, ao abordar uma variedade de situações sociais, Bertrand (2001: 143) afirma que “o ensino cooperativo aposta na aquisição de comportamentos sociais

mais interessantes, como a tolerância. Paralelamente, verifica-se uma diminuição de comportamentos como o racismo e a competição”. Esta, é uma das propostas educacionais que colaboraram para a busca de alternativas no que se refere ao esporte, que apresenta nos jogos de crianças e jovens um caráter tão competitivo quanto o dos adultos. Em sintonia com a temática em questão, Freire (1997: 150-151) observa:

A competição, como atividade de jogo, sempre existiu. Isso, contudo, não justificaria por si só sua manutenção. Uma doença qualquer que nos acompanhe há séculos, nem por isso adquire o direito de não ser combatida. O que acontece é que a competição lúdica tem exercido funções importantes: no mínimo, a de manter, nas pessoas e na sociedade, uma característica que, na sua ausência, poderia ter-nos custado a própria existência enquanto espécie.

A falta de respostas convincentes referentes aos questionamentos baseados na tradição histórica das competições de crianças e jovens no esporte tem gerado um número significativo de publicações nessa área de estudo. Os argumentos dos pesquisadores abordam diferentes perspectivas. Ao citar o modelo hegemônico de competições organizadas para crianças e jovens no Brasil, Freire referiu-se, no trecho acima reproduzido, a “uma doença a ser combatida”. Logo a seguir o autor menciona a importância do caráter lúdico nas atividades propostas para crianças e jovens, uma vez que saturação desencadeada por excesso e rigidez nos treinos e jogos não combina com motivação, um dos “combustíveis” para manter os praticantes interessados permanentemente nessas ações.

Ao abordar as competições de basquetebol organizadas para crianças e jovens, T9 expressou as seguintes idéias:

[...] as minhas convicções estão muito mais ligadas, hoje, à Educação, é lógico, eu estou muito afastado hoje do mini-basquete e tudo, mas quando nós montamos a nossa escolinha, a Clínica, a idéia era desenvolvimento biopsicossocial, não tinha nada a ver com competição, tanto que nós tínhamos uma competição interna, nós não participávamos de nada e eu sempre defendia aquelas idéias e defendo as mesmas idéias até hoje, porque acredito nisso, apesar de que o mundo mudou bastante, hoje o amadurecimento é precoce, uma série de outras coisas, mas eu acho que a criança deve se divertir mais do que ter compromissos. [...] eu sempre vou ser contra a competição formal [...]. Então, eu já vi tantos absurdos: pai brigando em jogo, pai brigando com pai, pai brigando com juiz. [...] eu tenho certeza que uma criança com 11, 12 anos não tem maturidade pra agüentar esse tipo de coisas; ela vai chegar aos 15 e vai desistir. Deve haver competição? Lógico que deve, porque hoje o mundo é competitivo e você deve ensinar, mas descobrir outras formas de competição que não seja essa maneira cruel de um campeonato em que vale taça. Então, eu sempre defendi a idéia de grandes festivais, que você vá com uma proposta educacional, que você avalie realmente os movimentos, que você vá com uma proposta de *fair play*.

O foco da questão não aponta para eliminar a competição organizada para crianças e jovens, mas sim adaptá-la de acordo com estudos científicos (BROTTO, 2003; PAES, 1989;

RUBIO, [on-line]). Nesse caso, adequando o esporte praticado por crianças e jovens de acordo com as fases de crescimento e desenvolvimento. T9 e outros sujeitos desta pesquisa também sinalizaram o mesmo entendimento. A convergência do resultado de investigações com as opiniões dos entrevistados parecem evidenciar um alerta aos profissionais que atuam na formação esportiva.

Mesmo ratificando a necessidade de mudança, T18 reforça a dificuldade de modificar um sistema estabelecido, ao responder uma das perguntas da entrevista elaborada para os técnicos do seguinte modo:

Pra você ter uma cobrança de performance e rendimento me parece que a idade ideal é 15 anos, acho que é uma idade boa, acho que antes disso a criança se sente muito pressionada, ela pode criar algumas ansiedades e angústias por não ter o resultado que pode não ser muito positivo pra ela, embora a gente saiba que por mais que a gente pregue isso, peça isso, até é meio utópico, porque é difícil você conseguir isso. Hoje em dia todo mundo quer resultados muito rápido.

Reconheço a importância das atividades competitivas que é salientada por Drewe (1998) ao relacionar esta prática com as seguintes virtudes: coragem, dedicação, disciplina, perseverança, em preparação para a vida. Desconheço estudos que desaprovem as constatações do autor acima referido.

Ao refletir sobre a magnitude que envolve a temática, Brotto (2003: 70) afirma que “a responsabilidade pela sustentação e aprimoramento do Esporte com um contexto para a evolução humana, vem sendo assumida com, cada vez mais, competência pelas Ciências do Esporte”. Um dos fatores registrado recentemente que pode ser considerado responsável pela crescente reflexão acerca da Educação de crianças e jovens por meio do esporte, está baseado no fato de inúmeros técnicos esportivos passarem a assumir a docência universitária ou funções acadêmicas afins. Acredito que a decisão de Brotto de substituir a função de técnico de basquetebol pelo pesquisador na área dos Jogos Cooperativos pode servir de exemplo ao que foi referido.

J9, T13, T14 e T15 apontaram, respectivamente, que não são somente os estudos científicos que sugerem mudanças no modelo considerado hegemônico de iniciação esportiva no Brasil, especificamente no basquetebol, ao declararem:

[...] Pra gente tentar melhorar mais o basquete, nesse negócio de a gente não se preocupar tanto com a vitória, porque a gente vai ter uma vida toda preocupado com isso aí. Preocupar mais com a técnica da molecada, com a formação de atletas realmente, porque aí sim a gente vai ter frutos bons mais pra frente.

[...] eu sempre digo que o trabalho feito no Brasil, nas categorias de base no Brasil é totalmente errado. Por quê? Porque eu acho que não é aquele garoto que recém saiu da faculdade que vai começar a ministrar as aulas na escolinha, tem que ter uma coordenação, uma orientação de um professor mais experiente com maior bagagem. Aí sim, vai passar tudo àquilo para esse estagiário ou para um professor recém formado, ou um ex-jogador, isso acontece muito: ex-jogadores atuarem na escolinha; acontece no Rio de Janeiro, acontece em São Paulo, no Brasil todo, sem falar no nordeste que, às vezes, eu tenho o prazer de visitar e fico perguntando: quem é o professor da escolinha de iniciação e, geralmente são ex-jogadores sem curso de Educação Física, sem aquela parte didática, aquela parte pedagógica e que muito me preocupa. Eu acho que este é um dos motivos porque o nível do basquetebol carioca caiu um pouco.

[...] o garoto até os 18 anos, a gente faz basquete como Educação, pra formar, como um projeto de formadores de adolescentes. Agora de 18 anos pra frente a gente faz basquete como profissão. Eu encaro as duas maneiras completamente diferente. [...] a gente vai percebendo que sempre pegam os meninos de 10, 11 anos e querem que o menino seja especialista de alguma coisa, eu acho isso um absurdo. [...] o que eu considero um absurdo é o seguinte: o menino até os 14 anos ele quer brincar de vídeo game, ele quer brincar na rua, quer andar de bicicleta e tal. E aí você coloca ele no campeonato com muitas responsabilidades. O que eu acho um absurdo é que você vai assistir alguns jogos e o menino lá com 13, 14 anos e está a família toda cobrando dele que ele tem que fazer ponto, [...], que ele tem que chegar à final do campeonato. Eu entendo que o menino não está preparado, ele está preparado pra brincar, pra fazer outras coisas. Eu acho que a gente não pode pular etapas, porque senão quando ele tiver 20 anos ele vai querer fazer uma coisa que ele não fez quando tinha 13, 14 anos.

Nos dias de hoje, eu acho que isso está pesando mais o ser campeão do que a formação [...].

Na medida em que os entrevistados foram expressando suas opiniões, foi possível perceber certa tendência, no caso de J9, T13, T14 e T15 acima transcritos, ao demonstrarem contrariedade no se refere a especialização precoce quando se trata do modelo competitivo em questão. Conforme mencionado, inúmeros investigadores (GOLÇALVES, 2008; FREIRE, 1997; HAHN, 1988) também estão preocupados com a temática e seguem produzindo conhecimento centrados nas competições de crianças e jovens, uma vez que alguma possibilidade de mudança significativa parece estar a uma certa distância da realidade.

A prática da atividade física com fins educacionais passou a integrar os Programas dos Projetos de Responsabilidade Social no Brasil. Ao abordarem o cunho educacional do Instituto Esporte & Educação, Rossetto Júnior et al. (2007: 15) apontam:

Durante a prática dos jogos, entre o fazer (gestos, gols e pontos) e o compreender (táticas, relações e conceitos), a ação e a reflexão, nos aproximamos do esporte como o ideal de educar crianças e jovens, contribuindo para a formação de cidadãos participativos, autônomos e transformadores da sua realidade.

Parece ser unânime a identificação do esporte como um meio educacional muito eficiente. Arena e Böhme (2000: 184) ratificam a afirmação anterior ao afirmarem: “As atividades esportivas podem contribuir para um desenvolvimento biopsicossocial harmonioso da criança e do adolescente nos diferentes períodos etários”. Também parece estar evidenciada a necessidade de embasamento teórico, a exemplo de qualquer outra atividade profissional, para que os resultados práticos sejam mais eficientes.

As evidências teóricas que abordam tanto a Educação de modo global, como a Educação por meio do esporte, criticam o ensino tecnicista, que visa essencialmente vitórias em competições e que segundo Zatti (2007), diminui o que há de fundamentalmente humano na Educação, o seu caráter formador. A fala de T11 corrobora com este autor dizendo:

[...] nós somos educados e muita gente é educada hoje pra ganhar o jogo, isso é uma diferença muito grande no trabalho de iniciação e treinamento básico. Nas categorias menores você tem que ensinar. Eu vim de um curso em Porto Rico que é onde... E mais a minha experiência passada, eu já fazia isso há uns 10 anos na minha escolinha, aprender recreativamente, você tem que entender do jogo, você tem que ensinar ao jogador a jogar basquete e não a ganhar [...]. [...] no começo você vai até perder jogos, no começo é muito mais difícil, mas no futuro, é muito mais promissor do que quem foi educado a ganhar o jogo, então quem mostra muito bem isso é a Iugoslávia [...]. Rússia também.

Ao abordar uma questão técnica relacionada com o jogo de basquetebol, J1 reconheceu um erro originado na sua formação esportiva, que considero normal no modelo de competição precoce, de acordo com o seguinte relato:

Tem o Carlão lá de Franca que hoje está no Mogi que me deu uma força muito grande, me corrigiu várias coisas, porque eu tinha muitos vícios, até de ser muito cestinha e esquecer de marcar e ajudar a equipe em outras funções [...].

O tema provoca, cada vez com mais intensidade, debates e propostas alternativas. Ao se referir aos desempenhos prematuros, J11 relata:

[...] Foi uma pergunta que eu não me lembro quem fez, dando uma palestra pra Seleção. Alguém perguntou se a gente quando jogava na categoria de base, se não tinha nenhum jogador mais talentoso quando a gente era mais jovem e se não tinha nenhum garoto que a gente achava que era melhor que a gente. Todo o mundo falou que sim, quer dizer, não é o jogador que é talento no pré-mirim e no mirim, ele vai se tornar um talento no adulto [...].

Ao refletirem acerca dos valores educacionais, Moretti e Tapetti (2007) enfatizam a importância de não reproduzir-se um modelo, mas sim conhecer e criticá-lo, participando da (re)construção da sociedade. Utilizando como ponto de partida o modelo hegemônico de iniciação esportiva vigente no Brasil, uma das respostas de T12 aborda as 3 categorias de análise desta pesquisa: a idade de competir no mesmo modelo dos adultos, a relevância profissional do Educador Físico e Educação de crianças e jovens por meio do esporte. Esse fato justifica o longo trecho que segue:

Eu acompanho o mini desde que começou e sou visceralmente contra a maneira que essas categorias são encaradas. [...], há praticamente 20 anos que eu falo isso e tenho artigos que eu escrevi e tenho até isso recortado, guardado em casa. São provas do que eu vi, do que eu vivi, eu tive o meu filho, por exemplo, que iniciou no basquete, muito cedo e, eu não queria e ele acabou não virando nada, com todo o *background* que ele tinha dentro de casa, ele acabou não virando jogador porque ele foi queimado muito cedo. Eu acho que a estrutura muito cedo queima você porque há um funil, um afinilamento muito precoce. O campeonato pra valer, o campeonato pra ser disputado tem que ser depois dos 15 anos, [...], antes disso, não. Eu já dei essa sugestão, inclusive, uma época a Federação Paulista tentou fazer isso, mas a mentalidade não deixa. [...]. Eu acho que, dos 10 aos 14 anos, a coisa tem que ser mais da maneira recreativa do que propriamente esportiva. Eu acho que um jogo mini, deveria ser disputado em 5 quartos, cada quarto jogam 5 jogadores, você tem 15 garotos pra jogar e cada quarto vale um ponto, não interessa quanto o jogo acabou e acabou o jogo vamos todo o mundo comemorar, [...]. Fazer festivais assim, finais de semana: meia dúzia de times de algum lugar, congraçamento, o juiz preparado pra apitar, o técnico preparado pra dirigir e fazer a cabeça dos pais, que são o grande entrave disso aí, porque eles querem que o filho jogue como se fosse adulto e juiz que não tem discernimento: dá técnica¹, briga e técnico que fica xingando o garoto o jogo inteiro porque ele joga errado. Então, eu acho que isso está completamente errado, desde que se começou, e a gente tem reflexo pra cima. O que acontece? [...]: você tem 100 garotos numa escolinha, vamos dizer todos com 10 anos de idade, aí chega o diretor e fala: precisamos montar o time pra participar do campeonato. O que você faz? Você escolhe 12 e joga 88 pra China. Esses 12 jogam o mini, quando chega no mirim, numa idade superior, sobram 6 ou 7 [...]. Aí, quando você chega lá na frente que é quando você tem que ter time de basquete, você tem 1 jogador. Você chega aos 16 anos, a maior parte já parou de jogar. Você perde, vamos dizer, na conta: 99 possíveis jogadores de basquete porque você começou precoce. [...]. Nós não temos técnicos preparados pra isso. Geralmente, em time grande, o técnico é um garoto que está começando a jogar no time principal e pra ajudar o salário dele, você contrata pra ser técnico de categoria menor, com 17, 18 anos, ele não sabe nem que quer ainda uma bola, ele passa a treinar uma equipe, quer dizer, o que ele vai transmitir? Absolutamente nada, [...]. Esse é o grande erro do basquete brasileiro.

Com relação à crítica referente aos jogadores que são convidados a iniciarem suas carreiras de Técnicos, porque integram uma equipe de basquetebol, T14, T15 e T16 apresentam seus respectivos testemunhos que podem comprovar essa tradição histórica:

¹ Refere-se a falta técnica (considerada infração) que o árbitro pode marcar contra um técnico ou contra um jogador.

Quando eu jogava, era muito comum, na época, os jogadores que estavam iniciando, dar aulas nas escolinhas.

Eu continuei a praticar o basquete competitivo até os 18, mas como a partir dos 15, eu já comecei a ser um instrutor de escolinha, aos 18 eu me fiz encerrar a minha carreira.

[...] aonde eu iniciei a minha carreira de técnico com 17 anos.

T17 corrobora com a crítica de T12 ao analisar o período em que jogava e ao mesmo tempo exercia a função de técnico, ao reconhecer:

Na época, eu era mais jogador que treinador [...].

Parece estar claro que a experiência e competência dos profissionais que trabalham na Educação esportiva de crianças e jovens estão diretamente relacionadas com a possibilidade de cumprir as recomendações científicas já referidas, considerando as crianças seres em formação e não adultos em miniatura (PIAGET, 1975; WEINECK, 2005), respeitando a integridade física dos jovens praticantes (VARGAS NETO, 1995; GEBKE e MCKEAG, 2003), entendendo a importância do caráter lúdico da atividade física e a preparação gradual ao ambiente competitivo (CÔTÉ, 1999). Desse modo será possível aumentar a possibilidade de desenvolver o repertório motor das crianças (BOMPA, 2000; ERICSSON, KRAMPE e TESCH-RÖMER, 1993; GRECO, BENDA e RIBAS, 2007; WEINECK, 2005) e conseqüentemente se poderá facilitar o desenvolvimento de talentos esportivos (CSIKSZENTMIHALYI, RATHUNDE e WHALEN, 1996; STARKES, 2000; RUBIO, 2004; FILIN, 1996; HAHN, 1988; ADELINO, VIEIRA e COELHO, 2000), bem como a conscientização de adultos ativos fisicamente.

Face ao exposto, é possível afirmar que a realidade brasileira da Educação por meio do esporte exige mudanças para que se possa superar o modelo atual de competição e implementar modelos de acordo com as teorias atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta investigação, foi possível ratificar que o modelo competitivo organizado para crianças e jovens no Brasil privilegia uma especialização precoce e desrespeita as fases de crescimento e desenvolvimento dos praticantes. Essas indicações foram percebidas tanto nas pesquisas que abordam a temática, como nas falas expressas nas entrevistas.

A falta de estudos que comprovem a eficiência no que diz respeito a identificação do talento esportivo e/ou pretensão de formação desse talento por meio de seleção precoce de crianças e jovens esportistas, aponta para uma reflexão que merece maior destaque, uma vez que o tema é complexo e além da Educação Física, abrange diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo: pedagogia, psicologia, influência familiar, aspectos genéticos, entre outros.

Nesse sentido é imperativo não confundir programas de detecção, seleção, desenvolvimento e organização do esporte para crianças e jovens com repetições de competições voltadas para adultos com pequenas adaptações para a faixa etária que compreende a infância e a juventude.

O modelo hegemônico de competição organizada para crianças e jovens vigente no basquetebol brasileiro, não deve ser desprezado, porém não pode ser considerado científico, já que uma das possíveis hipóteses da origem do referido modelo foi legitimada na tradição histórica e a falta de sustentação de cunho científico de tais iniciativas é uma realidade.

Por outro lado, os riscos de uma especialização esportiva precoce, levam à necessidade de observar a relevância da integração entre os pressupostos teóricos com a realidade prática desse contexto, especificamente no que diz respeito à maturação biológica que está relacionada com o “fenômeno” do crescimento que ocorre na puberdade, fase em que a idade cronológica nem sempre corresponde à idade biológica.

Igualmente relacionado com o amadurecimento, a prontidão esportiva também merece especial atenção, uma vez que relaciona o equilíbrio entre o níveis de crescimento, desenvolvimento, maturação e demanda competitiva. Ao constatar que a demanda é superior às características individuais, há indícios de que o indivíduo não está pronto para competir. É exatamente nesse desequilíbrio que se pode encontrar um dos aspectos negativos da competição de crianças e jovens: exigir mais que se pode realizar.

Outro aspecto essencial na iniciação esportiva está relacionado com a relação entre técnicos/professores, familiares, árbitros, dirigentes e praticantes. Não há dúvida que, quando um desequilíbrio relacional, é percebido entre quaisquer que sejam os integrantes desse grupo, as conseqüências podem ser nocivas.

Do mesmo modo, o desenvolvimento do repertório motor (aquisição de habilidades gerais) é um item fundamental e esta proposta é antagônica a especialização esportiva precoce.

Parece ser de senso comum que um dos objetivos que norteia qualquer programa esportivo voltado para crianças e jovens, enfatiza a inclusão de todos os participantes, independentemente da atividade desenvolvida. Portanto, a exclusão não pode mais constar no escopo dos referidos programas e é a partir dessa atitude que está inserida a responsabilidade pedagógica.

A integridade física e psicológica dos aprendizes também não pode ser negligenciada sob hipótese nenhuma. Nesse sentido, a tradição de treinamentos que visam a obtenção de resultados em curto prazo precisa ser superada.

A relevância do papel do professor na sociedade foi ressaltada na fala dos entrevistados e também foi citada, baseada nas investigações dos expertos na temática, especificamente na área da Educação Física. Esta sugestão está centrada na necessidade de professores capacitados e experientes coordenarem a Educação esportiva de iniciantes.

Diante da tradição de inúmeras décadas do modelo hegemônico de competição vigente no basquetebol brasileiro, as reflexões relacionadas com a Educação de crianças e jovens por meio do Esporte sugerem a elaboração de outros estudos, já que os inúmeros pontos polêmicos referentes ao contexto brasileiro parecem estar longe de um consenso.

Entre as alternativas que podem ser recomendadas a partir de princípios orientadores derivados do estudo, estão os jogos cooperativos, festivais e *jamborees* com adaptações para o basquetebol. Diante da complexidade do contexto que apresenta inúmeras variáveis, as evidências apontam para mudanças graduais.

Sem pretender chegar a um resultado unânime, esta tese sugere uma aproximação entre as inúmeras publicações dos renomados pesquisadores com os profissionais que atuam nos campos e quadras do esporte de formação. A proposta acima apresentada parece ser um dos grandes desafios da comunidade científica, principalmente quando se propõe uma Educação por meio do esporte, em um sentido mais amplo e prospectivo, inserido em uma Educação para a Saúde e em uma Educação Social.

REFERÊNCIAS

- ABC NEWS, [on-line]. Disponível em:
<<http://abcnews.go.com/International/story?id=1680047&page=1>>. Acesso em: 7 fev. 2007.
- ADELINO, Jorge; VIEIRA, Jorge; COELHO, Olímpio. Treino de Jovens: o que todos precisam saber! 2. ed. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, 2000. 160p.
- AELLEN, Beat. Fair Play - A topic also for physical education in school. In: HAHN, Erwin; REMANS, Albert (Org.). Promotion of fair play. Brussel: Publi-Budgets, 1988. 243p.
- AMARAL, Jader Denicol do. Jogos cooperativos. São Paulo: Phorte, 2004. 112p.
- ANDRADE, Gracinda. Para uma teoria das competições desportistas em crianças e jovens. In: TAVARES, Fernando et al. (Ed.). Tendências actuais da investigação em basquetebol. Porto: Universidade do Porto, 2001. p. 175-191.
- APOLO, Alexandre. A criança e o adolescente no esporte: como deveria ser. São Paulo: Phorte, 2007. 214p.
- ARENA, Simone Sagres; BÖHME, Maria Tereza Silveira. Programas de iniciação e especialização esportiva na Grande São Paulo. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 184 - 195, jul./dez. 2000.
- ASÍN, Gerardo. Mini-basket. 2. ed. Barcelona: SINTES, 1982. 124p.
- AUGUSTINE, Dianne; GRUBER, Kristin; HANSON, Lynda. Cooperation Works! Educational Leadership, Chicago, v. 47, n. 4, p. 4-7, Jan. 1990.
- BACHELARD, Gaston. O novo espírito científico. Tradução de António José Pinto Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. 151p.
- BAILEY, Richard; TAN, Jon Eng Chon; MORLEY, David. Talent pupils in physical education: secondary school teachers' experiences of identifying talent within the 'Excellence in Cities' scheme. Physical Education and Sport Pedagogy, Abingdon, v. 9, n. 2, p. 133-148, nov. 2004.

BALBINOTTI, Carlos Adelar Abaide et al. Proposição e validação de um instrumento para avaliação do treino técnico-desportivo de jovens tenistas. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 213-226, jul./set. 2004.

BARBANTI, Valdir; TRICOLI, Valmor. A formação do esportista. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go (Org.). Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 199-215.

BARBIERI, César. Educação pelo esporte: algumas considerações para a realização dos Jogos do Esporte Educacional. Revista Movimento, Porto Alegre, n. 11, p. 23-32, dez. 1999.

BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. O desafio da educação para a cidadania. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. 2.ed. São Paulo: Summus, 1998. p. 153-170.

BENTO, Jorge Olímpio. Da pedagogia do desporto. In: TANI, Go; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza (Ed.). Pedagogia do Desporto. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006a. p. 26-40.

_____. Desporto e Princípio de Rendimento. In: TANI, Go; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza (Ed.). Pedagogia do Desporto. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006b. p. 58-90.

_____. Detecção e fomento de talentos. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, São Caetano do Sul, v. 3, n. 3, p. 84-93, jul./set. 1989.

_____. Para um desporto referenciado à saúde. In: BENTO, Jorge Olímpio; MARQUES, António (Ed.). Desporto Saúde Bem-Estar. Porto: Universidade do Porto, 1988. 331p.

BENTO, Jorge Olímpio; GARCIA, Rui; GRAÇA, Amândio. Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. 263p.

BERTRAND, Yves. Teorias contemporâneas da educação. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. 273p.

BIGELOW, Bob; MORONEY, Tom; HALL, Linda. Just let the kids play: how to stop other adults from ruining your child's fun and success in youth sports. Deerfield Beach: Health Communications, 2001. 336p.

BLOOM, Benjamin. Developing talent in young people. New York: Ballentine, 1985. 572p.

BO CARLSSON, Grundare; FRANSSON, Kristin. Youth Sports, Official Sports Policy, and Children's Rights in Society. Nordic Sport Science web journal, Malmö, 30 nov. 2005.

Disponível em:

<http://www.idrottsforum.org/articles/carlsson/carlsson_fransson/carlsson_fransson051130.html>. Acesso em: 17 out. 2006.

BÖHME, Maria Tereza Silveira. O talento esportivo e o processo de treinamento a longo prazo. In: De ROSE Jr., Dante (Org.). Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p. 109-122.

BÖHME, Maria Tereza Silveira. O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 21, n. 2/3, p. 4-10, jan./maio 2000.

BOM DE BOLA PARATI, [on-line]. Disponível em:

<http://www.bomdebolaparati.com.br/principal/noticia.jsp?not_cd=435>. Acesso em: 28 nov. 2007.

BOMPA, Tudor. Total training for young champions: proven conditioning programs for athletes ages 6 to 18. 2. ed. Champaign: Human Kinetics, 2000. 248p.

BOMPA, Tudor. Treinamento Total para Jovens Campeões. Barueri: Manole, 2002. 248p.

BOUCHARD, Claude; MALINA, Robert; PÉRUSSE, Louis. Genetics of fitness and physical performance. Champaign: Human Kinetics, 1997. 408p.

BROTTO, Fábio Otuzi. Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar! Santos: Re-Novada, 2003. 170p.

BROWN, Guillermo. Jogos cooperativos: teoria e prática. Tradução de Rui Bender. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004. 105p.

BUTCHER, Robert; SCHNEIDER, Angela. Fair Play as Respect for the Game. Journal of the Philosophy of Sport, Champaign, v. 15, p. 1-22, 1998.

CABLE NEWS NETWORK, [on-line]. Disponível em:
<<http://archives.cnn.com/2002/LAW/01/25/hockey.death.verdict/index.html>>. Acesso em: 5 fev. 2007.

CAFRUNI, Cristina Borges. Análise da carreira esportiva de atletas brasileiros: estudo da relação entre processo de formação e rendimento desportivo. 2002. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 2002.

CAILLÉ, Alain. The concept of fair play. Olympic Review. Lausanne, v. 26, n. 22, p. 27-33, Aug./ Sep. 1998.

CALE, Lorraine; HARRIS, Jo. Exercise Recommendations for Children and Young People. Physical Education Review, Manchester, v. 16, n. 2, p. 89-98, 1993.

CARDOSO, Marcelo Francisco da Silva. Para uma teoria da competição desportiva para crianças e jovens: um estudo sobre os conteúdos, estruturas e enquadramentos das competições desportivas para os mais jovens em Portugal. 2007. 273 f. Tese (Doutorado em Ciência do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 2007.

CARR, Wilfred. La distancia entre la teoría y la práctica. In: SANTOMÉ, Jurjo Torres (Org.). Una teoría para la educación. Madrid: Ediciones Morata, 1996. p. 51-62.

CAVALLI et al. Responsabilidade social na iniciação esportiva: a inclusão como meta sócio-pedagógica para a emancipação humana. In: RUBIO, Katia (Org.). Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 247-265.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 164p.

CODEA, André et al. Filosofia do esporte, ética e Educação Física, fair play. In: DaCosta, Lamartine (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro, 2005, p. 757-758.

COMITÉ INTERNACIONAL DE MINI-BASKET. I Jamboree Mundial de Mini-basket - Programa. Madrid: Comité Internacional de Mini-Basket, 1972. 112p.

COMITÉ OLÍMPICO BRASILEIRO, [on-line]. Disponível em:
<http://www.cob.org.br/eventos/eventos_interna.asp?id=60>. Acesso em: 27 out. 2007.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, [on-line]a. Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/noticias/showrelease.asp?artigo=4429>>. Acesso em: 6 fev. 2007.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, [on-line]b. Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/competicoes/cnbm2003/clubes.asp>>. Acesso em: 5 jan. 2003.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, [on-line]. Disponível em: <<http://www.volei.org.br/newcbv/tecnico/index.asp?pag=treinadores>>. Acesso em: 5 dez. 2007.

CÔTÉ, Jean. The influence of the family in the development of talent in sport. The Sport Psychologist, Champaign, v. 13, n. 4, p. 395-417, Dec. 1999.

CORREIA, Marcos Miranda. Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164, jan. 2006.

COUBERTIN, Pierre de. Olympic Memoirs. Lausanne: International Olympic Committee, 1997. 236p.

CRATTY, Bryant. Psicologia no esporte. Tradução de Olivia Lustosa Bergier. 2. ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984. 246p.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly; RATHUNDE, Kevin; WHALEN, Samuel. Talent teenagers: the roots of success and failure. Cambridge: Cambridge University, 1996. 317p.

CUSHION, Christopher; ARMOUR, Kathleen; JONES, Robyn. Locating the coaching process in practice: models 'for' and 'of' coaching. Physical Education and Sport Pedagogy, Abingdon, v. 11, n. 1, p. 83-99, Feb. 2006.

DaCOSTA, Lamartine Pereira. Olympism and the Equilibrium of Man. In: MÜLLER, NORBERT (Ed.). Coubertin and Olympism. Questions for the Future. Congress of the International Pierre de Coubertin Committee. 1998. Niedernhansen. **Report...** Niedernhansen: The International Pierre de Coubertin Committee, 1998. p. 188-199.

DAIUTO, Moacyr. Basquetebol origem e evolução. São Paulo: Iglu, 1991. 184p.

De DONDER, Vic. Sport International Panathlon Declaration on Ethics in Youth Sport. International Journal of Physical Education, Schorndorf, v. 43, n. 4, p. 172-174, 2006.

De ROSE JR., Dante. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: De ROSE JR., Dante (Org.). Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p. 67-76.

_____. O estresse no basquetebol. In: DE ROSE Jr., Dante; TRICOLI, VALMOR (Org.). Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática. Barueri: Manole, 2005. p. 203-220.

DREWE, Sheryle Bergmann. Competing Conceptions of Competition: Implications for Physical Education. European Physical Education Review, Manchester, v. 4, n. 1, p. 5-20, Apr. 1998.

ERICSON, Anders; KRAMPE, Ralf; TESCH-RÖMER, Clemens. The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance. Psychological Review, Washington D. C., v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.

ESCOTISMO BRASIL, [on-line]. Disponível em:
<<http://www.escotismo.com.br/his/his07.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2007.

FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE BALONCESTO. Jamboree Nacional Almería: Resumen Técnico. Madrid: Federación Española de Baloncesto, 1983. 39p.

FEDERAÇÃO ACREANA DE BASKETBALL, [on-line]. Disponível em:
<<http://www.feab.com.br/calendario.htm>>. Acesso em: 2 nov. 2007.

FEDERAÇÃO CAPIXABA DE BASQUETEBOL, [on-line]. Disponível em:
<http://www.fecaba.com.br/ver_info.asp?codigo=632>. Acesso em: 2 nov. 2007.

FEDERAÇÃO DE BASQUETEBOL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, [on-line]a. Disponível em: <<http://www.basketrio.com.br/>>. Acesso em 2 nov. 2007.

FEDERAÇÃO DE BASQUETEBOL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, [on-line]b. Disponível em:
<<http://www.basketrio.com.br/campeonatos/basem/2007/MIRIM%20MASCULINO.doc>>. Acesso em: 2 nov. 2007.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE BASKETBALL, [on-line]a. Disponível em:
<http://www.basquetegaucho.com.br/fr_geral.htm>. Acesso em: 2 nov. 2007.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE BASKETBALL, [on-line]b. Disponível em:
<http://www.basquetegaucho.com.br/fr_geral.htm>. Acesso em: 2 nov. 2007.

FEDERAÇÃO MINEIRA DE BASKETBALL, [on-line]. Disponível em:
<<http://www.basketmg.com.br/arquivos/EventosFMB.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2007.

FEDERAÇÃO NORTERIOGRANDENSE DE BASQUETE, [on-line]. Disponível em:
<<http://www.fnbasquete.com.br/>>. Acesso em: 2 nov. 2007.

FEDERAÇÃO PARAIBANA DE BASKETBALL, [on-line]. Disponível em:
<<http://basketparaiba.com.br/campeonatos/paraibano/regulamento2007.htm>>. Acesso em: 2 nov. 2007.

FEDERAÇÃO PARANAENSE DE BASKETBALL, [on-line]. Disponível em:
<http://www.fprb.com.br/wt/modules/downloads/images/regulamento_fprb_2008.pdf>.
Acesso em: 2 nov. 2007.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL, [on-line]. Disponível em:
<<http://www.fpb.com.br/dynamics/campeonatos/categorias.asp?categoria=DE%20BASE>>.
Acesso em. 2 nov. 2007.

FERREIRA, Aluísio Elias Xavier; De ROSE JR., Dante. Basquetebol: técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica. ed. rev. e atual. São Paulo: EPU, 2003. 102p.

FERREIRA, Henrique Barcelos; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do Esporte: Considerações Pedagógicas e Metodológicas no Processo de Ensino-Aprendizagem do Basquetebol. In: PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira (Org.). Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2005. p. 123-136.

FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. Youth Sport in Brazil. In: GOULD, Daniel; WEISS, Maureen (Ed.). Sport for Children and Youths. The 1984 Olympic Scientific Congress, 10., 1984, Champaign. **Proceedings...** Champaign: Human Kinetics, 1984. p. 11-15.

FILIN, Vladimir. Desporto juvenil: teoria e metodologia. Tradução de Antonio Carlos Gomes e Sérgio Gregório da Silva. Londrina: Centro de Informações Desportivas, 1996. 160p.

FILIN, Vladimir; VOLKOV, Vladimir. Seleção de talentos nos desportos. Tradução de Antonio Carlos Gomes e Edson Marcos de Godoy Palomares. Londrina: Midiograf, 1998. 196p.

FLECK, Steven; KRAEMER, Willian. Fundamentos do treinamento de força muscular. Tradução de Jerri Luiz Ribeiro. 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006. p. 376.

FLICK, Uwe. Uma introdução á pesquisa qualitativa. Tradução de Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. 312p.

FOLHAONLINE, [on-line]a. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u50969.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2007.

FOLHAONLINE, [on-line]b. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u59645.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2007.

FRANCO, Gisela Sartori. Psicologia do esporte e cooperação: um jogo infinito. In: RUBIO, Katia (Org.). Psicologia do esporte: teoria e prática. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 113-137.

FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1997. 224p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165p.

_____. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000. 134p.

GALLAHUE, David; OZMUN, John. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. Tradução de Maria Aparecida da Silva Pereira Araújo, Juliana de Medeiros Ribeiro e Juliana Pinheiro Souza e Silva. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005. 660p.

GARCÍA, Juan Manuel Martín. Filosofía del Minibasket y de los Jamborees. Madrid: Federación Española de Baloncesto, 1985. 27p.

GARGANTA, Júlio. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (Ed.). O ensino dos jogos esportivos. 3. ed. Porto: Universidade do Porto, 1998. p. 11-26.

GAYA, Adroaldo; TORRES, Lisiane. O esporte na infância e adolescência: alguns pontos polêmicos. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, Antônio; TANI, Go (Org.). Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 57-74.

GEBKE, Kevin; McKEAG, Douglas. The young basketball player. In: McKEAG, Douglas (Ed.). Basketball. Malden: Blackwell Science, 2003. p. 75-85.

GHILARDI, Reginaldo. Formação profissional em educação física: a relação teoria e prática. Revistas Motriz, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 1-11, jun. 1998.

GIMENO, Eduardo Cervello. Sobreentrenamiento, burnout y motivación en el deporte. In: SUAY I LIERMA, Ferran (Coord.). El síndrome de sobreentrenamiento: una visión desde la psicobiología del deporte. Barcelona: Paidotribo, 2003. p. 39-55.

GLOBO ESPORTE, [on-line]. Disponível em:
<<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA1166889-5187,00.html>>. Acesso em: 3 fev. 2007.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 107p.

GOMES, Marta Corrêa. Solidariedade e honestidade: os fundamentos do *fair play* entre adolescentes escolares. In: TAVARES, Otávio; DaCOSTA, Lamartine (Ed.). Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999. p. 207-222.

GONÇALVES, Carlos. O estudo do *fair play* na Europa. In: TAVARES, Otávio; DaCOSTA, Lamartine (Ed.). Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999. p. 194-206.

GONÇALVES, Carlos Eduardo de Barros. Desportivismo e desenvolvimento de competências socialmente positivas: estudo com jovens dos 13 aos 16 anos em diferentes ambientes de prática desportiva. 2007. 126 f. Tese (Doutorado em Ciências Desporto e Educação Física) - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, 2007.

GOULD, Daniel et al. Burnout in Competitive Junior Tennis Players: I. A Quantitative Psychological Assessment. The Sport Psychologist, Champaign, v. 10, n. 4, p. 322-340, Dec. 1996a.

GOULD, Daniel et al. Burnout in Competitive Junior Tennis Players: II. Qualitative Analysis. The Sport Psychologist, Champaign, v. 10, n. 4, p. 341-366, Dec. 1996b.

GOULD, Daniel et al. Burnout in Competitive Junior Tennis Players: III. Individual Differences in the Burnout Experience. The Sport Psychologist, Champaign, v. 11, n. 3, p. 257-276, Sep. 1997.

GRAÇA, Amândio et al. Perspectiva integrada e progressiva de formação de jogadores em basquetebol. II, CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. v. II, 1991. Porto. **Atas...** Porto: Universidade do Porto, 1991. p. 35-46.

GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino; RIBAS, João. O Sistema de Formação e Treinamento Esportivo: Estrutura temporal. In: GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino (Org.). Iniciação Esportiva Universal. 2. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 63-80.

GRECO, Pablo Juan (Org.). Iniciação Esportiva Universal. 1. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 305p.

GUENTHER, Zenita Cunha. Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. 183p.

HAHN, Erwin. Entrenamiento con niños. Tradução de Wolfgang Simon e Isabel Lledó. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1988. 165p.

HYLAND, Drew. Opponents, Contestants, and Competitors: The Dialectic of Sport. Journal of the Philosophy of Sport, Champaign, v. 11, p. 63-70, 1984.

INTERNATIONAL BASKETBALL FEDERATION, [on-line]. Disponível em: <<http://www.fiba.com/pages/en/game/categories>>. Acesso em: 5 fev. 2007.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. International Olympic Academy: Foundation - Perspectives - Activities. Lausanne: International Olympic Committee, 1992. 25p.

_____. Olympic Charter. Lausanne: International Olympic Committee, 2004. 108p.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, [on-line]. Disponível em: <http://www.olympic.org/uk/passion/studies/full_story_uk.asp?id=1870>. Acesso em: 20 fev. 2007.

JACKSON, Phil; DELEHANTY, Hugh. Cestas sagradas. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 222p.

KRÖGER, Chriatian; ROTH, Klaus. Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. Tradução Pablo Juan Greco. São Paulo: Phorte, 2002. 208p.

KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. 2. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 1998. 160p.

KUNZ, Elenor. Duração da vida atlética de campeões nacionais de atletismo, categoria de menores e conseqüências da especialização precoce desta modalidade - estudo exploratório. 1983. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, 1983.

LEAMAN, Oliver. Cheating and Fair Play in Sport. In: MORGAN, William; MEIER, Klaus (Ed.). Philosophic inquiry in sport. 2.ed. Champaign: Human Kinetics, 1995. 448p.

LENK, Hans. Toward a Social Philosophy of the Olympics: Values, Aims, and Reality of the Modern Olympic Movement. In: GRAHAM, Peter; UEBERHORST, Horst. (Ed.). The Modern Olympics. West Point, New York: Leisure Press, 1976. p. 109-169.

LOLAND, Sigmund. Fair play in sport: a moral norm system. Londres: Routledge, 2002. 175p.

LOVISOLO, Hugo. Mediação: esporte rendimento e esporte da escola. Revista Movimento, Porto Alegre, n. 15, p. 107-117, dez. 2001.

MAIA, José António Ribeiro. O prognóstico do desempenho do talento esportivo: uma análise crítica. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 179-193, jul./dez. 1996.

MALINA, Robert. Competitive youth sports and biological maturation. In: BROWN, Eugen; BRANTA, Crystal (Ed.). Competitive sport for children and youth: an overview of research and issues. Champaign (IL): Human Kinetics, 1987. p. 227-245.

MARKUNAS, Marisa. Uma compreensão dos aspectos psicológicos no desenvolvimento de talentos esportivos. 2005. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, 2005.

MARQUES, António. A preparação desportiva de crianças e jovens: o sistema de competições. In: GUEDES, Onacir Carneiro (Org.). Atividade Física: uma abordagem multidimensional. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 157-169.

_____. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go (Org.). Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 75-96.

MARQUES, António; OLIVEIRA, José Manuel. O treino dos jovens desportistas. Actualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Porto, v. 1, n. 1, p. 130-137, jan. 2001.

_____. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. In: BARBANTI, Valdir et al. (Orgs.). Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde. Barueri: Manole, 2002. p. 51-78.

MARSHAL, Joe; HARDMAN, Ken. The state and status of physical education in schools in international context. European Physical Education Review, Manchester, v. 6, n. 3, p. 5-20, Oct. 2000.

MASSA, Marcelo. Desenvolvimento de judocas brasileiros talentosos. 2006. 198 f. Tese (Doutorado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, 2006.

MATHENY, Eleanor. Vital issues. Washington: American Alliance for Health, Physical Education, and Recreation. 1977. 180p.

MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues. Prediction of future athletic excellence. In: BAR-OR, Oded (Org.). The child and adolescent athlete. Oxford: Blackwell Science, 1996. p. 92-109.

MATVÉIEV, Lev. Fundamentos do treino desportivo. Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Livros Horizonte, 1986. 317p.

McINTOSH, Peter Chisholm. Fair Play: Ethics in sport and education. London: Heinemann Educational Books, 1979. 213p.

MESQUITA, Isabel. A pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos colectivos. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000. 96p.

MESQUITA, Roberto Maluf de. A pedagogia do desporto: investigando o caso do basquetebol, V FÓRUM OLÍMPICO. 2004. São Paulo. **Anais...** São Paulo: EEFÉ-USP, 2004. P. 41-45.

MESQUITA, Roberto Maluf de; STOBÄUS, Claus Dieter; Mosquera, Juan José Mouriño. Investigando o caso do basquetebol: por uma pedagogia do esporte. In: RUBIO, Katia et al (Org.). Ética e compromisso social nos estudos olímpicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p. 167-180.

MICHEO, Willian; AMY, Eduardo. Basketball injuries: upper extremity considerations. In: McKEAG, Douglas (Ed.). Basketball. Malden: Blackwell Science, 2003. p. 177-190.

MITRA, Gheorghe; MOGOS, Alexandru. O desenvolvimento das qualidades motoras no jovem atleta. Tradução de José Curado. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. 232p.

MOLINA NETO, Vicente. A formação profissional em educação física e esportes. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 19, n. 1, p. 34 - 41, set. 1997.

MONTENEGRO, Eduardo. Preliminares ao Fair Play: contribuições para a (de) formação moral do indivíduo através da Educação Física e Esporte. In: TURINI, Marcio; DaCOSTA, Lamartine Pereira (Org.). Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. p. 203-218.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Revista Ciência e Educação, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, ago./dez. 2003.

Disponível em:

<<http://www2.fc.unesp.br/cienciaeducacao/viewarticle.php?id=51&layout=abstract>>. Acesso em: 18 mar. 2007.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva. Ijuí: UNIJUÍ, 2007. 224p.

MORETTI, Alexandre Roberto; TAPETTI, Carlos Henrique. Educação Olímpica Formal, Não Formal e Informal. In: RUBIO, Katia (Org.). Educação Olímpica e Responsabilidade Social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. 206p.

MÜLLER, Norbert. Pierre de Coubertin - Olympism: Selected Writings. Tradução Willian H. Skinner. Lausanne: International Olympic Committee, 2000. 864p.

NBA ENCYCLOPEDIA, [on-line]. Disponível em:

<http://www.nba.com/history/players/jordan_bio.html>. Acesso em: 3 fev. 2007.

NEC NETWORK, [on-line]. Disponível em:

<http://www.necnet.net/artigo.php?id_artigo=31456&item=0>. Acesso em: 8 dez. 2007.

OLIVIER, Giovanina Gomes de Freitas. Lúdico e Escola: entre a Obrigação e o Prazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). Lúdico, educação e educação física. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. p. 15 - 24.

ORLICK, Terry. The second cooperative sports and games book. New York: Pantheon Books, 1982. 268p.

ORLICK, Terry. Vencendo a competição. São Paulo: Círculo do Livro, 1989. 211p.
OSCAR SCHMIDT, [on-line]. Disponível em:
<<http://www.oscar14.com.br/flash/primeirotempohtm.php>>. Acesso em: 10 nov. 2007.

PAES, Roberto Rodrigues. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: De ROSE Jr., Dante (Org.). Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p. 89-98.

_____. Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol. 1989. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, 1989.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: DE ROSE Jr., Dante; TRICOLI, VALMOR (Org.). Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática. Barueri: Manole, 2005. p. 15-29.

PAPALIA, Daiane; OLDS, Sally Wendkos. Desenvolvimento Humano. Tradução Daniel Bueno. 7. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000. 684p.

PARKER, John; STAHEL, Monica. Password: English dictionary for speakers of Portuguese. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 783p.

PARRY, Jim; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo. Esporte para crianças: temas éticos. In: 2º Congresso Internacional de Treinamento Esportivo da Rede CENESP, 2005, Gramado. Revista Perfil, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. v.8, p. 30-30.

PARRY, Jim. The moral and cultural dimensions of Olympism and their educational application. In: INTERNATIONAL OLYMPIC ACADEMY: THIRTY-FOURTH SESSION. Ancient Olympia: International Olympic Committee and International Olympic Academy, 1994. p. 181-195.

PERSONNE, Jacques. Nenhuma medalha vale a saúde de uma criança. Tradução de Dulce Dias. Lisboa: Livros Horizonte, 1991. 255p.

PIAGET, Jean. Piaget ao alcance dos professores. Tradução Ingeborg Strake. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1975. 61p.

PIRES, Gustavo. Gestão do Desporto - Desenvolvimento Organizacional. 2.ed. Porto: Associação Portuguesa de Gestão do Desporto, 2005. 363p.

PLATONOV, Vladimir Nikolaievich. Tratado geral de treinamento desportivo. Tradução de Denise Sales e Felipe Freires de Carvalho. São Paulo: Phorte, 2008. p. 887.

PORTELA, Fernando. Contrapondo Teorias da Formação Ética e a Prática do *Fair Play*. In: TAVARES, Otávio; DaCOSTA, Lamartine (Ed.). Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999. p. 223-237.

_____. Understanding fair play by philosophical approaches and young athletes perspectives. In: International Olympic Academy: 6th International Post Graduate Seminar. Ancient Olympia: International Olympic Committee and International Olympic Academy, 1998. p. 237-248.

PRISTA, António. Desporto: Saúde e Qualidade de Vida. In: TANI, Go; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza. (Ed.). Pedagogia do Desporto. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006. p. 113-121.

REBUSTINI, Flavio; MACHADO, Afonso Antonio; BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. Imediatismo e performance: incongruências na formação do jovem atleta. In: MACHADO, Afonso Antonio (Org.). Especialização Esportiva Precoce: perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 67-83.

RÉGNIER, Guy; SALMELA, John; RUSSEL, Storm. Talent detection and development in sport. In: SINGER, Robert; MURPHEY, Milledge; TENNANT, Keith (Ed.). Handbook of Research on Sport Psychology. New York: MACMILLAN Publishing Company, 1993. p. 285-313.

ROLIM, Livia Maria de Castro; AMARAL, Lia do; MONTEIRO, Henrique Luiz. Hipertensão e exercício: custos do tratamento ambulatorial, antes e após a adoção da prática regular e orientada de condicionamento físico. Revista da Sociedade Brasileira de Hipertensão, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 54-61, 2007. Disponível em: <http://www.sbh.org.br/hipertensao/2007_N2_V10/N2_V10_2007_www-sbh-org-br.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2007.

ROSSETTO JÚNIOR, Adriano José et al. Jogos Educativos: estrutura e organização da prática. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2007. 96p.

ROTELLA, Robert; HANSON, Tom; COOP, Richard. Burnout in Youth Sports. The Elementary School Journal, Chicago, v. 91, n. 5, p. 421-428, May 1991.

RUBIO, Katia, CARVALHO, Adriano. *Areté, fair play* e o movimento olímpico contemporâneo. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Porto, v. 5, n. 3, p. 350-357, set. 2005.

RUBIO, Katia. A história de vida como método e instrumento para a apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. Revista Motus Corporis, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 30-48, maio 2003.

_____. Heróis olímpicos brasileiros. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2004. 316p.

_____. Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 364p.

_____. Criança e esporte: direito ou dever? Coluna Periódica do Conselho Federal de Psicologia [on-line]. Disponível em: <http://www.psicologia-online.org.br/pol/cms/pol/publicacoes/artigos/artigos_030505_0023.html>. Acesso em: 8 set. 2007.

SANT, Joan Rius i. El deporte como marco social del niño. In: MINISTERIO DE ASSUNTOS SOCIALES. Infancia y sociedad. Los deportes. Madrid: Centro de Publicaciones, v. 13, jan./fev. 1992. p. 25-37.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um Discurso sobre as Ciências. 11.ed. Porto: Afrontamento, 1999. 58p.

SHERIF, Carolyn. The social context of competition. In: MARTENS, Rainer (Ed.). Joy and sadness in children's sports. Champaign: Human Kinetics Books, 1978. p. 81-97.

SILVA, Fabio Silvestre. Futebol libertário: um jeito novo de jogar na medida. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. 141p.

SILVA, Luiz Roberto Rigolin da (Ed.). Desempenho esportivo: treinamento com crianças e adolescentes. São Paulo: Phorte, 2006a. 430p.

SOCIEDADE GINÁSTICA DE NOVO HAMBURGO, [on-line]. Disponível em:
<<http://www.ginasticanh.com.br/>>. Acesso em: 28 nov. 2007.

STARKES, Jane. The road to expertise: is practice the only determinant? International Journal of Sport Psychology, Roma, v. 31, n. 4, p. 431-451, Oct./Dec. 2000.

STRÖHER, Manfred; KREBS, Hans-Dieter. DR. H. C. R. WILLIAM JONES. Munich: International Basketball Federation, 1998. 223p.

TAVARES, Otávio. Algumas reflexões para uma rediscussão do *fair play*. In: TAVARES, Otávio; DaCOSTA, Lamartine (Ed.). Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999. p. 173-193.

_____. Mens Fervida in Corpore Lacertoso? As atitudes dos atletas olímpicos brasileiros diante do olimpismo. 1998. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Universidade Gama Filho, 1998.

TERRA, [on-line]. Disponível em:
<<http://esportes.terra.com.br/futebol/estaduais2007/interna/0,,OI1336440-EI8016,00.html>>. Acesso em: 11 dez. 2007.

THOMAS, Jerry; NELSON, Jack; SILVERMAN, Stephen. Métodos de Pesquisa em Atividade Física. Tradução de Denise Regina de Sales e Márcia dos Santos Dornelles. 5. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2007. 400p.

TODT, Nelson Schneider. A maturação biológica e a seleção de atletas no minibasquetebol. 2001. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

TSCHIENE, Peter. En favor e una teoría del entrenamiento juvenil. Revista Stadium, Buenos Aires, n. 143, p. 18-28, oct. 1990.

TUBINO, Manoel José Gomes. As tendências internacionais da educação física. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília, n. 26, p. 6-11, abr./jun. 1975.

TURINI, Marcio. A prática do *fair play* no contexto da atualidade. In: TURINI, Marcio; DaCOSTA, Lamartine Pereira (Org.). Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. p. 219-227.

USA Basketball, [on-line]. Disponível em:
<http://www.usabasketball.com/news.php?news_page=moly_1992>. Acesso em: 12 jun. 2007.

VARGAS NETO, Francisco Xavier de. Deporte y salud. Las actividades físico-deportivas desde una perspectiva de la educación para la salud: síntesis actual. 1995. 426 f. Tesis (Doctorado em Filosofía y Ciencias de la Educación) - Catalunya Centre de Barcelona, Instituto Nacional de Educación Física, Universidad de Barcelona, 1995.

VARGAS NETO, Francisco Xavier de; VOSER, Rogério da Cunha. A criança e o esporte: uma perspectiva lúdica. Canoas: Ed. ULBRA, 2001. 124p.

WEINBERG, Robert; GOULD, Daniel. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. Tradução de Maria Cristina Monteiro. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2001. 559p.

WEINECK, Jürgen. Biologia do Esporte. Tradução de Luciano Prado. 7. ed. rev. e amp. Barueri: Manole, 2005. 758p.

WIGMORE, Sheila; TUXILL, Cei. A consideration of the concept of fair play. European Physical Education Review, Manchester, v. 1, n. 1, p. 67-73, Apr. 1995.

ZATTI, Vicente. Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. 83p.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ R. G. _____
aceito participar do projeto de pesquisa **Educação por meio do esporte: investigando o caso do basquetebol no Brasil**, coordenado pelo Professor Mestre Roberto Maluf de Mesquita da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, telefone 3320- 3683, com a colaboração do Professor Doutor Claus Dieter Stobäus, telefone 3320-3620, concedendo entrevista que será gravada em forma de áudio e vídeo, transcrita e analisada, sendo seus dados publicados e apresentados em eventos científicos.

Porto Alegre, de 2003.

Entrevistado

Roberto Maluf de Mesquita

Claus Dieter Stobäus

ANEXO B - ENTREVISTA COM OS TÉCNICOS

Nome:

Identificação:

Data da entrevista:

Data de nascimento:

Endereço:

Telefones:

E-mail:

1 - Relate sua “vida esportiva” (na condição de técnico).

2 - Até quantos anos você praticou basquetebol competitivo?

3 - Por que parou de jogar?

Com relação às 3 questões anteriores:

4 - Quais os aspectos positivos que você gostaria de mencionar?

5 - Quais os aspectos negativos que você gostaria de mencionar?

6 - Você mudou em algum aspecto no que diz respeito à iniciação esportiva, se levarmos em consideração a época em que trabalhava com mini-basquetebol e os dias de hoje?

7 - Na sua opinião, existe relação entre os jogadores que se destacam na iniciação esportiva com a possibilidade dos mesmos jogarem no alto nível? Justifique.

8 - Se você pudesse estabelecer uma idade ideal para um jogador iniciar a competir nos modelos do Campeonato Estadual, qual a idade que você elegeria? Justifique.

9 - Em que idade ou faixa etária um jogador profissional de basquetebol atinge o auge da sua carreira? Justifique.

10 - Considerações finais.

ANEXO C - ENTREVISTA COM OS JOGADORES

Nome:

Identificação:

Data da entrevista:

Data de nascimento:

Endereço:

Telefones:

E-mail:

1 - Relata a sua “vida esportiva” (na condição de jogador).

Com relação à questão anterior:

2 - Quais os aspectos positivos que você gostaria de mencionar?

3 - Quais os aspectos negativos que você gostaria de mencionar?

4 - Se você pudesse estabelecer uma idade ideal para um jogador iniciar a competir nos modelos do Campeonato Estadual, qual a idade que você elegeria? Justifique.

5 - Na sua opinião, existe a possibilidade de os jogadores que se destacam na iniciação esportiva jogarem no alto nível? Justifique.

6 - Em que idade ou faixa etária um jogador profissional de basquetebol atinge o auge da sua carreira? Justifique.

7 - Você gostaria de mencionar o nome de um ou mais técnicos que contribuíram para a sua formação como jogador?

8 - Qual era a sua posição quando você iniciou a jogar basquetebol?

9 - Qual a sua posição atualmente?

10 - Qual a posição em que você gostaria de jogar? Justifique.

11 - Considerações finais.